



EM JOÃO PESSOA

Motoboys denunciam rotina de agressões durante entregas

Trabalhadores protestam contra violência cometida por clientes e apontam adoecimento da categoria. **Página 7**

Foto: Clovis Porciuncula/Divulgação



PB constrói e recupera barragens para garantir segurança hídrica

Com 90% do território localizado no Semiárido, cobrindo 194 municípios, estado ganhará mais quatro barragens, com investimentos do Governo Estadual de aproximadamente R\$ 200 milhões. Também serão realizadas perfurações de 630 poços, com recursos de R\$ 40,5 milhões, além da manutenção de reservatórios.

Página 5

Começa a contagem regressiva para as eleições do próximo ano

Em meio a uma intensa crise entre as instituições, políticos concentram-se nas articulações partidárias na Paraíba e no país.

Página 13

CEO da Alpargatas garante que estado da PB é a casa da empresa no mundo

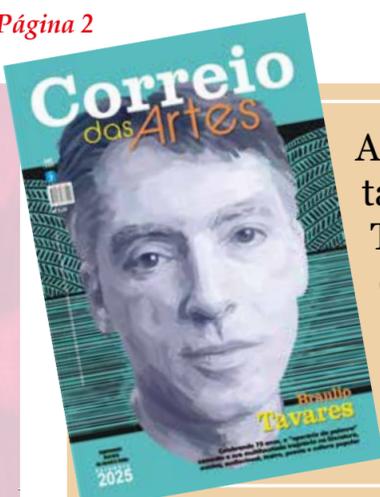
Liel Miranda esteve no estado, no dia 25 de setembro, para inaugurar o Centro de Serviços Compartilhados, em Santa Rita.

Página 4

■ “Lucas Arroxelas, assim como Chico Viana e Lau Siqueira, vem dando presença à crônica paraibana nas páginas eletrônicas das Crônicas Cariocas”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2



Artista de múltiplos talentos, Bráulio Tavares é o destaque do Correio das Artes

Confira, ainda, análise de Maria das Neves Franca sobre contos de Aldo Lopes e o lançamento da coleção de versos de Maria do Carmo Ferreira.

Exposição gratuita, na capital, ressalta a vida e a obra do Rei do Ritmo

Mostra será realizada pela FCJA, em Tambaú, e reunirá livros, discografia e painéis com depoimentos de artistas influenciados pelo paraibano.

Página 25

Foto: Divulgação/Criativa Turismo



Rota turística exalta o Rio Paraíba

Passeio, oferecido a cada seis semanas, de acordo com a maré baixa, propõe interação com as paisagens e a cultura local.

Página 8

Setor de serviços lidera abertura de pequenos negócios, seguido do comércio

Estado segue tendência nacional. São mais de 12 milhões de empreendimentos nessa área em atividade em todo o país.

Página 17



Ilustração: Tônio

Editorial

As fraudes evoluem

É impressionante — até porque incalculável — o número de pessoas que se dedicam, hoje, em todo o país, a tramar e executar golpes, desferindo-os contra o patrimônio alheio. Com o advento da internet e a “virtualização” das relações financeiras entre pessoas e instituições, os falsários conseguem “enfeitar” com mais facilidade uma enorme quantidade de vítimas e burlar com maior rapidez e eficiência os sistemas de segurança.

Cigarros, bebidas alcoólicas, refrigerantes, remédios, alimentos... É grande e diversificada a lista de produtos falsificados que circulam em todo o país, lesando o bolso e a saúde de milhares de pessoas. Tomar um drinque para relaxar pode ser o passaporte para o hospital ou cemitério. Um suplemento alimentar capaz de “levantar até defunto” pode deitar por terra os planos de vitória de um desportista.

A título de exemplo, vale lembrar que o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, por meio de pesquisa, constatou que, de julho de 2024 a junho de 2025, nada menos do que 24 milhões de brasileiros foram vítimas de golpes financeiros, por meio do Pix ou de boletos bancários. Os prejuízos atingiram a incrível cifra de R\$ 29 bilhões, dinheiro surrupiado, principalmente, dos bolsos de idosos, na maioria, provavelmente, aposentados.

Muito antes, um estudo feito para subsidiar o relatório semestral Global de Tendências de Fraude Omnichannel da TransUnion constatou que “40% dos brasileiros já foram alvo de fraudes por e-mail, internet, telefone ou mensagens de texto”. Desse total, 10% dos pesquisados confessaram que caíram no conto do vigário. As tentativas golpistas não têm dia nem hora para acontecer, portanto é preciso ter muito cuidado.

Saliente-se que, por variados motivos, muitas vítimas não registram o golpe sofrido, seja em uma determinada pesquisa, seja nas delegacias, tornando impreciso o número de artimanhas utilizadas, faça sol ou caia chuva, para botar a mão nas bolsas dos outros. Sendo assim, o número real de vítimas e o valor subtraído com tanta desonestidade continuam em aberto, mas, com toda certeza, o montante real é assustador.

Em vista disso, empresas e pessoas devem redobrar a vigilância, para evitar perder dinheiro, porque os criminosos não estão para brincadeira. O Poder Público, por exemplo, poderia orientar as pessoas a se precaverem, por meio de campanhas educativas nos veículos de comunicação. O assunto deve estar em pauta permanente dentro das casas, das escolas e das empresas, para que se crie um escudo protetor contra a delinquência.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

1992: A juventude que derrubou presidente

No domingo, 16 de agosto de 1992, milhares de jovens saíram às ruas das capitais brasileiras vestidos de preto e com os rostos pintados de verde e amarelo. Nascia, naquele dia, o movimento dos Caras Pintadas. As manifestações foram uma reação direta ao pronunciamento feito três dias antes, pelo presidente Fernando Collor, em rede nacional, quando pediu o apoio da população diante das acusações de corrupção que pesavam contra ele.

Os protestos foram organizados pela União Nacional dos Estudantes (UNE) e pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), contando com a adesão de entidades da sociedade civil, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Central Única dos Trabalhadores (CUT). A juventude de 1992 retomava, assim, o protagonismo nas lutas democráticas. Mesmo numa época sem redes sociais, a comunicação “boca a boca” levou à mobilização nacional, tendo como objetivo central o *impeachment* do presidente, no cargo desde março de 1990. O paraibano Lindbergh Farias, então presidente da UNE e hoje deputado federal, despontou como a principal liderança estudantil daquele momento histórico.

A partir dali, dezenas de manifestações se espalharam pelo país, até que, em 2 de setembro, foi aberto o processo de *impeachment*, impulsionado pela força da juventude nas ruas. Sete dias depois, o Congresso Nacional, em sessão histórica, aprovou a admissibilidade do pedido. O relator do processo foi o nosso conterrâneo, o então senador Antônio Mariz. Após meses de defesa e sucessivas tentativas de permanecer no cargo, Collor renunciou à Presidência da República em 29 de dezembro de 1992. O presidente que havia sido eleito com o discurso de “caçador de marajás” e com o slogan “ladrão vai para a cadeia” deixava o Palácio do Planalto pela pressão popular da geração de 1992.

A insatisfação com o governo já vinha se acumulando. A medida mais traumática foi o chamado “confisco da poupança”, quando o Plano Collor determinou

o congelamento, por 18 meses, das contas bancárias com valores acima de 50 mil cruzeiros. O país vivia forte instabilidade econômica. Mas o desgaste político se intensificou em maio daquele ano, quando Pedro Collor, irmão do presidente, concedeu entrevista à revista Veja, denunciando esquemas de corrupção que envolviam Fernando Collor e seu tesoureiro, Paulo César Farias. As revelações levaram à instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar desvio de verbas públicas e pagamentos de despesas pessoais com recursos de empresas-fantasma.

A queda de Collor representou a vitória da mobilização estudantil, que retornava com força às ruas como símbolo de participação popular. As manifestações dos Caras Pintadas foram marcadas pelo humor, pela criatividade e pela ironia. Mais do que os discursos, eram os rostos pintados e a bandeira brasileira usada como vestimenta que transmitiam as mensagens de inconformismo e esperança.

O movimento dos Caras Pintadas tornou-se um marco da história recente do Brasil. Ele simbolizou a capacidade de união dos brasileiros — especialmente da juventude — na luta contra a corrupção e em defesa da democracia. Uma lição de cidadania que segue atual e necessária.

“

A queda de Collor representou a vitória da mobilização estudantil, que retornava com força às ruas

Foto Legenda

João Pedrosa



Pausa para relaxar

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Meu caro Arroxelas...

...Lucas Arroxelas, poeta e cronista a quem me dirijo e, sem que a tanto tencione, sobrevém Arroxelas, Antônio Augusto, a quem não pude barrar a surgir dos guardados mais vivos da memória.

Sobrevém nessa alusão algo mais que um sobrenome, um vulto de participação destemida da cidadania nas questões e nas lutas de um tempo o mais próximo que tivemos até hoje das sonhadas reformas sociais. Tivemos em Antônio Arroxelas, avô do jovem escritor a quem saúdo, o militante de coerência inquebrantável frente à repressão e às facilidades privilegiadas escondidas na política. A idade não lhe quebrou o ideal, ainda que o modelo aberto a toda a juventude dos anos 1950, a terra azul de Gagarin, fosse tragado pelo novo capitalismo.

Não bastasse o avô Arroxelas, lá vem Chico Arnaud, outro avô de fazer inveja aos netos mais bem-aventurados, um modelo de administrador público a serviço do Estado, da prefeitura, e dos que dariam a vida por um teto seu, dos seus filhos. Sabem o que é isso 70% ou mais da nossa população que saiu povoando as redondezas da cidade.

A euforia geral de hoje tem se concentrado no rico investimento habitacional com suas moradias de luxo a atrair o turista, futuro dono do que temos de melhor na paisagem que se acrescenta e na que a cada dia se requalifica na linguagem nova. Mas não consigo me livrar, nome por nome, dos que comigo sonharam e conseguiram se firmar além da conquista individual.

Dito isso, eis-me lendo uma nova e boa crônica que vem se juntar ao celeiro de que **A União** tem dado a mais antiga e bem-sucedida lavra. Lucas Arroxelas, assim como Chico Viana e Lau Siqueira vêm dando presença à crônica paraibana nas páginas eletrônicas das Crônicas Cariocas. E, de repente e de graça, me vejo mencionado e remetido ao endereço mais ambicionado pelos que se entregam à ventura literária, o

“

Eu, a nossa João Pessoa, a Torre. Quantas vezes tentei ser lido na terra de Machado de Assis!

Rio, nossa metrópole cultural.

Eu, a nossa João Pessoa, a Torre. Quantas vezes tentei ser lido na terra de Machado de Assis! Em 1962, quando pisei no Rio pela primeira vez, já o conhecia de calçada, de praça, de rua e mesmo de casa adentro. Em salas em que me sentei a partir de “Relíquias da Casa Velha”, uma edição popular fora das feitas para enfeitar estante até o ambiente rico de história e de personagens que continua habitando não só em sua ficção como na realidade bendita de sua crônica.

Como tentei! E vem Otávio Sitônio Pinto, naquela crueza: — Sua crônica é localizada, nego velho. É difícil vender lá fora. E se dê por feliz.

Eu tinha mandado um de meus livros — “Um sítio que anda comigo” — a meia dúzia de renomes que tive a rara chance de conhecer. Recebi de um deles: “Recebi seu livro, obrigado”. Vinte anos depois, tentando dar à crônica uma roupagem de novela, faço nova remessa com “Retrato de memória”. Recebi do grande Ledo Ivo algumas palavras de conforto. E já me dei por satisfeito.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

ESPERANÇA NO ESPAÇO

Projeto inspira egressos do sistema prisional na PB

Reintegração social aposta na astronomia para gerar oportunidades

Maria Beatriz Oliveira
 Obeatriz394@gmail.com

Estrelas, planetas, constelações e a Lua — tudo ao alcance do olhar, sem grades no caminho. É isso que os detentos da Cadeia Pública de Esperança podem contemplar ao olharem o universo nos telescópios que eles mesmos construíram enquanto estavam cumprindo pena. A iniciativa faz parte do projeto de ressocialização Esperança no Espaço, que busca oferecer aos egressos do sistema prisional não apenas novas habilidades, mas também a possibilidade de ocupar um novo espaço na sociedade.

Foi o projeto Esperança no Espaço, criado por Lindemberg Gonçalves, diretor da Cadeia Pública de Esperança, no interior da Paraíba, que transformou a trajetória de Fábio Costa, morador de Sossêgo. Durante o cumprimento da pena, ele aprendeu a fabricar telescópios e, após deixar a prisão, tornou-se microempreendedor. Hoje, a confecção e a venda dos equipamentos garantem parte da sua renda mensal.

Durante a pandemia, Lindemberg encontrou uma forma de realizar um sonho de infância: observar os astros. Para isso, decidiu fabricar em casa seu próprio telescópio. Ao comentar no trabalho que havia conseguido construir o equipamento do zero, ouviu de um dos detentos a pergunta: “Você pode fazer um para mim quando eu sair da



Foto: Divulgação/Secom-PB

Com o telescópio, é possível observar objetos situados a até 30 milhões de anos-luz da Terra

prisão?”. A resposta de Lindemberg foi imediata: não faria sozinho, fariam juntos — e ali mesmo, dentro da cadeia. Assim começou a nascer o projeto.

“O diretor, seu Lindemberg, teve a ideia de criar algo que ajudasse a gente, que estava privado de liberdade. Ele sempre gostou de Astronomia e queria ter um telescópio, mas não tinha condição de comprar. Então, juntou umas peças, começou a montar e chamou a gente para participar, para ocupar a mente dentro daquele ambiente”, contou Fábio, quem fez o pedido ao diretor.

Para Lindemberg, a iniciativa une dever profissional e

vocação pessoal.

“Ressocializar é nada mais que cumprir a lei, que determina recuperar as pessoas e devolvê-las à sociedade. Mas, falando como ser humano, é também dar a oportunidade para quem errou encontrar caminhos melhores. É um ato de cidadania. Como policial penal e amante da Astronomia, eu digo que, por meio do Esperança no Espaço, me tornei duplamente realizado”, afirmou.

Na prática, o projeto não apenas conecta a profissão do diretor à sua paixão pela Astronomia, mas também envolve toda a cidade de Esperança. Isso porque a maior parte dos materiais usados na cons-

trução dos instrumentos de observação espacial é arrecadada e doada pela própria comunidade.

Os telescópios são construídos a partir de materiais simples, como sobras de madeira da indústria moveleira, tubos de PVC de 150 mm, cabos de vassoura, raios de bicicleta e canos de PVC comuns. Além desses itens reaproveitados, são adquiridos o *laser*, os espelhos e as lentes oculares.

Com eles, é possível observar objetos situados a até 30 milhões de anos-luz da Terra, além de quase todos os planetas do sistema solar, galáxias, aglomerados globulares, aglomerados abertos e nebulosas.

Programa será expandido para outras unidades

Com o apoio da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap) e da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Sec ties), o projeto está em fase de expansão e deve ser levado para outras unidades prisionais do estado.

“Queremos também contemplar outros setores da sociedade, como escolas e universidades. Nosso sonho é que um dia surja um cientista oriundo do Esperança no Espaço, seja ele um estudante ou um reeducando”, destacou Lindemberg Gonçalves, gestor da Cadeia Pública de Esperança.

Além do trabalho manual, cujo resultado é doado a escolas públicas da região, o projeto também abriu espaço para que os detentos aprendessem sobre algo que antes parecia distante: o universo.

“Aprendemos a construir o telescópio, mas também mergulhei no estudo da Astronomia, muito mesmo. O diretor Lindemberg é uma pessoa muito humana, ele me ensinou muita coisa, principalmente como observar da forma correta. Ele sempre trazia professores, por meio da Seap. Na cadeia, tínhamos uma sala de aula, assistíamos a vídeos sobre Astronomia para estarmos

sempre atualizados”, relatou Fábio.

Para João Alves, secretária de Administração Penitenciária da Paraíba, o projeto é um exemplo de sucesso. “É uma iniciativa das mais simbólicas na política de reinserção social de pessoas em privação de liberdade. Quem imaginaria pessoas em cumprimento de pena fabricando potentes telescópios? Esse projeto, por sua inovação, conquistou prêmio nacional da rede Globo de televisão. O idealizador, Lindemberg, percorre a Paraíba realizando eventos de observação com os telescópios e, assim, multiplica a possibilidade de mais pessoas terem conhecimento sobre a Astronomia. Muitos estudantes estão despertando interesse em visualizar os astros. A Seap contribui com a democratização do ensino da Astronomia. Nossa gratidão ao governador João Azevêdo que tem proporcionado avanços nas ações direcionadas a quem, mesmo recluso, investe em si, busca estudar, se capacitar, visualizando a liberdade, a conquista de espaço no mercado de trabalho, e em cursos de nível superior, após passagem pelo Enem PPL e Encceja PPL”, declarou Alves.

Empreendendo

Para Fábio, continuar produzindo telescópios após cumprir a pena foi a forma encontrada para garantir renda em um momento em que conquistar um emprego formal não é tarefa fácil.

“Quando a gente sai do sistema prisional, são poucas as pessoas que estendem a mão e oferecem uma oportunidade. O projeto Esperança no Espaço veio justamente para me dar uma vida fora da prisão, dar uma chance para quem realmente quer seguir em frente, quer algo melhor para si mesmo”, afirmou.

Além de concluir sua pena como astrônomo amador, Fábio aproveitou o período na prisão para investir nos estudos e alcançar o Ensino Superior. “Realizei o Enem ainda dentro do sistema prisional, com o apoio da Seap e da equipe da Cadeia de Esperança, que organizaram toda a minha inscrição. Em seguida, cursei uma faculdade na modalidade EAD e me formei em Gestão Pública. Saí de lá com um diploma em mãos, o que fez toda a diferença para mim”, destaca.

Hoje, além da produção dos instrumentos de observação espacial, ele também conquistou um emprego fixo na cidade onde vive. Mesmo assim, segue confeccionan-

do telescópios como forma de complementar a renda e aposta neles como seu futuro profissional.

“Assim que saí, os telescópios foram minha principal fonte de renda. Hoje, junto a produção com meu trabalho. Meus clientes são pessoas apaixonadas por Astronomia que nunca tiveram chance de observar o universo e percebem que é mais viável encomendar um artesanal do que comprar um industrializado, que é caro e inacessível para a maioria. Já vendi para várias cidades da Paraíba e também para o Rio Grande do Norte. Em média, levo de uma a duas semanas para fabricar cada telescópio”, detalhou.

De acordo com ele, a experiência vivida dentro da prisão transformou-se em aprendizado e em uma nova perspectiva de vida.

“É uma área que está crescendo e é gratificante produzir algo que ajuda pessoas, especialmente jovens que talvez nunca tenham condições de ter um telescópio próprio. Eu mesmo só vi um telescópio pela primeira vez dentro da prisão. Mas ali eu não estava enxergando apenas o espaço: estava enxergando um futuro melhor, não só para mim, mas para meus colegas reeducandos”, concluiu.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

A geometria do invisível

Antes dela, meus dias eram desenhados com régua e compasso. A principal delas: a ideia de que Deus era uma construção humana, um andaime erguido para suportar o vazio do cosmos. Eu era um arquiteto do concreto, um homem da lógica, das equações que fechavam com precisão. O Universo era uma máquina de matéria e energia, e ponto-final.

Então, ela entrou na minha vida como uma melodia em uma sala de cálculos. Ela carregava uma fé que não era estridente nem proselitista. Era algo quieto e radicado, como uma nascente que brota silenciosa no sopé de uma montanha. E eu, o ateu de convicções inabaláveis, deixei-me levar por essa corrente, confuso por ainda conseguir respirar debaixo d'água.

Nosso ritual crepuscular nasceu sem planejamento. Eu ficava na sala, imerso em livros ou imagens em movimento, até notar sua ausência brevemente. A curiosidade, mais do que qualquer outra coisa, levava-me até o quarto. A porta ficava sempre entreaberta. E lá estava ela, sentada à beira da cama, envolta na penumbra aconchegante, com um terço de contas desgastadas pelo tempo entrelaçado em seus dedos. A luz suave do abajur tecia um halo em seus cabelos, e seu perfil era uma linha de serena beleza contra a parede.

Não era uma *performance*. Era um ato solitário, de uma intimidade quase palpável. Ela não rezava para um público, rezava para agradecer. Eu observava, paralisado, como um etnógrafo documentando um ritual ancestral. No início, minha mente analítica dissecava o momento: repetição, busca por conforto, um mecanismo para impor ordem ao caos existencial.

Mas algo fundamental começou a se transformar. Não foi uma ruptura, foi uma erosão lenta e persistente, como a água que molda a pedra. Eu escutava o sussurro constante das Ave-Marias e, aos poucos, deixei de ouvir palavras vazias para sentir sua essência. Era a cadência pura da gratidão. Ela não suplicava por riquezas ou intervenções espetaculares. Ela agradecia pelo alimento à mesa, pela saúde da família, por um gesto de gentileza inesperado durante o dia. E, então, uma noite, com um frio na espinha e o coração acelerado, capturei as palavras: “... e agradeço por ter colocado ele no meu caminho. O amor que eu tanto pedia”.

Eu era esse amor.

A revelação foi um terremoto. Na minha cosmologia, nosso encontro era um acidente estatisticamente possível, um feliz alinhamento de átomos e circunstâncias. Na dela, era a resposta audível a um diálogo constante com o invisível. E, paradoxalmente, a explicação dela começou a parecer não apenas mais poética, mas mais rica do que a minha. O acaso era estéril e solitário. A prece respondida era fértil, era parte de um tecido de conexões.

Minhas convicções, outrora rochas inabaláveis, começaram a apresentar rachaduras. Eu não via um velho de barbas nas nuvens, não escutava coros celestiais, mas via o efeito transformador que aquela crença operava nela. A paz que ela irradiava naqueles minutos não era a de alguém alienado, mas a de quem se sentia profundamente acompanhado. E, ao me ver como a manifestação tangível daquela gratidão, uma questão insistentemente brotou: e se existir uma harmonia que minha razão não é capaz de notar? E se a verdadeira beleza residir justamente no mistério?

Em uma noite, ela percebeu minha silhueta na porta. Em vez de constrangimento ou um convite, ela me ofereceu um sorriso tranquilo e continuou seu terço, seus olhos brilhando com uma luz que nenhum espectrômetro poderia medir. Naquele instante, eu não desejava mais dissecar. Desejava compreender. Não com o intelecto, mas com uma parte de mim que, talvez, eu estivesse redescoberto.

Não me tornei um homem de fé convencional. Minhas interrogações ainda são minhas fiéis companheiras. Mas agora elas dividem o espaço com uma nova possibilidade: a de que há mais mistério entre o céu e a terra do que pode conceber minha vã geometria. E quando me deito ao seu lado, após seu silêncio repleto de gratidão, olho para ela adormecida e, no escuro, murmuro minhas próprias palavras. Não direcionadas a um deus que talvez exista, mas para o Universo que a colocou no meu caminho. É um agradecimento. E, quem sabe, uma prece disfarçada de um cético que, finalmente, aprendeu a enxergar o inefável.



Foto: Roberto Guedes

Liel Miranda

CEO da Alpargatas

“A Paraíba é a casa da Alpargatas no mundo”

Em entrevista, diretor-executivo falou dos investimentos da empresa no estado e do potencial no mercado internacional

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Com cerca de 12 mil empregados no mundo e um faturamento de R\$ 4 bilhões no último ano, a Alpargatas tem uma história industrial que se confunde com a Paraíba. Em 1985, inaugurou a fábrica de Campina Grande, que hoje é a maior de toda a empresa, e, na mesma década, a cidade de Santa Rita, na Grande João Pessoa, recebeu mais uma unidade de produção da indústria. Atualmente, as duas fábricas paraibanas contam com quatro mil trabalhadores.

Com escritórios em Dubai, Madrid e Nova Iorque, a Alpargatas tem como casa histórica a Paraíba e essa relação com o estado tem sido crucial para o grande sucesso da multinacional brasileira. É o que garante o CEO da empresa, Liel Miranda. Natural de Mato Grosso do Sul, o atual diretor-presidente da empresa esteve em solo paraibano, no último dia 25 de setembro, para a inauguração de um Centro de Serviços Compartilhados (CSC) na fábrica de Santa Rita, lugar que Liel vislumbra como um polo de desenvolvimento de inovação e tecnologia da Alpargatas no mundo.

No comando da Alpargatas desde fevereiro de 2024, Liel teve uma conversa exclusiva com a reportagem do jornal **A União** e falou dos investimentos da empresa no estado e da relevância da indústria, que produz as famosas sandálias Havaianas, líder de vendas no Brasil e que, segundo o CEO, tem grande potencial no mercado internacional.

A entrevista

■ *A Alpargatas viveu um momento difícil depois da pandemia, mas atualmente atravessa uma retomada de investimentos e de melhora nos seus resultados financeiros. Como foram esses últimos anos da empresa?*

A empresa passou por um período mais difícil, principalmente nos anos de 2022 e 2023, e aí a gente precisava fazer um *turnaround*, uma reversão da tendência, porque a tendência era negativa. Estávamos perdendo volume, com custos crescendo, acumulando inventário e, com isso, tendo problemas de caixa, porque, quando o inventário fica parado, você não gera caixa. Então, a empresa estava numa situação negativa naquele momento, e o objetivo era fazer ela voltar a crescer. Cheguei à empresa em fevereiro de 2024 e hoje a Alpargatas está numa situação muito saudável. A empresa está com endividamento zero, tem um caixa positivo todo mês, gera caixa e está com um inventário que é menos da metade do que foi na época que falei. Estamos crescendo no Brasil, no faturamento. Estamos com crescimento de dígito duplo. Estamos crescendo não só no faturamento, mas também no volume e a margem está se expandindo. Então, quando você olha uma empresa, tudo que precisa funcionar está funcionando. Cresce volume, cresce faturamento, os custos estão sob controle, o estoque está sob controle, então o lucro fica maior a cada trimestre. É nessa fase que estamos agora.

■ *Você visitou Santa Rita por conta da inauguração do Centro de Serviços Compartilhados. O que é esse*

centro e qual a importância dele para a empresa?

A gente está fazendo com que Santa Rita seja um lugar onde se desenvolve inovação, tecnologia, automação e digitalização. Então, essa é a importância de Santa Rita para nós. Temos aproximadamente 1.400 pessoas trabalhando aqui [em Santa Rita]. Investimos muito nos últimos dois anos. Foram cerca de R\$ 50 milhões de investimentos só aqui na fábrica de Santa Rita. É por isso que nós resolvemos trazer o Centro de Serviços Compartilhados para cá, porque a gente quer fazer com que isso fique muito integrado com o desenvolvimento de inovação e tecnologia que tem aqui na fábrica. Aqui vamos conseguir desenvolver soluções de serviços para companhia no mundo inteiro, num lugar só. Então, você consegue ter as pessoas mais capacitadas, você consegue botar dinheiro em uma tecnologia que você consegue usar em escala, ao invés de ter que investir um pouquinho em cada lugar no mundo. Então, é essa a importância de agora termos um CSC dentro da nossa estrutura. Antes, tínhamos uma empresa parceira, terceirizada, que comandava o CSC. Depois de anos, entendemos que tínhamos que internalizar essa estrutura e foi o que fizemos. A Alpargatas está no mundo inteiro, temos escritórios em Dubai, um escritório em Madrid, um escritório em Nova York e um escritório grande em São Paulo. Além disso, contamos com quatro fábricas: em Santa Rita, em Campina Grande, em Montes Claros e em Carpina.

Em todos esses lugares, somando tudo, temos cerca de 12 mil colaboradores. Todos os processos de pessoal, de recursos humanos e de finanças não são feitos em cada lugar, eles são feitos todos daqui e eles servem para todos esses colaboradores que estão no mundo inteiro.

■ *Qual a importância estratégica da Paraíba dentro do mapa produtivo da empresa?*

A Paraíba é a casa da Alpargatas no mundo. Santa Rita é muito importante para a Alpargatas. Essa fábrica é especial porque aqui a gente tem planta-piloto para desenvolver inovações e tem um laboratório central para desenvolver tecnologias. E agora nós temos esse CSC que vai prestar serviço para companhia no mundo inteiro. Então, Santa Rita tem um papel muito importante para todos nós exatamente por isso, porque para continuar crescendo você precisa de inovação. Essa fábrica aqui é o nosso centro de desenvolvimento de inovação. Todas as máquinas de inovação estão aqui. Antes de expandir para as outras fábricas, começamos aqui. E o centro de serviços está nessa mesma categoria, porque agora nós vamos usar esse centro de serviços para automatizar os processos no mundo inteiro. E Campina Grande tem a maior fábrica que nós temos no mundo: tem o maior número de colaboradores, a maior produção, a maior quantidade de volume sai dali. Então, Campina Grande é a nossa matriz para o mundo inteiro. Santa Rita cumpre esse papel de inovação. Assim, quando você combina isso com o volume de Campina Grande, seja em número de funcionários, seja em volume do que produzimos, você imagina o impacto econômico que isso tem de compra de matéria-prima, de pagamento de salários, de fazer realmente a economia girar. Então, naturalmente, o aumento de capacidade vai acontecer em Campina Grande e o que for mais inovador vai acontecer em Santa Rita, visando a digitalização, desenvolvimento de *software* e investimentos em inteligência artificial.

■ *Como estão os investimentos nas duas fábricas da Paraíba? Há planos de expansão?*

Estamos expandindo as fábricas e investimos R\$ 50 milhões nos dois últimos anos em Santa Rita. Foram cerca de R\$ 6 milhões de investimentos para construir e trazeremos o CSC para dentro da nossa empresa, da nossa fábrica em Santa Rita. Campina

Grande, que é nossa maior fábrica, também recebe investimentos constantes. No ano passado, foram colocados R\$ 33 milhões e, neste ano, já investimos R\$ 23,77 milhões em Campina Grande e vamos investir ainda mais. Temos necessidade de expandir as fábricas e vamos seguir nesse processo. Nossas fábricas não são totalmente automatizadas, porque o nosso produto é um produto vulcanizado, então ele precisa ser trabalhado, não é que você coloca a matéria-prima na máquina e sai o chinelo. Você precisa produzir a sola, as tiras, depois você precisa botar os dois juntos. Então, tem muita mão de obra intensiva. A perspectiva para a Paraíba é trazer mais tecnologia e gerar ainda mais capacidade para as fábricas daqui, o que vai continuar empregando pessoas e aumentando a força de trabalho para atender aos mercados que temos.

■ *Quais são os países principais no mercado hoje para a Alpargatas?*

Realmente, o Brasil é a nossa casa. Depois do Brasil, a gente é muito forte no sul da Europa. Itália, Espanha, França, Grécia, aquele sul da Europa, onde é quente no verão e recebe muitos turistas. Lá faz calor realmente. As pessoas têm o hábito de ir para a praia e ficar mais informal no verão. Então, a Havaianas é muito forte lá. É o nosso principal mercado fora do Brasil. A outra parte do mundo onde nós somos muito fortes é no sul da Ásia. Pela mesma razão, calor o ano inteiro, muito turista, muita praia. Falo de Tailândia, Indonésia, Filipinas e, na Oceania, a Austrália. Os Estados Unidos são o terceiro mercado mais importante para a empresa. Ainda não é tão forte quanto a Europa e a Ásia, mas o mercado é grande e vemos muito potencial. Então, eu diria que esses são as três geografias principais.

■ *As tarifas impostas pelos Estados Unidos, no Governo Trump, tem gerado prejuízos para a Alpargatas?*

Como eu falei, os Estados Unidos são o terceiro mercado internacional para a gente. Então, ele tem uma representatividade relativamente baixa no nosso negócio. O país representa menos de 5% das nossas exportações. Então, essa é a primeira parte, que o impacto é menor dado o tamanho da representatividade no nosso negócio. O segundo ponto é porque nós exportamos para os Estados Unidos e temos lá uma marca muito forte. A marca realmente já é muito forte lá. Quando as pessoas pensam em chinelo, tem uma mar-

ca da concorrência, americana, que é maior que a nossa, que vem primeiro na cabeça do consumidor. Mas a segunda já é a Havaianas. Então, como a marca é muito forte, se precisarmos aumentar preço, que é algo que vai ter que acontecer para que possamos absorver a tarifa, acreditamos fielmente que a marca vai ser capaz de segurar esse aumento de preço.

■ *Qual a produção mensal da Alpargatas atualmente e o faturamento anual?*

A gente produz 240 milhões de pares por ano. Então, aí já dá para você ver que produzimos mais ou menos uns 20 milhões por mês, somando a produção das quatro fábricas. Santa Rita e Campina Grande respondem por 65% dessa produção. O nosso faturamento por ano é de aproximadamente R\$ 4 bilhões. A Alpargatas é uma das empresas referências da Paraíba enquanto empregadora. Em Santa Rita, nós contamos com 1.400 pessoas. Só neste ano de 2025, a empresa contratou 400 pessoas. No ano passado, eram mil funcionários e, neste ano, são 1.400 na fábrica [de Santa Rita], exatamente por esse foco de crescimento. Em Campina Grande, são aproximadamente 2.500 funcionários.

■ *Qual a visão sobre os rumos do negócio da empresa no Brasil?*

Nós temos uma clara perspectiva de crescimento. Somos uma marca muito forte e entendo que nós temos uma oportunidade para crescer. Tem dois canais nos quais a empresa atua: um que a gente chama de canal alimentar, que é supermercado, atacarejo, mercearia, e tem um outro canal que são as lojas de calçado, loja de departamento. No canal alimentar, temos 76% de participação de mercado. Então, a cada quatro chinelos, três são Havaianas no canal alimentar no Brasil. Já nas lojas de calçado, vendemos quatro a cada 10. Então, tem muito espaço para crescer nesse canal. Essa é a nossa estratégia de crescimento no Brasil, é o crescimento no canal especializado. Mas, quando você olha para fora, tem muita oportunidade de crescimento também, porque hoje o internacional representa só 25% do nosso faturamento e nós acreditamos que dá para vender mais. Todo esse crescimento previsto vai trazer investimento para a Paraíba inevitavelmente. Nossas fábricas estão prontas em termos de infraestrutura para poder se expandir quando for necessário.

SEMIÁRIDO

Governo constrói novas barragens

Realizações incluem perfuração de 630 poços, com um investimento de R\$ 40,5 milhões e manutenção de reservatórios

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

A Paraíba possui 90% do seu território na Região Semiárida, totalizando mais de 51 mil km² e incluindo 194 municípios. Portanto, garantir a segurança hídrica da população que vive nessa grande faixa do estado, com a oferta de água de qualidade, em quantidade e com manutenção permanente dos reservatórios, são objetivos do Governo do Estado, que realizou, nos últimos meses, licitação para a construção de quatro barragens, com investimentos de cerca de R\$ 200 milhões.

O secretário estadual da Infraestrutura e dos Recursos Hídricos, Deusdete Queiroga, comentou, em entrevista para o Jornal Estadual, veiculado pela Rádio Tabajara 105.5 FM, que três barragens serão construídas no Sertão paraibano, nos municípios de Uiraúna, Pombal e Catingueira, e a quarta será na cidade de Sumé, na Região da Borborema.

A barragem Formigueiro, em Sumé, possuirá a capacidade de oito milhões de m³ de água, com investimentos de cerca de R\$ 48 milhões. A Olho D'Água Seco, em Uiraúna, comportará 2,5 milhões de m³, e terá um investimento de R\$ 22,5 milhões. Em Pombal, a barragem Estrelo conseguirá acumular 4,4 milhões de m³ e o seu aporte é de quase R\$ 38 milhões. A última, em Catingueira, terá uma capacidade de 38 milhões de m³, e o recurso destinado para a sua construção é de quase R\$ 69 milhões.

“Elas foram recentemente licitadas e a nossa expectativa é que, de novembro a dezembro deste ano, essas obras tenham sido iniciadas. Esperamos dar um ritmo importante a isso, porque a questão da segurança hídrica é fundamental para nós. A Paraíba possui uma imensa parte do seu território no Semiárido nordestino, dessa forma, é muito importante termos acúmulo e reserva de água, além de outros programas de combate a seca”, explicou o secretário durante a entrevista.



“É muito importante termos acúmulo e reserva de água, além de outros programas de combate a seca

Deusdete Queiroga

Outras ações

Para manter o abastecimento contínuo de água, o governo tem investido, também, em perfurações de poços ou, como são denominados “sistemas de abastecimentos singelos”. Estão sendo implantados 630 sistemas nos municípios do Sertão do estado, com um investimento de R\$ 40,5 milhões, com recursos do próprio estado.

“Há cerca de dois anos, o governador determinou que fizéssemos cerca de 200 desses sistemas na região do Vale do Piancó e todos já foram concluídos. Agora, as demais cidades do Sertão, no caso, 63, vão receber, cada uma, 10 poços, totalizando a implantação de 630 poços”, destacou o secretário. O gestor comentou, ainda, que as ações integram a perfuração do poço e a instalação de placas fotovoltaicas, de modo que não tenha custos para as prefeituras nem para as comunidades.

Deusdete ressaltou, além disso, que a implantação da caixa d'água representa uma ação importante, pois permite à população armazenar água em um momento delicado, vivido no Sertão. Ele explicou que, apesar de ter chovido há cerca de dois meses, as precipitações foram irregulares e a região deve-



A Barragem de Serra Branca é uma das represas de água inserida no programa estadual de recuperação de barragens

rá enfrentar essa situação até janeiro. Destacou, ainda, a grande dificuldade em atravessar esse período e informou que o governador está buscando recursos junto ao Governo Federal para ampliar o programa de carros-pipa. Segundo ele, a instalação dos 630 sistemas de abastecimento singelo contribuirá de forma significativa para a solução hídrica no Sertão paraibano.

Recuperação

De acordo com o secretário Deusdete Queiroga, a Paraíba é um dos únicos estados do país que possuem um programa permanente de manutenção de barragens. “Nós já estamos na sexta etapa desse programa, fazendo a manutenção corretiva e preventiva das barragens do estado”, pontuou. Durante todo o serviço, foram contempladas 99 barragens, com a realização de manutenção e melhorias nos mananciais, com um investimento de mais de R\$ 50 milhões, com recursos vindos do Tesouro Estadual.

Na Paraíba, 150 barragens são monitoradas pela gestão estadual, por meio da Secretaria da Infraestrutura e dos Recursos Hídricos (SEIRH) e pela Agência Executiva de Gestão das Águas (Aesa).

Aesa fiscaliza e classifica estruturas hídricas, conforme critérios da PNSB

O papel da Agência Executiva de Gestão das Águas da Paraíba (Aesa) na fiscalização e no monitoramento das barragens é classificar as construções de acordo com a Política Nacional de Segurança de Barragens (PNSB).

“Quando a barragem é enquadrada na PNSB, o empreendedor deve elaborar relatórios, realizar inspeções e apresentar planos de segurança da barragem, além de corrigir as falhas identificadas nesses documentos”, explicou o gerente de Operação de Mananciais e de Segurança de Barragens da Aesa, João Pedro Chaves. Segundo ele, o empreendedor é o responsável legal pelas barragens – no caso da Paraíba, a Secretaria de Estado da Infraestrutura e dos Recursos Hídricos (Seirh).

O procedimento de fiscalização começa quando o empreendedor solicita à Aesa a licença para construir ou ampliar uma barragem. Após a emissão do documento pelo Setor de Regulação, o processo segue para o Setor de Segurança de Barragens, responsável por avaliar se a estrutura se enquadra ou não na PNSB.

“São, basicamente, cinco critérios para analisar. A altura da barragem, se for maior ou igual a 15 m; se ela tem três milhões ou mais de m³ acumulados; se esse reservatório contém resíduos perigosos; se essa barragem tem um dano potencial médio ou alto; e, por último, se é alta a categoria de risco”, detalhou João Pedro.

O gerente ainda pontuou que basta a obra se enquadrar em um desses critérios, que o empreendimento já precisa seguir a Política Nacional. Criada em 2010, a PNSB garante a elaboração de planos de segurança, inspeções e revisões periódicas das barragens, com o objetivo de prevenir acidentes e aumentar a confiabilidade dessas estruturas.

Ações federais

O Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR) está investindo na recuperação e modernização de reservatórios no Nordeste, com o objetivo de garantir maior segurança hídrica, fortalecer atividades produtivas e impulsionar o desenvolvimento regional.

Na Paraíba, o destaque é o Reservatório Engenheiro Ávidos, em Cajazeiras, no Sertão, que teve sua recuperação concluída no fim do ano passado. Com capacidade para 294 milhões de m³ de água, o manancial beneficia diretamente cerca de 83,5 mil pessoas.

Além dele, seguem em fase de licitação as obras de modernização do Reservatório de Acauã e da Lagoa do Arroz. Juntos, eles somam mais de 333 milhões de m³ de capacidade de armazenamento e deverão beneficiar mais de 220 mil pessoas no estado.

Nordeste

Os investimentos nacionais também abrangeram obras nos estados do Ceará, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte. No Ceará concentram-se os maiores in-

vestimentos, em decorrência de grandes secas já enfrentadas no estado.

O Reservatório de Orós contou com investimentos de R\$ 16,3 milhões e a conclusão da obra é para outubro deste ano, com a expectativa de beneficiar 69 mil pessoas. Ainda em terras cearenses, a Barragem de Prazeres, que recebeu um aporte de R\$ 8,2 milhões, foi concluída, e garante segurança hídrica para 22,7 mil pessoas, além de incentivar atividades como a piscicultura e o turismo. Também está em curso a modernização do Reservatório de Pau dos Ferros, com 32% das obras concluídas, beneficiará 60 mil pessoas.

Em Pernambuco, as obras nos reservatórios de Chapéu e Entremontes, que já ultrapassaram a metade da execução, atenderão 19 mil habitantes cada.

No Rio Grande do Norte, a recuperação do Reservatório de Angicos assegurará água de qualidade para 32,3 mil pessoas.



“O empreendedor deve elaborar relatórios, realizar inspeções e apresentar planos de segurança

João Pedro Chaves



O Açude Jandaia, localizado no município de Bananeiras, é monitorado pela Agência Executiva de Gestão de Águas

EXCESSO

Quando ser saudável vira obsessão

Entre academias cheias e dietas da moda, cresce também a ansiedade de quem não alcança o corpo “perfeito”

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

O mercado de *wellness*, que engloba práticas de cuidado físico, mental e estético, tem se desenvolvido aceleradamente em todo o mundo. De 2020 a 2022, o setor cresceu 12%, movimentando cerca de 5,6 trilhões de dólares, de acordo com informações do Global Wellness Institute (GWI). No Brasil, o setor ocupa a 12ª posição no *ranking* global, com um mercado estimado em 96 bilhões de dólares. Entre as empresas que comercializam o estar sempre bem, os segmentos de cuidados pessoais, beleza e alimentação saudável destacam-se: juntos são responsáveis por R\$ 69,6 bilhões. Esse apetite crescente por saúde e bem-estar, porém, caso não seja bem dosado, pode levantar questões sobre até onde vai o limite entre o autocuidado e a obsessão.

Na Paraíba, de acordo com o Sebrae-PB, são 13.555 empresas ativas. Entre os segmentos, o comércio varejista de produtos alimentícios especializados lidera, com 3.853 registros, seguido pelas atividades médicas ambulatoriais restritas a consultas (2.789) e pelas atividades de condicionamento físico (1.721). O movimento é crescente: em 2020 foram abertas 2.205 novas empresas; já em 2024, até



Eury Cavalcante, coordenador de uma academia no bairro Bancários, em João Pessoa, defende que a constância é mais importante que a intensidade

meados de setembro, o número chegou a 3.509, um salto de 73,2%. Janeiro foi o mês mais expressivo, com 639 novos registros — dado que reflete a corrida por saúde e bem-estar que marca o início de cada ano.

Paradoxalmente, os números da saúde mental no país mostram uma realidade preocupante. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que o Brasil lidera a classificação mundial de estresse, com 74% da população relatando episódios que comprometem a qualidade de vida. Além disso, quase metade da população brasileira (45%), segundo dados do Ministério da Saúde, apresenta sintomas de ansiedade — sobretudo mulheres e jovens de 18 a 24 anos. Ou seja, nunca falou-se tanto em qualidade de vida, porém, nunca se viveu com tanto desgaste emocional.

O psicólogo clínico e dou-

tor em Psicologia Social Jocerlandio Alves destaca o papel das redes sociais nesse paradoxo. “Estamos sendo bombardeados diariamente por imagens de corpos perfeitos e de rotinas de vida saudável que, na maioria das vezes, são inalcançáveis. Isso cria uma cobrança silenciosa, mas constante, de que é preciso estar sempre no padrão. O problema é que essa busca aumenta a frustração, potencializa a ansiedade, o estresse e até quadros depressivos”, afirma.

A nutricionista e professora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Maria Emília, aponta outro fator que contribui para o cenário: os mitos da chamada “ali-

Mental
Ao mesmo tempo em que há o desenvolvimento, no país, de um mercado voltado ao corpo, os brasileiros lideram o ranking internacional de estresse da OMS

mentação limpa”. Para ela, a ideia de que é possível viver bem apenas cortando grupos

alimentares inteiros é perigosa. “Dietas da moda e receitas de influenciadores criam a ilusão de que existe um cardápio universal para a saúde. Mas cada organismo é único. O excesso de regras alimentares, ao invés de garantir mais saúde, pode gerar carências nutricionais e adoecimento”, alerta.

Essa primeira camada da discussão revela um paradoxo central: ao mesmo tempo em que o mercado de *wellness* expande-se e vende bem-estar, cresce também o número de pessoas que sofrem por não conseguirem alcançar os padrões impostos. É nesse ponto que o cuidado pode deixar de ser saudável e abrir caminho para transtornos.

Ortorexia e vigorexia: dois reflexos do exagero

Se o *wellness* vende equilíbrio, na prática muitos consumidores acabam reféns de comportamentos compulsivos. Dois exemplos claros desse fenômeno são a ortorexia e a vigorexia. A ortorexia nervosa é caracterizada pela obsessão em consumir apenas alimentos considerados saudáveis. A vigorexia, por sua vez, está ligada à busca compulsiva por um corpo musculoso, marcada por treinos excessivos, distorção da autoimagem e, muitas vezes, uso inadequado de suplementos. Ambos os quadros, apesar de partirem da ideia de autocuidado, resultam em adoecimento físico e mental.

A professora Maria Emília, que pesquisa transtornos alimentares, explica que o problema está na transformação da rotina saudável em prisão. “Muitos jovens começam buscando bem-estar, mas acabam desenvolvendo comportamentos extremos. A pessoa passa a viver em função da dieta ou da academia. Qualquer deslize vira fonte de culpa. Isso impacta o corpo, a mente e a vida social. Não se trata mais de saúde, mas de obsessão”, afirma.

Maria lembra que o equilíbrio alimentar não pode ser substituído por restrições drásticas. “Já vimos o ovo ser considerado vilão, depois resgatado como saudável. O mesmo ocorreu com a gordura e o glúten. A ciência não trabalha com verdades absolutas. A exclusão de nutrientes sem necessidade é tão nociva quanto o consumo exagerado de ultraproces-

sados. A questão não é eliminar, mas balancear”, reforça.

Outro ponto de alerta é o impacto social e financeiro dessa busca. A compulsão por suplementos, dietas da moda e treinos pode gerar gastos elevados e expectativas irreais. “O indivíduo muitas vezes ignora sua genética, suas condições de saúde e até sua rotina de trabalho. Ele quer um corpo que não corresponde à sua realidade. Isso leva à frustração, isolamento social e, em alguns casos, ao desenvolvimento de síndromes associadas, como transtorno de imagem e síndrome do comer noturno”, detalha a pesquisadora.

A obsessão pelo saudável, portanto, não apenas fere o corpo, mas compromete a vida como um todo. É nesse ponto que os especialistas defendem a necessidade de frear os excessos e rediscutir o que significa, de fato, ser saudável.

“

O indivíduo muitas vezes ignora sua genética, suas condições de saúde e até sua rotina de trabalho

Maria Emília

Especialistas defendem a volta ao básico

Diante de um cenário em que o *wellness* movimentou, financeiramente, bilhões, em todo o globo e, ao mesmo tempo, influencia na formação de pessoas cada vez mais ansiosas, especialistas defendem o retorno ao básico, pautado na ideia de que uma vida saudável precisa ser possível, prazerosa e adaptada à realidade de cada indivíduo.

Para Maria Emília, os pilares do equilíbrio começam em atitudes simples. “Descascar mais e abrir menos pacotes, reduzir ultraprocesados, manter uma alimentação colorida e variada, hidratar-se adequadamente, respeitar os sinais do corpo e comer em horários regulares. Acima de tudo, ter equilíbrio emocional com a comida. O problema não é comer brigadeiro, mas exagerar. Dois brigadeiros não fazem mal. A panela inteira, sim”, exemplifica.

Ela também defende que cada pessoa busque um caminho personalizado, sem se prender a modelos prontos. “O que funciona para uma influenciadora digital pode ser nocivo para outra pessoa. A saúde precisa ser cons-

truída de forma individual, com base em acompanhamento médico e nutricional. Não existe dieta universal”, reforça.

O psicólogo Jocerlandio Alves acrescenta que o olhar sobre o corpo deve ser libertador, e não punitivo. “A saúde não pode ser medida por padrões impostos de fora. O bem-estar consiste em respeitar os limites do próprio corpo e da própria mente. Quando a busca por saúde transforma-se em cobrança, ela deixa de cumprir sua função e torna-se um fator de adoecimento”, esclarece.

Quem reforça essa visão é o educador físico Eury Cavalcante, coordenador da Academia HFit, nos Bancários, em João Pessoa. Para ele, o problema está nos extremos — tanto no treino quanto na alimentação. “Às vezes, a pessoa quer dormir às nove da noite, acordar às quatro da manhã, treinar uma hora e meia, duas horas por dia. Não é todo mundo que consegue, nem precisa disso. Aqui a gente sempre bate na tecla de que a constância é mais importante do que a intensidade. Trinta minutos, de segunda a sexta, já valem mui-

to mais do que duas horas em um único dia, que deixam o corpo dolorido, atrapalham o sono e até o rendimento no trabalho”, orienta.

Segundo Eury, o alerta de que algo está fora do equilíbrio surge quando o exagero começa a atrapalhar a vida prática. “Se a rotina de treino ou de dieta está prejudicando o sono, trazendo sonolência durante o dia ou dificultando a concentração no trabalho, é sinal de que há um excesso. O corpo fala, e a gente precisa respeitar”, completa.

O educador físico lembra que as redes sociais intensificaram a busca por rotinas irreais e que não podem ser copiadas por todos. “O pessoal vê bagueira *fitness* fazendo musculação, pilates, natação, corrida de rua, tudo numa mesma semana, e acha que tem que ser assim. Não tem como. Cada pessoa tem suas 24 horas, sua realidade, suas prioridades. Não dá para comprar uma vida que não é a sua”, ressalta.

Para além da prática do exercício, o educador defende que a saúde precisa ser compreendida em quatro dimensões. “A gente trabalha com quatro pilares: exercício físico

direcionado, sono de qualidade, alimentação equilibrada e controle do estresse. Um depende do outro. Se você treina demais, não dorme bem. Se come mal, fica sem energia. Se não tem lazer, a mente cobra. É o equilíbrio entre eles que sustenta uma rotina saudável”, conclui.



Foto: Arquivo Pessoal

“

Quando a busca por saúde transforma-se em cobrança, ela deixa de cumprir sua função e torna-se adoecimento

Jocerlandio Alves

TENSÃO DIÁRIA

Agressão vira rotina para motoboys

Pressionados e discriminados, entregadores por aplicativo protestam contra ofensas e violências cometidas por clientes

Joel Cavalcanti
 cavalcanti.joel@gmail.com

João Pessoa, 1º de maio de 2024, Dia do Trabalhador: cerca de 100 motoboys reuniram-se em frente a uma academia no bairro de Cuiá. A revolta é contra o proprietário do local, que agrediu um entregador após se negar a fornecer o código de recebimento de um pedido. O incidente foi registrado em vídeo pelo próprio motociclista. Na capital, 2 de outubro de 2024: câmeras de segurança flagram o dono de um restaurante, em Colinas do Sul, desferindo um tapa no rosto de um entregador de gás, que estava sentado e não reagiu. Na manhã seguinte, dezenas de motociclistas paralisaram a frente do estabelecimento em protesto. No dia 30 de maio deste ano, o bairro Colinas do Sul é palco de mais um tumulto: motoboys derrubam o portão de um condomínio após um entregador relatar, nas redes sociais, ter sido agredido e ameaçado por um morador com um *pitbull*.

Esses episódios, registrados em notícias e vídeos que viralizaram na internet, são a face mais explosiva e visível de um problema cotidiano que entregadores por aplicativo enfrentam com frequência crescente: a violência, verbal e física, por parte de clientes. A ausência de estatísticas oficiais consolidadas sobre o tema esconde a dimensão real do fenômeno, mas a sequência de casos noticiados e a mobilização rápida e organizada da categoria, por meio de grupos de mensagem, indicam uma escalada das ocorrências. Para esses profissionais, o risco inerente ao trabalho não se limita mais aos perigos do trânsito ou à ameaça de assaltos; inclui, agora, a possível agressividade na hora da entrega.

“Todo motoboy que está na rua tem alguma história para contar, todo dia”. A fala de Johnathan Praxedes, 41 anos, pai de quatro filhos e entregador há seis anos, resume a percep-



Fotos: Carlos Rodrigo



Atuante na área há seis anos, Johnathan relata que, muitas vezes, os profissionais levam a culpa por atrasos gerados pelos restaurantes

Está todo mundo revoltado com a situação. A gente tem que levar comida e acaba recebendo xingamento, sendo humilhado

Johnathan Praxedes

ção de que a violência é um componente quase rotineiro da profissão. Ele descreve um clima constante de

humilhação. “Ontem mesmo, fui fazer uma entrega em Mangabeira. O cliente não estava lá e me xingou de tudo que não presta. Eles preferem humilhar mesmo. Motoboy é muito discriminado”.

O entregador por aplicativo relata que, muitas vezes, as ofensas acontecem quando o cliente quer que o trabalhador suba até o apartamento. Se o pedido chega atrasado ou a embalagem vem danificada, também é o motoboy quem recebe a culpa. “Às vezes, o restaurante segura vários pedidos, para saírem todos de uma vez, e o cliente acha que a demora é culpa nossa. Quando a gente chega, é xingamento na certa”.

A sensação de impunidade e ineficácia dos canais formais de denúncia

alimenta a frustração. “A gente procura os direitos, vai na delegacia dar parte e não acontece nada. Não resolve. E aí, a gente se reúne e vai quebrar o carro do cara? Isso também tá errado”. Para Johnathan, a explicação para as reações coletivas de seus colegas está no cansaço acumulado. “Porque tá todo mundo revoltado, fatigado com a situação. A gente tem que levar comida e acaba recebendo xingamento, sendo humilhado”.

Orientação e apoio

A empresa de *delivery* iFood afirma que a orientação é clara: o entregador deve deixar o pedido no primeiro ponto de contato com o cliente, seja o portão da casa ou a portaria do prédio. “Essa é a reco-

Suporte

De julho de 2024 a junho de 2025, a Central de Apoio Psicológico e Jurídico do iFood registrou 464 atendimentos — mais que o dobro do mesmo período no ano anterior

mendação repassada tanto aos entregadores quanto aos consumidores”, frisa a empresa, em nota ao jornal *A União*. A plataforma informa, ainda, manter tolerância zero a agressões e

ter implementado medidas de prevenção, como a campanha #BoraDescer, que estimula clientes a buscarem seus pedidos na portaria.

Além disso, o aplicativo oferece assistência gratuita aos profissionais, por meio da Central de Apoio Psicológico e Jurídico, criada em parceria com o coletivo Black Sisters in Law. Segundo a empresa, de julho de 2024 a junho de 2025, em todo o país, foram realizados 464 atendimentos desse tipo, mais que o dobro do mesmo período no ano anterior. Desse total de casos, 40,5% foram por discriminação, 23,2% por ameaças e 21,2% por agressões físicas. “O aumento de registros mostra tanto a confiança no canal quanto a persistência do problema social”, analisa a empresa.

Casos denunciados podem gerar indenização

Na avaliação do Ministério Público do Trabalho (MPT), episódios de violência contra entregadores por aplicativo podem ser enquadrados como acidentes de trabalho e exigem formalização. A procuradora Myllena Alencar, representante regional da Coordenação Nacional de Combate às Fraudes nas Relações de Trabalho, explica que o trabalhador deve comunicar imediatamente à empresa e registrar Boletim de Ocorrência (B.O).

Neste ano, o MPT já realizou diversas audiências públicas, em todo o país, para enfrentar a subnotificação de acidentes, violências e assaltos envolvendo entregadores e motoristas por aplicativo, em parceria com órgãos públicos e representantes dos trabalhadores. A

procuradora destaca, ainda, que esses episódios podem gerar indenização ao empregado, por meio de ação individual na Justiça do Trabalho, mesmo sem o reconhecimento formal do vínculo de emprego.

Para Myllena Alencar, a ausência de garantias trabalhistas agrava a vulnerabilidade da categoria. “Um dos impactos do trabalho por meio de plataformas digitais é a precarização: longas jornadas, remuneração incerta, insegurança quanto ao futuro e ausência de direitos básicos. O reconhecimento do vínculo empregatício é indispensável para assegurar a proteção necessária a esses trabalhadores”.

Essa é a realidade do motoboy Maxwell Cardoso, 39 anos, morador de Man-



Foto: Divulgação/MPTPB

Reconhecer o vínculo empregatício é indispensável para assegurar a proteção necessária a esses trabalhadores

Myllena Alencar

gabeira e pai de uma adolescente. Ele descreve uma situação na qual foi pressionado a entrar em uma residência para concluir a entrega. “A cliente queria que eu levasse a comida até a casa dela. Eu disse que podia entregar até a garagem, mas não era minha função entrar. Ela começou a me xingar. Eu devolvi o pedido, como o aplicativo permite, mas saí humilhado. A gente já trabalha no sol, na chuva, e ainda tem que passar por isso”.

A rotina de Maxwell é intensa: ele começa às 11h, faz uma pausa curta à tarde e segue até 1h30 do outro dia. “É um trabalho cansativo. Quando vem esse tipo de situação, você fica chateado, mas precisa continuar, porque tem conta para pagar e família para sustentar”.

“Estamos adoecendo”, diz presidente de sindicato

Conforme o presidente do Sindicato dos Trabalhadores com Moto (Sindmotos) da capital, Ernani Bandeira, a raiz dos conflitos está, muitas vezes, nos bastidores das entregas, como Johnathan também aponta. “Para não perder clientes, os restaurantes informam que o pedido já saiu, quando ele ainda está na cozinha. O cliente fica nervoso, acha que o atraso é culpa do motoboy e descarrega a raiva no trabalhador”.

Ernani diz que o sindicato recebe queixas constantes. “A gente orienta nossos filiados a não revidar, a procurar o caminho legal, mas a categoria está no limite. Além da violência de clientes, ainda tem assaltos, acidentes e mortes no trânsito. Estamos adoecendo psicologicamente”.

Para ele, a falta de qualificação oferecida por aplicativos também amplia a vulnerabilidade dos entregadores. “As plataformas só querem vender. Não oferecem curso, não treinam. Já os filiados ao sindicato recebem palestras e orientações de trânsito. Isso faz diferença. Mas a maioria está por conta própria, exposta e sem proteção”. O dirigente lembra, ainda, que, apesar de a categoria carregar a responsabilidade de manter a cidade em movimento, os motoboys seguem discriminados. “Ninguém valoriza se é um pai que está com um problema com sua família. Ninguém vê a gente como pessoa comum, mas como alguém que merece ser explorado. É lamentável”.

PATRIMÔNIO NATURAL

Rota exhibe as riquezas do Rio Paraíba

Meio ambiente, cultura e vida ribeirinha compõem as atrações de roteiro divulgado em projeto internacional

Carolina Oliveira
marquesdooliveira.carolina@gmail.com

Numa extensão de 380 km, o Rio Paraíba guarda em suas margens, desde o período colonial, memórias de pescadores, marisqueiras e comunidades tradicionais que preservam a essência da região. “O turismo pode ser experimentado de diversas maneiras e, cada vez mais, há quem prefira uma experiência mais autêntica, que incorpora a vivência dos saberes do lugar. A Rota Encantos do Rio Paraíba propõe imersão e interação com as paisagens e a cultura local”, apresenta Regina Amorim, gestora de Turismo e Economia Criativa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB).

Desde 2024, a empresa Criativa Turismo é responsável pela operação do roteiro, que tem como cenário o estuário do rio homônimo ao estado. “O passeio é oferecido a cada seis semanas, de acordo com a maré baixa. Cada um leva cerca de 17 turistas, com uma movimentação financeira média de R\$ 4 mil, em que todos aqueles que atuam nas atividades conduzidas são beneficiados”, explica a gestora.

A rota turística criada pelo Sebrae-PB conta com o apoio da Secretaria de Estado do Turismo e Desenvolvimento Econômico (Setde), da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), da Secretaria de Turismo de Cabedelo, do Fórum de Turismo Rota Sanhauá e da Criativa Turismo, além de parceiros locais, como a cooperativa

Periódico

O passeio é promovido a cada seis semanas, conforme a maré baixa, conduzindo cerca de 17 viajantes numa embarcação pelo Litoral Norte

Barqueiros da Maré, o Restaurante Pessoinha, o Coco de Roda Almirante do Atalaia e o Pier Pôr do Sol. Para a formação do roteiro, o Sebrae-PB contratou o consultor Danylo Aguiar, por meio do Programa de Agentes de Roteiros Turísticos do serviço.

Valorizando o patrimônio ribeirinho, o Litoral Norte paraibano, a biodiversidade e a cultura, mediante o turismo de experiência, a Rota Encantos do Rio Paraíba é, ao lado da Rota Terra dos Potiguaras, uma das atrações conduzidas no estado que foram selecionadas para integrar o Feel Brasil, projeto da Embratur para a divulgação internacional de destinos brasileiros, com vivências propostas nas 27 unidades da Federação.

O administrador-executivo da Criativa Turismo, Mário José Murta, detalha que estão envolvidas na rota as cidades de Santa Rita, Lucena e Cabedelo, destacando que o ambiente percorrido é pre-



Passando por Santa Rita, Lucena e Cabedelo, rota tem como foco o turismo de base comunitária, convidando os visitantes a participar de atividades como a coleta de mariscos

dominantemente marinho e o trajeto é feito de barco. “O foco é o turismo de base comunitária. Não é só levar o turista para tirar algumas fotos, ou uma atividade puramente recreativa; buscamos propiciar que cada pessoa tenha uma vivência da comunidade local visitada”, afirma. As embarcações usadas também são típicas da região. “Fazemos o percurso com os Barqueiros da Maré. São canoas motorizadas e cobertas, que oferecem conforto aos turistas, mas evitam que seja perdida a autenticidade da experiência no curso das águas”, descreve.

Outro destaque é o acompanhamento da atividade de mariscagem, muito pratica-

da na área. Para além da mera observação, os turistas são convidados a participar da coleta dos mariscos, passando a conhecer histórias e experiências dessas trabalhadoras. A gastronomia também ganha espaço, com uma parada em um restaurante de pratos típicos da região, incluindo peixes e mariscos. A celebração cultural é outra parte importante da rota: a apresentação de um grupo de coco de roda estimula os visitantes a conhecer esse ritmo tradicional. “É um roteiro que desperta expectativas altas e não costuma decepcionar. Temos vários depoimentos de clientes que se impressionam com a beleza natural contemplada”, conta Mário.

Iniciativa gera renda e valorização da região

A secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico da Paraíba, Rosália Lucas, relata que uma das maiores metas do planejamento do roteiro era posicionar o Rio Paraíba como um protagonista local do turismo sustentável. “Nosso objetivo é valorizar os recursos naturais e culturais ribeirinhos, ao mesmo tempo que geramos renda para quem vive do rio. Os principais beneficiados são os barqueiros, marisqueiras, pescadores e pequenos empreendedores da região, que passam a fazer parte da cadeia produtiva do turismo”, observa.

A ideia é aliar inclusão produtiva à preservação ambiental. Além da construção coletiva coordenada pelo Sebrae-PB, em parceria com a Setde e a PBTur, trabalhadores e empresários locais tiveram papel fundamental na definição da experiência. “Também contamos com a participação das prefeituras dos municípios contemplados, do Fórum Rota Sanhauá e, principalmente, das comunidades ribeirinhas que vivem às margens do Rio Paraíba. Ou seja, é um roteiro feito com quem vive o território todos os dias”, avalia a secretária, salientando que o projeto tem baixo impacto sobre o meio ambiente e é operado majoritariamente por pequenos empresários. “O diferencial fica por conta da imersão real na vida ribeirinha. O visitante não é apenas espectador; ele vivencia o manguezal com as marisqueiras, cruza o rio com os barqueiros, ouve histórias de quem nasceu na-

queas margens. É turismo de verdade, com afeto, com identidade”.

Fomento ao setor

A iniciativa de criar a rota materializa uma intenção de demonstrar que o turismo na Paraíba pode ir além das paisagens de sol e mar. “Somos também um destino de experiência, de natureza e de cultura viva. O reconhecimento pela Embratur, no Feel Brasil, projeta o roteiro para o mercado global, como um produto autêntico e de alto valor agregado. Ganhamos visibilidade e geramos desenvolvimento local ao mesmo tempo”, pontua Rosália.

A titular da Setde acrescenta que, hoje, o estado dispõe de uma política pública sólida de regionalização do turismo, construída junto ao Sebrae-PB e com forte atuação das Instâncias de Governança Regional (IGRs), unidades de gestão das regiões turísticas brasileiras, apoiadas pelo Ministério do Turismo (MTur). “Esse modelo permite atender todos os municípios da Paraíba que desejarem se inserir no Mapa do Turismo Brasileiro”, explica.

Atualmente, de acordo com Rosália, o estado conta com 21 profissionais dedicados, atuando em campo, oferecendo consultoria e assessoria técnica para que a atividade turística seja, de fato, um vetor de transformação social e econômica. “Esse trabalho conjunto entre Governo do Estado, Sebrae-PB e IGRs já resultou na criação de diversos novos roteiros, garantindo uma oferta qualificada e atualizada do que a Paraíba tem de melhor”, conclui.

Dança e gastronomia também são destaques

Para Regina Amorim, a rota pelo curso do Rio Paraíba — patrimônio natural, histórico, cultural e natural do estado — propicia, aos visitantes, vivências que os aproximam da biodiversidade e das comunidades ribeirinhas, valorizando o desenvolvimento sustentável e a potencialização dos atrativos da região. “Mais do que viagens, o roteiro oferece encontros transformadores com pescadores artesanais, marisqueiras e povos ribeirinhos que preservam tradições centenárias”, afirma a gestora de Turismo e Economia Criativa do Sebrae-PB.

Desde o embarque com os Barqueiros da Maré, no Pier Pôr do Sol, situado na Praia do Jacaré, sob o comando do barqueiro Josinaldo — passando pela contemplação da beleza natural local, com mangues, garças, ilhas e matas —, o trajeto desperta emoções, gera prosperidade e cria memórias duradouras.

Segundo Regina, as pessoas e os lugares dão o tom do passeio e emprestam identidade ao roteiro, como a experiência em família nas croas da Ribeira, em Santa Rita; a parada na Ilha da Restinga; o aprendizado da prática de mariscagem; o almoço em Forte Velho; a performance do coco de roda; e o espetáculo do pôr do sol na Praia do Jacaré.

As atrações da rota são,

também, impulsionadoras das economias locais, fortalecem a preservação ecossistêmica, criam conexões humanas genuínas e reforçam a identidade cultural das comunidades. A representante do Sebrae-PB destaca, ainda, o potencial de transformação positiva do território e a interação entre turistas e moradores. “A Rota Encantos do

Rio Paraíba é comercializável, agrega valor e, por isso, deve ser divulgada como um roteiro que prioriza a sustentabilidade e a imersão. Possibilita encontros, preserva o patrimônio cultural local e privilegia a gastronomia e o coco de roda”, pontua.

Se, para o viajante, o momento é de estabelecer contato com a natureza e a cultura da

região, para as comunidades, trata-se de uma oportunidade de contar suas histórias e tradições e viabilizar a conservação ambiental e a qualidade de vida para gerações futuras. “Desenvolvimento sustentável, geração de renda, pertencimento e experiências e memórias autênticas são nossas prioridades nesse contexto”, ressalta Regina.



Programação inclui um almoço em Forte Velho e uma performance de coco de roda com um grupo local; a interação com as comunidades é apontada como diferencial do projeto



Foto: Divulgação/PBTur

Foto: Divulgação/Criativa Turismo

Fotos: Divulgação/PBTur

MÚSICA

Um disco ‘sertânico’

Pautado na música nordestina com pinceladas de rock progressivo, “Brenha: Vasto Profundo”, de Júnior Cordeiro, tem recebido elogios da crítica

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

O cantor e compositor paraibano Júnior Cordeiro vem aparecendo no radar de alguns dos principais críticos musicais do país, a exemplo de Mauro Ferreira e Régis Tadeu, que elegeram em consecutivo quatro álbuns do músico em suas listas de cinco melhores nacionais. O motivo é o lançamento de *Brenha: Vasto Profundo*, seu 11º álbum, dedicado a falar dos rincões de um profundo Sertão, e que está disponível nas plataformas digitais desde o último dia 24 de setembro.

Seu atual trabalho de estúdio representa um retorno do músico aos temas primevos de seu cancionário, tais como o Nordeste mítico, a memória coletiva e o realismo fantástico, voltando-se para as tradições populares e a herança ibérica e mourisca herdada pelo Nordeste brasileiro. Suas últimas canções deixavam entrever a filosofia e metafísica, caros a *Se no Mundo Não Tivesse Espelho*, lançado no ano passado, disco que sustenta o hábito pessoal e produtivo de lançar, a cada ano, um novo álbum autoral.

Deixando de lado as críticas endereçadas à pós-modernidade, Cordeiro resolveu desta monta voltar a assuntos recorrentes à sua discografia. “Este é um disco mais ‘sertânico’, apesar de ter pincelado um pouco com o rock progressivo e a psicodelia, mas é um disco mais pautado nos gêneros de música nordestina, como o baião, o galope, a toada”, atesta o compositor, lembrando da marcante participação da viola àquilo que nomeia de “psicodelia nordestina”.

Para tanto, invoca referências seminais à década de 1970, como Dire Straits e Pink Floyd – durante a canção “Parecência”, deu-se à construção de passagem incidental com progressão harmônica muito semelhante aos sons da banda britânica, em citações a grupos da predileção de Júnior.

“Todos os meus discos operam em torno de um tema como fio condutor. No título eu faço analogia com a vastidão do Sertão, mas também com a vastidão do inconsciente individual, do âmago do ser. Cada ser humano é um vasto profundo, uma seara interminável de sensações humanas”, considera.

Natural de São João do Cariri, Júnior Cordeiro oscila morada entre Campina Grande (cidade onde trabalha como professor de História) e João Pessoa. A formação acadêmica explica os interesses de sua estética sonora, tendo se aprofundado em estudos acerca das tradições populares nordestinas, amparado por autores como Câmara Cascudo (1898–1986), José Lins do Rego (1901–1957) e, sobretudo, Ariano Suassuna (1927–2014).

Mas as vivências empíricas também moldaram suas escolhas. Sobre o período da infância, guarda boas lembranças e diz que aquele Sertão d’outrola vem sendo paulatinamente apagado da história. Nos seus termos, “completamente engolido pela globalização”. Por essa razão, o disco encerra em si mesmo um sentido genuíno de memória e nostalgia.

A arte da capa, de autoria de Noilton Pereira, fala mais do que mil causos. Um rádio antigo, de madeira, com quatro botões para sintonias de ondas curtas, médias e amplificadas, repousa ao

lado de uma peixeira com marcas de uso, destacável do breu pelo lume forte de um antigo lampião a querosene.

“O sertanejo entrava em contato com o mundo através dos cordéis das feiras e também pelo rádio, com os cantadores de viola que introduziram no Sertão uma cultura livresca, clássica, europeia, ibérica, mas também pela presença do rádio. Eram muitos lugares sem luz elétrica, formando essa dupla do rádio com a lamparina”, lembra o músico.

Entre as faixas, “Centauros do Sol” abre o disco com o aboio nordestino, trazendo a figura do vaqueiro para o centro da cena. “É como se o vaqueiro e o cavalo fossem um corpo só, aproximando do cavaleiro medieval”, detalha. Já “Como um rio que adoça o mar”, quinta seção da obra, sugere o deslocamento do tempo, em consonância com a terceira canção, “Sujeito deslocado”. “‘Sujeito deslocado’ é uma música central do disco, mais problematizadora da perda da identidade cultural”, comenta.

Psicodelia sertânica

Simbótica sem perder o estilo regional, a música de Júnior Cordeiro é mesmo conhecida, desde o seu primeiro álbum, *Carrascais* (2006), por promover um encontro natural entre o rock e os ritmos nordestinos. “O que muitas pessoas veem como um antagonismo, eu vejo como feito de uma ‘parecência’ muito grande”, ele discorre, dizendo não ter inventado a roda, já que, como lembra, a junção entre a música nordestina e o rock existe desde a década de 1970.

Entanto, acrescenta que sua obra abarca uma peculiaridade que somente ele faz: misturar a sanfona, a zabumba e a viola com a complexidade musical das técnicas composicionais do rock progressivo, embebida de jazz, folk e música erudita. “O forró e o rock são duas músicas rurais. O rock vem do blues do Mississipi, das cantorias de trabalho; o baião também tem muito isso, então existem similitudes muito grandes entre esses dois tipos de música, que eu acho que transcendem a questão do gênero musical”, detalha. “São ideologias, conceitos musicais, agrupamentos de práticas musico-culturais de todo o Nordeste”.

Em processo de composição solitário – nunca teve parceiros na feitura de quase duas centenas de canções –, acredita que suas letras, e os temas com os quais labuta, só combinam mesmo com a sonoridade subjetiva de suas duas mãos. Relatando dificuldade em encontrar parceiros na seara na qual transita, pontua capitanear a produção de seus álbuns.

Não obstante o direcionamento dado aos músicos quanto à atmosfera que precisa ser evocada em cada trilha, Cordeiro dá total liberdade aos profissionais para a criação de arranjos, em dinâmica colaborativa. Figuram em sua equipe Rainere Travassos (baixo), Laís Oliveira (violoncelo), Sarayva Luiz (flauta e sax), Vangelis Duarte (teclados e acordeom), Luciano Salsa e Crispim Herculanu (percussões) e Giordano Frag (guitarra).

Além dos já citados *Carrascais* e *Se no Mundo Não Tivesse Espelho*, Júnior pôs no mundo os álbuns: *O Lago Misterioso* (2011), *Capa Preta* (2013), *Sonhos, Sertão & Loucura* (2016), *Céu, Hades e Outros Porvires* (2018), *Vênus Philipeia* (2019), *#Câmaraeco* (2021), *Infinito Migrar* (2022) e *O Pio da Rasga-Mortalha* (2023).

Ainda focado na produção de *Brenha: Vasto Profundo*, Júnior Cordeiro diz que no momento não circulou na agenda uma data definida para o show de lançamento, muito embora pretenda uma apresentação na capital, ainda neste ano. Mantendo a tradição de sempre lançar os trabalhos em mídias físicas, o artista também sinaliza para a possibilidade de produzir o álbum em vinil.



Novo disco do cantor e compositor paraibano já teve resenhas elogiosas de Mauro Ferreira e de Régis Tadeu

Foto: Divulgação

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

A flauta de Schopenhauer

O filósofo Arthur Schopenhauer era um pessimista inveterado. Daqueles para quem a vida oscila entre a dor e o tédio, entre a angústia de desejar e o fastio amargo de conseguir. Alguém que acreditava que, “se a nossa existência não tem por fim imediato a dor, pode dizer-se que não tem razão alguma de ser no mundo”. E mais: “o bem-estar e a felicidade são negativos, só a dor é positiva”.

É inegável que parte considerável dos nossos sofrimentos é resultado da não realização de nossas vontades. Isso costuma nos deixar atormentados, mas a experiência prática revela que a realização dos desejos não é garantia de felicidade. Estamos sujeitos a um fluxo contínuo e aprisionante de volições, que só se pode superar com a morte.

Por outro lado, a incapacidade de desejar pode provocar prejuízos até maiores, porque é a falta que nos move. Sem o desejo, a vida perderia o brilho. Não teríamos motivos para viver. É por isso que a psicanalista Maria Rita Kehl afirma que “a falta é condição do trabalho psíquico” e que “a saciedade está mais associada à depressão”. O depressivo, portanto, é um indivíduo que sofre de uma apetência, que já não consegue mais desejar e não tem prazer com nada.

Maria Rita Kehl recorre aos contos de fadas para ilustrar essa ideia. Ela lembra como as personagens tristes dessas histórias nunca eram gente pobre que precisava sustentar as próprias famílias. Mas aristocratas sem

muitas preocupações, isto é, pessoas saciadas. O sofrimento nesse caso é provocado pela falta do desejo, não pela ansia de realizá-lo.

É com base no conto *O Omelete de Amora*, de Walter Benjamin, que Maria Rita Kehl desenvolve melhor essa ideia. Benjamin escreve sobre um rei deprimido, que não se interessa por nada e que está deixando todo mundo preocupado com a sua saúde. Um certo dia, ele chama o cozinheiro do palácio e diz que tem algo que pode tirá-lo da tristeza: um omelete de amora que comeu na infância. O monarca guarda uma recordação muito feliz do dia em que comeu um omelete de amora com seu pai, numa ocasião em que o reino tinha sido invadido e que ambos tiveram que fugir pela floresta fria e inóspita para não morrer, tomados pelo frio, pela fome e pelo cansaço. Quando exaustos, encontram uma casinha. Batem à porta. Uma mulher idosa os acolhe, oferecendo uma bebida quente e uma lareira para que se aqueçam. Ela prepara um omelete de amoras delicioso que eles comem com enorme prazer.

O rei, então, fala ao cozinheiro que, se ele conseguir reproduzir esse prato, o presenteará com seus melhores tesouros; mas, caso contrário, vai cortar a sua cabeça. Para o assombro de todos, o cozinheiro pediu a majestade que mandasse decapitá-lo, porque sabia não ter como reproduzir o omelete.

Por mais que soubesse com perfeição a receita, a quantidade de amoras necessárias, o ponto de cozimento, o

jeito certo de bater os ingredientes e a porção exata dos temperos, não conseguiria recriar aquilo que ajudou a majestade a ter tanto prazer naquela noite. A receita não tem a floresta, o medo, o frio, a sensação de desamparo, a fome, a companhia do seu pai e a experiência de ser tão bem acolhido por uma pessoa desconhecida numa situação de perigo e desamparo.

A tristeza do rei, diz Maria Rita Kehl, não é assim em decorrência de não possuir algo muito precioso, mas consequência da “falta de sentir falta”. O monarca tem tudo, menos o apetite. O desejo de viver se esvaiu do seu corpo, esfumou-se. Um rei saciado não poderia se satisfazer com o omelete, por mais saboroso que fosse. A depressão se assemelharia, desse modo, ao tédio.

Essa ideia nos leva novamente a Schopenhauer. Em *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche questiona o pessimismo de Schopenhauer, com base na forma como ele vivia. Por mais que Schopenhauer defendesse um pessimismo radical, concebendo a vida como puro sofrimento, ele mantinha hábitos prazerosos, como tocar flauta todas as manhãs. O ato de tocar flauta todas as manhãs e de ter satisfação com a música é em si um tipo de afirmação da vida. Na visão de Nietzsche, o que revelaria uma incoerência entre o pensamento e a prática.

Um homem verdadeiramente convencido de seu pessimismo tocava flauta todas as manhãs? Seria o pessimismo dele apenas performático ou existiria um desejo oculto que escapava de sua consciência?

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

“Soli Deo gloria”: a música de Bach

No século 17, a música europeia vivia uma diversidade de escolas e estilos que buscavam afirmar-se em meio a transformações culturais, religiosas e políticas. A música barroca, que se desenvolveu entre 1600 e 1750, é caracterizada por: o baixo contínuo, que consiste em uma linha de baixo tocada por um instrumento grave (como o violoncelo), sobre a qual um instrumento harmônico (como o cravo) improvisava os acordes, formando a base da música; o contraste, expresso no uso frequente de variações de volume (*forte/fraco*), andamento, timbre e textura musical para criar um efeito dramático e expressivo; a tonalidade, marcada pelo desenvolvimento das escalas maior e menor, estabelecendo a base da música tonal que ainda hoje é amplamente utilizada; a expressividade dramática, por meio da qual as composições buscavam estimular as emoções do ouvinte, como se observa em gêneros como a ópera e os oratórios; a ornamentação, caracterizada pelo uso de ornamentos e variações melódicas elaboradas para enriquecer a linha principal; o virtuosismo, que enfatizava o desenvolvimento técnico, tanto de cantores quanto de instrumentistas, com peças que exigiam grande habilidade e improvisação; as formas musicais, com o surgimento e desenvolvimento da ópera (drama cantado com cenografia e atuação); do oratório (obra para vozes e orquestra, sem encenação); da cantata (composição vocal com acompanhamento instrumental); do concerto (peça que contrasta um solista ou pequeno grupo de instrumentos com a orquestra) e da suíte (sequência de danças); e, por fim, a escrita idiomática, na qual as partituras passaram a especificar os instrumentos — novidade em relação ao período anterior.

Nesse contexto, o compositor alemão Johann Sebastian Bach (1685–1750) absorveu e recriou as matrizes musicais de sua época. Da tradição alemã, herdou a densidade contrapontística e a intencio-



Foto: Reprodução/MeisterDrucke

Bach recriou matrizes musicais de sua época

nalidade espiritual; da música francesa, representada por compositores como Jean-Baptiste Lully (1632–1687) e François Couperin (1668–1733), assimilou o refinamento das danças e das suítes; e, do estilo italiano, cujo maior expoente foi Antonio Vivaldi (1678–1741), apreendeu a clareza melódica e a vitalidade rítmica. Essa tríplice fusão tornou-se um elemento estruturante de sua produção, conferindo-lhe universalidade. Sua obra, que abrange desde a música sacra até os concertos instrumentais, passando por peças corais e exercícios pedagógicos para instrumentos de teclado, representa ciclos históricos da música. Sua densidade intelectual e seu pensamento musical influenciaram a evolução da música erudita. Outro aspecto é a amplitude de gêneros nos quais Bach se destacou. Ainda que não tenha escrito óperas, sua obra abrangeu cantatas, oratórios, missas, corais, concertos, suítes e música instrumental de câmara. Entre essas produções, algumas são antológicas: *Os Concertos de Brandemburgo*,

compostos no início de 1720 e concluídos em 1721, representam sua extraordinária capacidade de explorar as possibilidades tímbricas dos instrumentos; *A Missa em Si Menor* (iniciada em 1724 e concluída em 1749) e *A Paixão segundo São Mateus* (1727) constituem um patrimônio da espiritualidade cristã, no qual a ciência contrapontística se une a uma intensidade expressiva de caráter universal. Ao escrever prelúdios e fugas em todas as tonalidades maiores e menores, Bach não apenas explorou as potencialidades do sistema temperado, mas também deixou à posteridade um compêndio de possibilidades musicais que ainda hoje influencia intérpretes e teóricos.

Johann Sebastian Bach foi o gênio do contraponto. Sua capacidade de entrelaçar linhas melódicas independentes, mantendo ao mesmo tempo a coerência harmônica e a unidade estrutural, alcançou níveis de complexidade e beleza dificilmente superados. O uso do cânone e da fuga, em suas mãos, não se limitava a exercícios acadêmicos: essas formas transformavam-se em expressões de espiritualidade para sua fé em Deus. *A Arte da Fuga*, obra tardia e inacabada, é o exemplo máximo dessa busca pela perfeição formal. O conjunto de sua obra contém mais de mil peças catalogadas. Muitas de suas partituras trazem a inscrição “*soli Deo gloria*” — “somente a Deus a glória” —, evidenciando a concepção da arte como processo de transcendência, isto é, a unidade entre a natureza humana, universo e Deus.

Sinta-se convidado à audição do 538º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 5, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo, em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei “Os Concertos de Brandemburgo”, do compositor alemão Johann Sebastian Bach (1685–1750).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Beco da memória

Nem tudo é autobiográfico. Nem sempre que caminho à tardinha na Praia do Cabo Branco, vejo pessoas em cadeiras de rodas, sendo conduzidas por outras, uma cena essencial para ambos. Um dirige a cadeira e não vê o mar, o outro ainda ocupa o corpo, que faz com que a pessoa se distraia sem perceber, o que leva ao despojamento da matéria, de tudo o que ainda está no espírito e no corpo.

Lembrei que ganhei de presente de meu filho, já faz um tempo, aquele objeto de tirar pelos do nariz, mas nunca usei — está por ali a tesourinha que minha mãe cortava minhas unhas.

Perder objetos, deixar lugares, esquecer nomes e fisionomias... eles continuarão existindo, só que bem escondidos de nós. Já nem podemos dizer que o mundo é chato, porque mundo é o lugar de muitos, ponta de areia e pregos batidos, de desertos margeando outras linhas, longe dos celulares, que, querendo ou não, servem de companhia e tiram a pessoa da ficção da vida, algum engano, uma boabeira.

Vamos, pode imaginar que eu estou escrevendo sobre mim, sobre o meu retrato, e que fosse fácil só sentar aqui e escrever. Talvez sobre andar de bicicleta, das coisas que vejo passar, pai com filho na corcunda; um casamento na beira-mar, outro no desgosto do lar, mas eu não preciso escrever o que me der na telha. Talvez sobre a saudade dos meus vinte e poucos anos.

Escrevo o que pede somente o olhar, e gosto desse olhar meu, que pode ser aristotélico, mas com novidades. Por sua vez, poetas se misturam com gente jovem reunida ou gente das antigas — os anônimos, que permanecem anônimos, para que eles tenham lugar no jogo (sem corpo nem nome) de ser contemplados no beco da memória, sem saber.

Eu gosto de sair de casa, de ir trabalhar todos os dias, de ir a lançamentos de livros, de tomar café (que é a desculpa mais esfarrapada para se encontrar com outra pessoa), de ir ao cinema, conversar, ouvir. Eu vou ao cinema sozinho e, às vezes, choro no filme. Ser o extenso performaticamente da narrativa.

Acordo para uma nova etimologia, não sei qual será, se será. Talvez claraboia e, tanto quanto eu a procuro, ela me acha e, quando ela me chama, estou por aí.

Se você gosta de sair, de se encontrar com amigos no shopping, vá. Não deixe de reencontrar pessoas; certamente estão com saudade e você está a viver outra saída.

Em *Algum lugar e Ensaio de Voo*, de Paloma Vidal, esbarrei em Nietzsche — “envie seus navios para mares desconhecidos”. Assim falava Zarathustra?

Vá para as ruas, vá se divertir. Vá, mas não vá pensando que você é centro e a identificação das conversas, que só quem pode falar é você — escute os outros.

Nada melhor que uma previsão conveniente da memória. Por exemplo — elimine o bode expiatório, o trágico acima de tudo e volte pra casa com seus pés, mas não meta os pés pelas mãos.

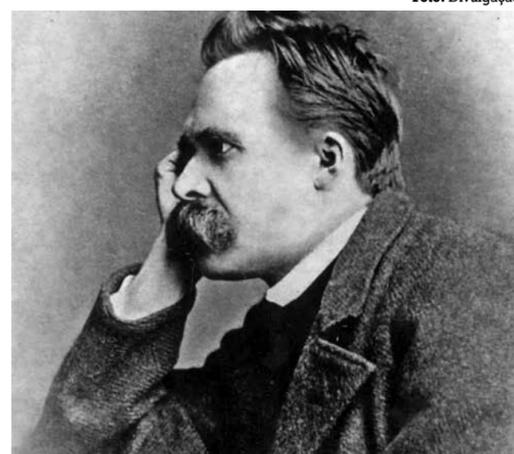
Passando em frente ao beco da memória, li na parede de um casarão abandonado no bairro de Jaguaribe: “Quando você era mais moço, você colocava o cinto e ia para onde queria. Quando você ficar mais velho, estenderá as suas mãos, e outro colocará o cinto em você e o levará onde você não quer ir. É de João (capítulo 21, versículo 18).

Pronto. Você ainda não morreu, aproveite. O sonho acabou, mas a festa não. Assim são os sons, os cheiros, até aquele estado que se chama libertação.

Kapetadas

- 1 – Sucesso é ter paz.
- 2 – Atire a primeira pedra quem nunca atirou a primeira pedra.

Foto: Divulgação



Nietzsche: “Envie seus navios para mares desconhecidos”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

O “mito” Cardinale em nossas vidas

Numa época de notório “glamour” do cinema italiano, ela foi uma atriz de minhas lúdicas paixões. Saindo de uma adolescência de fantasias e sonhos para um período de maturidade, dentro do nosso próprio cinema, eu me via preso a alguns fetiches de uma arte que, logo cedo, tinha aprendido a viver e exercer, cotidianamente.

Vendo, hoje, relatos sobre a trajetória da atriz Claudia Cardinale, falecida recentemente, vieram-me as memórias de quando, com o meu saudoso pai, íamos às distribuidoras de Recife contratar os filmes que seriam exibidos semanalmente em nossas telas. Foi uma longa e rotineira saga, até hoje muito bem lembrada.

Quando ao “mito” cinematográfico daquele momento, e convivendo com outras atrizes de igual ou superior quilate, como Gina Lollobrigida, Sophia Loren e tantas outras, Claudia Cardinale sobressaía-se por sua real beleza. Encanto que nos cativava a todos. Razão que sempre nos levava a selecionar seus filmes a uma bilheteria certa. Como foi o caso de alguns lançamentos do tipo *O Leopardo*, do diretor italiano Luchino Visconti, também de *Era uma Vez o Oeste*, de Sérgio Leone. Verdadeiramente, eram filmes que enchiam as nossas salas de projeção, naquela época em que o cinema tinha muito mais fôlego que hoje.

Sobre esse período e cinematografia, meu pai (“Severino do Cine-



Foto: Reprodução

“Claudia Cardinale sobressaía-se por sua real beleza. Encanto que nos cativava a todos”

ma”, como era conhecido também nas distribuidoras de filmes do Recife) tinha lá suas restrições, claro. Lembro bem do caso de *8½*, de Federico Fellini, filme de 1963, que meu pai tinha reserva em contratar, por acreditar que não daria uma boa bilheteria, segundo ele, por ser um filme que não teria a atenção de seus espectadores. Mas, por insistência minha, acabamos selecionando.

Na época, já me preparando para a universidade, eu vinha lendo sobre as “coisas de cinema”, uma arte que já tinha algumas de suas raízes plantadas em nosso estado. Exemplo recente,

Aruanda, de Linduarte Noronha. Fato que aguçava ainda mais meu interesse por um cinema não apenas como exibidor, mas se estendia também à Rádio Sociedade de Santa Rita, onde apresentava meu programa de música clássica e de cinema.

Vendo, hoje, um de nossos “mitos” — Claudia Cardinale — indo embora, só nos resta resgatar as boas memórias de uma vida cinematográfica, que iniciei logo cedo. Vida que nos permitiu (a mim e ao meu pai) integrar a tão evidente Academia Paraibana de Cinema. (Para mais “Coisas de Cinema”, acesse o nosso *blog*: www.alex santos.com.br)



APC reúne produtores estrangeiros

A sala Antônio Barreto Neto, da Academia Paraibana de Cinema (APC), esteve movimentada nesta semana. Reuniram-se os confrades Marcus Vilar, Heleno Bernardo e Durval Leal Filho, além do diretor Ivan Cordeiro, que reside na Califórnia (EUA), em companhia da americana Leticia Maria Vellanoweth, da Eyesee Film.

O objetivo do encontro, segundo o presidente da APC, João de Lima, foi “criar um desenho de futura obra audiovisual sobre o maestro Moacir Santos, revendo no cinema o importante músico pernambucano de carreira internacional”.

MÚSICA

Rodrigo Alarcon faz show na Vila do Porto

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Designer gráfico e músico, o paulistano Rodrigo Alarcon utiliza as lições de estética de um dos ofícios para criar a identidade visual do outro, desde o início de sua trajetória profissional. Parte desse trabalho poderá ser conferido hoje, no show com voz e violão que o artista faz na Vila do Porto, no Varadouro, em João Pessoa. A apresentação faz parte da turnê comemorativa que ele traz a cidades brasileiras. Os ingressos podem ser adquiridos por meio do *site* Sympla e custam de R\$ 60 (meia) a R\$ 120 (inteira).

O show celebra os 10 anos de “O lado vazio do sofá”, o primeiro *single* de sua carreira solo. Ele também traz a público versões reduzidas de canções como “Apesar de querer” e “Frágil coração”. Em 2022, ele lançou *Rivo III* e *a Fé* (lê-se “rivotril”), que contou com produção de nomes como Pedro Altério e Ana Muller. O projeto foi bem recebido, tendo sido incluído entre os 50 melhores

discos do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Rodrigo definiu seu próprio trabalho como “pós-MPB” numa entrevista recente.

A arte dos discos e compactos de Rodrigo Alarcon são conceituais e remetem à tipografia e à fotografia dos anos 1970 e 1980. Na pós-produção de *Rivo III* e *a Fé*, por exemplo, ele adicionou pequenos vinhos e amassados, que se assemelham a um vinil usado — ainda que o artista nunca tenha lançado nada nesse formato.

A inspiração nas trilhas sonoras de telenovelas também está presente no *design* de alguns álbuns. Na coletânea *Singles Compilados*, o cantor emula a pose que os atores faziam nas capas desses LPs.

Remontando o momento que revisita agora, com essa turnê, Rodrigo diz que nunca imaginou a quantidade de portas que “O lado vazio do sofá” abriria, seja junto ao público ou à crítica. A recepção positiva impulsionou sua produção autoral e seu aprofundamento na música.

“Certas coisas só vêm com o tempo, com muito trabalho e com as parcerias certas. Dez anos mergulhado nesse

processo fizeram uma enorme diferença. Hoje, me sinto um artista mais completo, mais consciente da minha escrita. Percebi o quanto eu evolui”, afirma.

Ele almeja desbravar novos estilos e ritmos: “Quero continuar compondo de forma honesta, com abertura para a experimentação, mas tendo como referência os alicerces construídos pelas gerações anteriores da nossa música”.

Alarcón: trabalho autodefinido como “pós-MPB”



Leia o QR Code acima e acesse o *site* para compra de ingressos



Foto: Divulgação

ONDE:

■ VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro, João Pessoa).

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Biblioteca e autobiografia

Uma biblioteca é uma autobiografia, disse Jorge Luis Borges em um de seus textos.

A frase me parece pertinente, e fico a imaginar a autobiografia que poderia compor, devassando a imensa floresta dos meus livros. Sim, porque a minha biblioteca (e suspeito que as de outrem) possui qualquer coisa de uma complexa floresta, a abrigar as espécies mais variadas de algumas tipologias fundamentais.

Ponho-me a me perguntar o que existiria de certos filósofos na minha concepção existencial ou que tipo de formação me proporcionaram ao longo do tempo. Alguns, não tenho dúvida, foram seminiais, quer pelo modo de ser, atitudes e disciplina moral, quer pelas ideias que disseminam pelas obras que publicaram. Um Sêneca, um Marco Aurélio, um Montaigne, um Kierkegaard, um Schopenhauer, um Nietzsche, um Camus, um Cioran, por exemplo, crismaram meu pensamento acerca das coisas e dos seres de maneira definitiva. Algum bem me legaram em meio à aventura e à rotina dos meus dias.

Talvez a convicção de que o conhecimento ainda não seja a sabedoria. Decerto a certeza de que toda sabedoria é precária e limitada. O ar meio cético diante dos ídolos e dos dogmas, a sensação de que tudo passa e a impressão de finitude e, paradoxalmente, de eternidade, que me envolve na tessitura de certas vivências e atos impronunciáveis.

Dos exemplos literários, provavelmente possa retirar a argamassa privilegiada que me moldou uma forma de sentir e de perceber a clareza e o mistério do mundo. Sempre vi a literatura como arte, como uma expressão estética, como a palavra dotada de beleza. Vejo também como um princípio inaugural, uma insólita e decisiva pedagogia, um caleidoscópio de saberes que faz adentrar à espessura do real numa perspectiva mais profunda e mais prazerosa que as ciências sociais e humanas. Que as ciências exatas e biológicas. Isso sem contar com os elementos especiais da estesia, esta experiência única e metamórfica.

Dante me ensinou muitas coisas: na ideia, na imagem e na música. Seus tercetos, na *Divina Comédia*, constituem lições de ritmo e melodia, de elegância e precisão, de epifania e estética, que pavimentam toda uma rica tradição na lírica ocidental. O feio, o grotesco, o pútrido, aprendi com Baudelaire, Cesário Verde e Augusto dos Anjos, três poetas distantes entre si, porém reunidos numa linguagem estranha e configuradora que desemboca no mar da modernidade. Antero, Pessanha, Pessoa, Borges, Drummond, Bandeira, Cecília e Jorge de Lima sinalizam para a noção de continuidade e fertilizam o aprimoramento do gosto e da disciplina do verso enquanto instrumento de leitura da invisibilidade do universo.

Dostoiévski, Tolstói, Flaubert, Henry James, Thomas Mann, Machado de Assis, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Philip Roth, John Fante, Vargas Llosa, Gabriel Garcia Márquez, Clarice Lispector, Júlio Cortázar e tantos mais prefiguram minhas predileções no terreno da ficção. Ler ficção é fazer longas viagens e viver múltiplas guerras. Os enredos, as personagens, o clima, o desfecho, o ambiente, as circunvoluções no tempo e no espaço podem impregnar, para sempre, o tecido de nossa alma. É óbvio que a minha autobiografia também ajusta, na sua renovável engrenagem, os estilhaços significantes dessa prosa multifária.

Devo acrescentar, aqui, o idioma dos juristas, historiadores, antropólogos, teólogos, psicólogos, musicistas, cineastas, artistas, linguistas, críticos literários e ensaístas em geral, para que o quadro se elasteça e possa me mostrar os deslimites de uma autobiografia e as diversas variantes que seguem as pegadas de um leitor.

Se toda biblioteca é uma autobiografia, como sugere o escritor argentino, toda autobiografia, como toda biblioteca, não tem fim. As vertentes cognitivas e emocionais, relacionais e subjetivas, práticas e teóricas que as materializam, mesclam-se na formulação de um fenômeno ou de uma entidade que nunca se completam. As bibliotecas, como as autobiografias, são inscrições abertas, processos mais que produtos, o ser e o devir misturados num tempo tróico, isto é, passado, presente e futuro fundidos sob o império de um mesmo signo e de uma mesma ordem.

MÚSICA

Uma história de paixão e música

Sandra Pêra grava ótimo disco em homenagem aos 80 anos de Gonzaguinha e ao amor vivido pelos dois

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Após um disco dedicado à obra de Belchior, *Sandra Pêra em Belchior* (2021), pareceu lógico que a cantora também dedicasse um a Gonzaguinha, com quem viveu uma história de amor. “Várias pessoas me falaram: ‘o próximo tem que ser Gonzaguinha!’”, conta ela em conversa com **A União**, por telefone, de seu apartamento no Rio. Pois agora saiu: o ótimo *Eu Apenas Queria que Você Soubesse*, lançamento da Biscoito Fino, desfila 12 faixas selecionadas da obra do cantor e compositor carioca, filho de Luiz Gonzaga — um arcabouço que soma quase 300 composições. Se estivesse vivo, Gonzaguinha teria feito 80 anos no último dia 22. Com ele, Sandra Pêra teve uma filha, em 1980: Amora, hoje escritora, atriz e cantora, integrante do quarteto Chicas. E que, nesse

disco, é produtora (com Paula Leal) e divide com a mãe os vocais da última faixa, que batiza o álbum.

“A primeira pessoa que chamei foi a Amora”, conta Sandra. “Ela me acompanhou o tempo todo no *Belchior* e me dirigiu vocalmente. Ela me inspira confiança. Ela aceitou e trouxe a Paula Leal, amiga de infância e também das Chicas”.

A música que cantam juntas é muito simbólica. “A primeira música em que pensei foi ‘Eu apenas queria que você soubesse’, que o Gonzaga botou pra eu ouvir na maternidade”, conta Sandra (que não costuma se referir a Gonzaguinha pelo diminutivo usado normalmente para diferenciá-lo do Rei do Baião). O compositor colocou a música para que ela ouvisse enquanto ia do quarto para a sala de parto.

A faixa, inclusive,

começa com o trecho de uma entrevista de Gonzaguinha à extinta rádio Alvorada FM em que se refere à filha: “Eu tenho uma filha da paixão”.

A entrevista foi deixada anonimamente em uma fita cassete na portaria de Marília Pêra, irmã de Sandra, um dia depois do velório de Gonzaguinha (que morreu em um acidente automobilístico, em 1991). “Amora era pequena e ele fala sobre vida, paixão, amor”, conta Sandra. “Eu tive um momento que dei a fita pra Amora. E agora tivemos a ideia de colocar aquele trecho.

Outra música cheia de significado histórico

para Sandra é “A felicidade bate à sua porta”, segunda do disco. Foi a primeira gravação de As Frenéticas, no compacto duplo de 1977, que estourou nas rádios. Ela recebe as colegas de grupo Regina Chaves e Dhu Moraes para dividir a canção, com a animação característica do conjunto da inesquecível “Dancin’ days” e que Sandra integrou de 1976 a 1982.

“Sempre tive na cabeça a Dhu e a Regina”, conta Sandra. “Éramos amigas muito antes do grupo”.

Amora sugeriu Chico Chico para “Maravida”, e Sandra Pêra ligou

para Simone, que lançou várias composições de Gonzaguinha. “Perguntei: ‘Será que você gostaria de cantar comigo?’”. Simone perguntou se a canção era “O recado”, que já tinha ficado fora na peneira de canções. Acabou voltando para receber a baiana.

O repertório procura não recorrer aos grandes hits. “Eu queria buscar outras coisas, não ‘O que é, o que é’ ou ‘Explode coração’”, explica Sandra. “Eu queria tentar coisas tão bonitas quanto, mas sem o mesmo peso. ‘Coração’, por exemplo, muito pouca gente conhece”.

Sandra Pêra conheceu Gonzaguinha primeiro pelas músicas.

Depois que As Frenéticas gravaram e fizeram sucesso com “A felicidade bate à sua porta”, a efervescência do meio musical dos anos 1970 fizeram Sandra Pêra e Gonzaguinha se esbarrarem várias vezes antes de romance engatar.

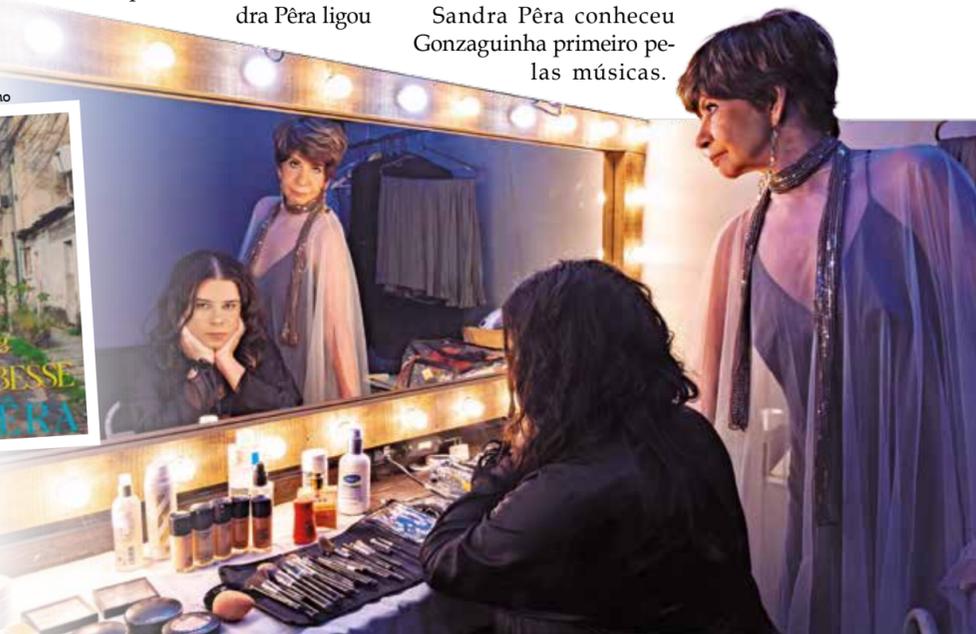
“Um dia eu estava num avião. E tenho muito medo. Não sei como nem porquê, ele apareceu na cadeira do meu lado”, recorda ela. “Ele disse: ‘Tá chorando por quê? A gente só morre uma vez’”. Outro dia nos encontramos no Pão de Açúcar — e aí foi inevitável. Foi uma grande paixão”.

Sandra e Amora Pêra, mãe e filha, dividem os vocais na faixa-título; a capa do disco foi fotografada no Morro de São Carlos, onde Gonzaguinha cresceu



Foto: Divulgação/Biscoito Fino

Foto: Isabela Espindola/Div.



Em Cartaz

Cinema

Programação de 2 a 8 de outubro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande e Patos, Guarabira e Remígio.
* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

CORAÇÃO DE LUTADOR (*The Smashing Machine*). EUA/Japão/Canadá, 2025. Dir.: Benny Safdie. Elenco: Dwayne Johnson, Emily Blunt, Lindsey Gevin. Drama. Astro lutador do MMA enfrenta problemas pessoais. 2h03. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 15h30, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h45; leg.: 16h30, 19h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 15h45, 18h30, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 15h10, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 15h10, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 16h30, 18h50, 21h10; seg. a qua.: 18h50, 21h10. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: dom.: 21h; seg. a qua.: 15h, 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 14h, 16h25; seg. a qua.: 21h15.

CRÔNICAS DE UM EXORCISMO – O INÍCIO (*Toemalog*). Coreia do Sul, 2024. Dir.: Kim Dong-Chul. Elenco: Nam Doh-Hyeong, Choi Han, Paulette Victor Lifton. Animação/terror. Ex-padre e monge protegem garoto poderoso de um mestre maligno. 1h25. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: qui. a ter.: 19h45.

DORA E O MUNDO MÁGICO DAS SEREIAS (*Dora Mermaid 2025 Special*). EUA, 2025. Dir.: Não informado. Animação/comédia. A aventureira Dora se transforma em sereia. 50min. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: dom.: 14h45, 16h; seg. a qua.: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h15, 15h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: seg. a qua.: 13h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h15. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h, 17h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h, 17h30.

OS ESTRANHOS – CAPÍTULO 2 (*The Strangers – Chapter 2*). Espanha/EUA, 2025. Dir.: Renny Harlin. Elenco: Madelaine Petsch, Gabriel Basso, Ema Horvath. Suspense. Garota que escapou de massacre é novamente perseguida por assassinos mascarados. 1h38. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h, 16h15, 18h30; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: qui. a ter.: 15h30, 17h45; qua.: 15h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h45. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 16h30, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h30, 21h. **Patos:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: seg. a qua.: 18h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 15h, 17h, 19h, 21h; seg. a qua.: 17h, 19h, 21h. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: 18h30, 20h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 19h20,

21h30; seg. a qua.: 17h10, 19h20.

GOAT (*Him*). EUA, 2025. Dir.: Justin Tipping. Elenco: Tyriq Withers, Marlon Wayans, Julia Fox. Suspense. Após sofrer contusão, atleta promissor é treinado em local isolado por seu ídolo, que vai revelando um comportamento sombrio. 1h36. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h, 15h30, 18h, 20h30.

MALÊS. Brasil, 2025. Dir.: Antônio Pitanga. Elenco: Camilla Pitanga, Rocco Pitanga, Antônio Pitanga, Patrícia Pillar. Drama/guerra. Casal trazido à força da África se envolve com uma revolta de escravizados na Salvador de 1835. 1h54. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h, 15h30, 18h, 20h30.

A PLANTA. Brasil, 2025. Dir.: Beto Brant. Documentário. Histórias dos benefícios da cannabis medicinal. 1h20. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 17h15.

ESPECIAL

BTS – LOVE YOURSELF, SPEAK YOURSELF – LONDON (*BTS – Love Yourself, Speak Yourself – London*). Coreia do Sul, 2019. Documentário/show. Registro de apresentação da boy band sul-coreana. 1h48. 12 anos.

Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: dom.: 17h.

BTS – MUSTER SOWOOZOO (*BTS – Muster Sowoozoo*). Coreia do Sul, 2021. Documentário/show. Registro de apresentação da boy band sul-coreana. 1h33. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): leg.: dom.: 16h45, 19h; seg. a qua.: 16h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: dom.: 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: dom.: 19h. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 16h.

POR OUTROS OLHOS – VOCAL LIVRE (*Kurenai no Buta*). Japão, 1992. Dir.: Dennys Bravo. Documentário/show. A história do grupo Vocal Livre e registro de show em Recife. 1h45. Classificação não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qua.: 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: qua.: 19h.

RELANÇAMENTO

AVATAR – O CAMINHO DA ÁGUA (*Avatar – The Way of Water*). EUA, 2022. Dir.: James Cameron. Elenco: Sam Worthington, Zoe Saldana, Sigourney Weaver, Kate Winslet. Aventura/drama. Habitantes nativos de uma lua precisam enfrentar velho inimigo que retorna para combatê-los. 3h12. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 3D: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: leg.: 3D: 13h, 16h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 3D: seg. a qua.: 19h30. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 3D: 19h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 3D: 19h30.

CONTINUAÇÃO

UMA BATALHA APÓS A OUTRA (*One Battle after Another*). EUA, 2025. Dir.: Paul Thomas Anderson. Elenco: Leonardo DiCaprio, Sean Penn, Benicio Del Toro, Regina Hall. Aventura/drama. Grupo de ex-revolucionários se unem para salvar a filha de um deles quando seus inimigos retornam após 16 anos. 2h41. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 16h, 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h30, 17h, 20h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: seg. a qua.: 13h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 17h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 17h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 20h30. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: seg. a qua.: 17h40.

DEMON SLAYER – CASTELO INFINITO (*Gekijō-ban Kimetsu no Yaiba – Mugen Jō-hei*). Japão/EUA, 2025. Dir.: Haruo Sotozaki. Animação/aventura. Caçadores de demônios enfrentam batalha decisiva em castelo. 2h35. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h; leg.: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: dom.: 16h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 16h. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 20h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 17h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 17h40. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 3: dub.: dom.: 15h30; seg. a qua.: 16h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 16h45, 20h10; seg. a qua.: 17h, 20h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h; seg. e qua.: 18h15.

A GRANDE VIAGEM DA SUA VIDA (*A Big Bold Beautiful Journey*). Irlanda/EUA, 2025. Dir.: Kogonada. Elenco: Colin Farrell, Margot Robbie, Phoebe Waller-Bridge. Romance. Após um flerte, casal é levado em uma viagem no tempo a momentos de seus passados. 1h48. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: leg.: 17h30, 20h.

INVOCAÇÃO DO MAL 4 – O ÚLTIMO RITUAL (*The Conjuring – Last Rites*). Reino Unido/EUA, 2025. Dir.: Michael Chaves. Elenco: Vera Farmiga, Patrick Wilson, Elliot Cowan. Terror. Casal de investigadores do sobrenatural reencontra um demônio que enfrentaram no começo de suas carreiras. 2h15. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 18h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 9: dub.: dom.: 14h; seg. a qua.: 14h, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: dom.: 13h45; seg. a qua.: 16h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 19h15. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 18h25. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 20h40. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 18h25. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 18h. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 20h. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h30, 20h45; seg. e qua.: 16h, 20h45.

A LONGA MARCHA – CAMINHE OU MORRA (*The Long Walk*). EUA, 2025. Dir.: Francis Lawrence. Elenco: Cooper Hof-

fman, David Jonsson, Mark Hamill. Ficção científica/suspense. Jovens participam de competição onde quem parar de caminhar morre. 1h48. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 17h.

ASOGRAPERFEITA 2. Brasil, 2025. Dir.: Cris D’Amato e Bianca Paranhos. Elenco: Cacau Protásio, Evelyn Casatro, Marcelo Laham, Ricardo Pereira, Fafy Siqueira, Maria Bopp, Lúis Miranda. Comédia. Mulher recusa pedido de casamento para não perder a liberdade, mas a chegada da sobra portuguesa complica sua rotina. 1h29. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h30, 15h30, 17h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: seg. a qua.: 13h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 12h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 22h15.

O ÚLTIMO AZUL. Brasil/México/Países Baixos/Chile, 2025. Dir.: Gabriel Mascaro. Elenco: Denise Weinberg, Rodrigo Santoro, Miriam Socarras. Drama/aventura. Ao se recusar a cumprir uma medida do governo que isola os idosos, mulher embarca em uma jornada pela Amazônia. Grande prêmio do juri no Festival de Berlim. 1h45. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30.

ZOOPOCALIPSE – UMA AVENTURA ANIMAL (*Night of the Zoopocalypse*). Canadá/Bélgica/França, 2025. Dir.: Ricardo Curtis e Rodrigo Pérez-Castro. Animação/comédia. Lobo e leão da montanha se unem quando meteoro cai em zoológico e libera vírus que transforma os animais em zumbis. 1h31. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 15h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h50. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 14h45. CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 16h10. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: dom.: 14h20, 16h30; seg. a qua.: 15h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: sáb. e dom.: 14h; seg. a qua.: 14h.

Teatro

PRÓXIMOS DIAS
CABRAL SHOW. Show de humor com o elenco do programa *A Culpa É do Cabral*: Fabiano Cambota, Nando Viana, Thiago Ventura e Rodrigo Marques.
João Pessoa: TEATRO PEDRA DO REINO (Centro de Convenções, PB-008, km 5, s/nº, Polo Turístico Cabo Branco). Terça, 7/10, 20h. Ingressos: de R\$ 40 (balcão/meia) a R\$ 140 (plateia A/ inteira), antecipados na plataforma Ingresso Digital.

CENAS DA MENOPAUSA. Texto: Anna Toledo. Direção: Jarbas Homem de Mello.

Com Cláudia Raia e Jarbas Homem de Mello. Cenas curtas sobre a vida da mulher com mais de 50. 14 anos.

Cabelo: INTERMARES HALL (Rodovia BR-230, km 9, Nº 9240 B, Amazonia Park). Sexta e sábado, 10 e 11/10, 20h. Ingressos: de R\$ 50 (plateia térreo C/meia) a R\$ 200 (plateia A/ inteira e plateia VIP/ inteira), antecipados na plataforma Ingresso Digital.

Música

HOJE
MUNGANGA. Grupo faz show de samba e choro.
João Pessoa: RECANTO DA CEVADA (R. Bancário Waldemar de Mesquita Accioly, Parque das Três Ruas, 53, Bancários). Domingo, 5/10, 18h. Entrada franca.

RODRIGO ALARCÓN. Cantor faz show voz e violão na turnê de 10 anos do disco *O Lado Vazio do Solá*.
João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 5/10, 19h30. Ingresso: R\$ 120 (inteira) e R\$ 60 + 1 item de higiene pessoal (social) e R\$ 60 (meia), antecipados na plataforma Sympla.

SANDRO RODRIGO. Músico faz show de choro.
João Pessoa: LOCA CENTRO (Av. General Osório, 122, Centro). Domingo, 5/10, 13h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.
João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 15/9, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), m R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

HOJE
SUPER-CON. Convenção de cultura pop, com convidados, concursos e shows.
João Pessoa: ESPAÇO CULTURAL (R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Sexta a domingo, 3 a 5/10. Ingressos: de 1 kg de alimento não perecível (social/sexta) a R\$ 700 (combo VIP para sáb. e dom.), antecipados nas lojas Enjoy (Manapira Shopping), Mini Moondo (Shopping Sul), Mundo Nerd (Bessa), Música.com (Centro), Casa do Pará (Manaira) e na plataforma Evenyx.

Events

CONTAGEM REGRESSIVA

Falta um ano para as Eleições 2026

Destino do país estará em jogo em um pleito marcado por menor renovação parlamentar e desafios à governabilidade

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

Daqui a um ano – especificamente, em 4 de outubro de 2026 –, serão realizadas as eleições majoritárias nos 26 estados da Federação e no Distrito Federal, definindo quem assumirá os cargos de presidente da República, governador, senador, deputado federal e estadual. Na Paraíba, 50 políticos serão eleitos, além dos dois cargos mais altos do Executivo nacional. E, na contagem regressiva para o pleito, as articulações e preparativos sobre a definição dos candidatos correm pelo país, mas também é importante entender o processo democrático para uma escolha mais coerente entre os candidatos que pautarão o projeto de nação para os próximos quatro anos.

Nesse cenário, as eleições prometem ser um divisor de águas na política brasileira, marcadas por uma complexa teia de realinhamentos partidários, fragilização de blocos e uma persistente crise institucional. É o que defende o professor e analista político José Artigas. Para ele, a influência do orçamento impositivo, conhecido como “orçamento secreto”, e a capilarização de partidos como o PL já moldam um cenário em que a renovação parlamentar tende a diminuir, enquanto a governabilidade torna-se o grande desafio.

“É importante destacar que, desde a inauguração do orçamento secreto, é natural que ocorra uma tendência de redução relativa da renovação parlamentar, porque atingimos, na década passada, algo em torno de 40% de renovação da Câmara Federal a cada

eleição. Esse movimento vem diminuindo sistematicamente, agora com os 50 bilhões de reais à disposição dos deputados, para eles inundarem de recursos prefeituras e suas bases eleitorais. É claro que a tendência é a diminuição da renovação, [reforçando a] replicação das eleições daqueles que estão eleitos nos seus cargos”, afirma.

Contudo, o professor enfatiza que as eleições para o Senado tendem à renovação, apontando que o PL, que detém a maior bancada na Câmara, vem se preparando há quatro anos para fortalecer candidaturas competitivas à Casa. O objetivo é conquistar

uma maioria parlamentar capaz de intervir politicamente, inclusive com a abertura de processos de *impeachment* de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF).

“Nas eleições municipais do ano passado, nós tivemos, pela primeira vez, uma participação ativa de candidatos do PL em todos os municípios do país, pequenos, médios e grandes, de forma absolutamente capilarizada. Isso foi um esforço monumental do ponto de vista burocrático e da estrutura partidária para conseguir catapultar novos nomes que pudessem vir, eventualmente, a ocupar uma posição competitiva nas eleições para o Se-

nado”, explica.

Considerando a discussão de pautas consideradas polêmicas e impopulares pelo Congresso, como a PEC da Blindagem e o Projeto de Lei da Anistia, o especialista é categórico: “Ambas as propostas são inócuas e não terão efeito, e os parlamentares proponentes sabem disso”. Segundo o cientista político, essas pautas representam uma luta política entre os poderes, evidenciando a fragilidade da democracia brasileira.

“Se, por um lado, mostramos para o mundo a nossa força democrática, garantindo a preservação das instituições e com a condenação dos crimi-

nosos que atentaram contra a democracia, por outro lado, outros também continuam atentando contra a democracia e as instituições. Diuturnamente, no Congresso Nacional, há aqueles que atentam contra as deliberações do STF e procuram criar pautas que o próprio presidente da Câmara, diga-se de passagem, denominou de ‘pautas tóxicas’. A toxicidade é do próprio presidente Hugo Motta”, criticou.

Para a consolidação de uma democracia sólida, o professor enfatiza a importância da coerência do voto, pois a divergência entre a escolha para o Executivo e o Legislativo produz “paralisia decisória,

conflitos entre poderes, instabilidade institucional e ingovernabilidade”.

“Estamos em face de uma contínua crise institucional. Para tanto, é preciso mais do que consciência sobre o voto: é preciso coerência. A consciência fica a cargo de cada um. Agora, a coerência é fundamental; ou seja, se [a pessoa] votou proporcional para deputado federal num partido, vote no presidente deste partido. Não teremos uma democracia sólida e estável sem o mínimo de diálogo civilizado entre Executivo e Legislativo”, ponderou.



Estamos em face de uma contínua crise institucional. Para tanto, é preciso mais do que consciência sobre o voto: é preciso coerência

José Artigas

Legislação atual sofreu poucas mudanças

Para a próxima eleição, o Congresso discutiu diversas matérias que poderiam alterar as regras do pleito, como o número de deputados e o novo Código Eleitoral. Segundo o texto constitucional, em seu artigo 16, “a lei que alterar o processo eleitoral entrará em vigor na data de sua publicação, não se aplicando à eleição que ocorra até um ano da data de sua vigência”. Tal regra é também conhecida como o “Princípio da Anualidade Eleitoral”. Dessa maneira, todo o regramento das próximas eleições foi definido até a última sexta-feira (3).

Uma das propostas mais

■ Regras do pleito só poderiam passar por mudanças até sexta-feira (3); normativas do TSE também guiarão eleições

controversas discutidas foi o Projeto de Lei Complementar (PLP) nº 177/2023, que, para evitar a perda de mandatos em alguns estados, propôs o aumento do número de deputados federais de 513 para 531. A matéria foi apresentada como uma alternativa à determinação do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre a atualização da distribuição do número de deputados, visto que essa não era feita desde 1993. Com a regra atual, a Paraíba perderia duas cadeiras na Câmara e, consequentemente, seis cadeiras na Assembleia. Atualmente, o estado possui 12 deputados federais e 36 estaduais.

A matéria foi aprovada nas duas Casas, mas o presidente Lula vetou-a integralmente, justificando interesse público e inconstitucionalidade, por não prever a questão orçamentária dos custos do aumento. Para derrubar o veto, é necessária a votação do Congresso, em sessão mista, com maioria absoluta dos votos de deputados e senadores, o que representa 257 votos da Câmara e 41 do Senado.

Contudo, na última segunda-feira (29), o ministro

Luiz Fux, do STF, manteve o número de deputados até as eleições de 2030. Em decisão liminar, mantida posteriormente pelo Pleno da Corte, o ministro justificou a decisão “em virtude do não encerramento do processo legislativo e para garantir segurança jurídica e estabilidade ao processo eleitoral vindouro”.

A principal matéria que busca alterar as regras das eleições, de forma definitiva, é o PLP nº 112/2021, que instituiu o novo Código Eleitoral. A proposta representa um avanço significativo na organização e sistematização das leis eleitorais, unificando diversos diplomas legais em um único documento. Contudo, o texto ainda está sujeito à aprovação pela Câmara, devido às alterações realizadas pelo Senado. Porém, considerando o princípio da anualidade, as regras do novo código não tiveram tempo hábil para estabelecer as mudanças para o próximo pleito.

Entre as mudanças previstas no novo código, destacam-se: as regras de desincompatibilização para agentes públicos; a tipificação do crime de divulgação

de fatos inverídicos, popularmente conhecidos como “fake news”; o aumento das penas eleitorais; e o incentivo à maior participação das mulheres nas campanhas eleitorais. Para Antônio de Brito Filho, um dos pontos mais polêmicos do novo código é a política afirmativa de gênero. A proposta indica a mudança no percentual da cota de candidaturas femininas – atualmente em 30% – para uma cota de vagas, estabelecendo 20% das cadeiras parlamentares para mulheres.

Além das alterações propostas e aprovadas ou não, o jurista reforça que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) tem um papel crucial na regulamentação do processo, a partir da publicação de suas resoluções normativas. O advogado lembra, por exemplo, a atuação do órgão nas eleições de 2024, com relação ao uso de inteligência artificial. “As eleições são reguladas tanto pelo código como também pelos normativos, que são as resoluções que o TSE expede, e ele sempre faz isso no começo do ano [eleitoral]. Nesse ponto, talvez, a gente tenha alguma novidade”, ponderou.

Alistamento eleitoral é incentivado pelo TRE-PB

Nas eleições de 2024, o Brasil registrou um eleitorado apto a votar de aproximadamente 156 milhões de pessoas, sendo o voto facultativo a mais de 20 milhões. Na Paraíba, o eleitorado foi de 3.225.312 de pessoas, sendo facultativo a 513.766. O presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), o desembargador Oswaldo Trigueiro, salienta a importância de o cidadão manter seu cadastro eleitoral atualizado, pois essa medida é essencial para que o indivíduo possa exercer sua cidadania de forma plena, exercendo “o seu direito de cidadão, votando e escolhendo seus representantes”.

Como forma de estimular o alistamento eleitoral e a participação cívica de jovens de 16 a 18 anos, cujo voto é facultativo, o TRE-PB iniciou o projeto PoliTEENzando, Jovem que Vota Muda a Rota, que visa combater o afastamento da juventude da política, ressaltando sua importância em todos os aspectos da vida cotidiana.

Para a coordenadora da Escola da Justiça Eleitoral (EJE), Vanessa Egyto, o pro-

jeto alerta os jovens sobre a relevância de exercer a cidadania e participar ativamente do processo político-eleitoral, “uma vez que eles vão sofrer diretamente as consequências das decisões políticas, como na proibição do celular nas escolas, que foi fruto de um projeto de lei”.

A primeira edição contou com a presença de cerca de mil estudantes da rede pública de ensino e foi realizada em agosto, no Teatro de Arena, localizado no Centro Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa. Serão realizadas ainda duas edições, sem data confirmada, em Campina Grande e em Patos.

Além da conversa sobre a importância da política, o TRE-PB prevê o alistamento eleitoral de aproximadamente sete mil jovens, realizado durante os encontros e com o agendamento da visita de escolas, onde é instalado um centro de alistamento. Em João Pessoa, a Escola Cidadã Integral Técnica Professor Raul Córdula, localizada no bairro da Torre, é sede desse alistamento, que prevê 150 atendimentos por dia até novembro.

Eleitos em 2026

1 presidente
1 vice-presidente



1 governador
1 vice-governador



2 senadores paraibanos

12 deputados federais paraibanos



36 deputados estaduais

Total de políticos eleitos será o mesmo de 2022, após decisão do STF suspender mudança do número de deputados

Ilustração: Bruno Chiossi

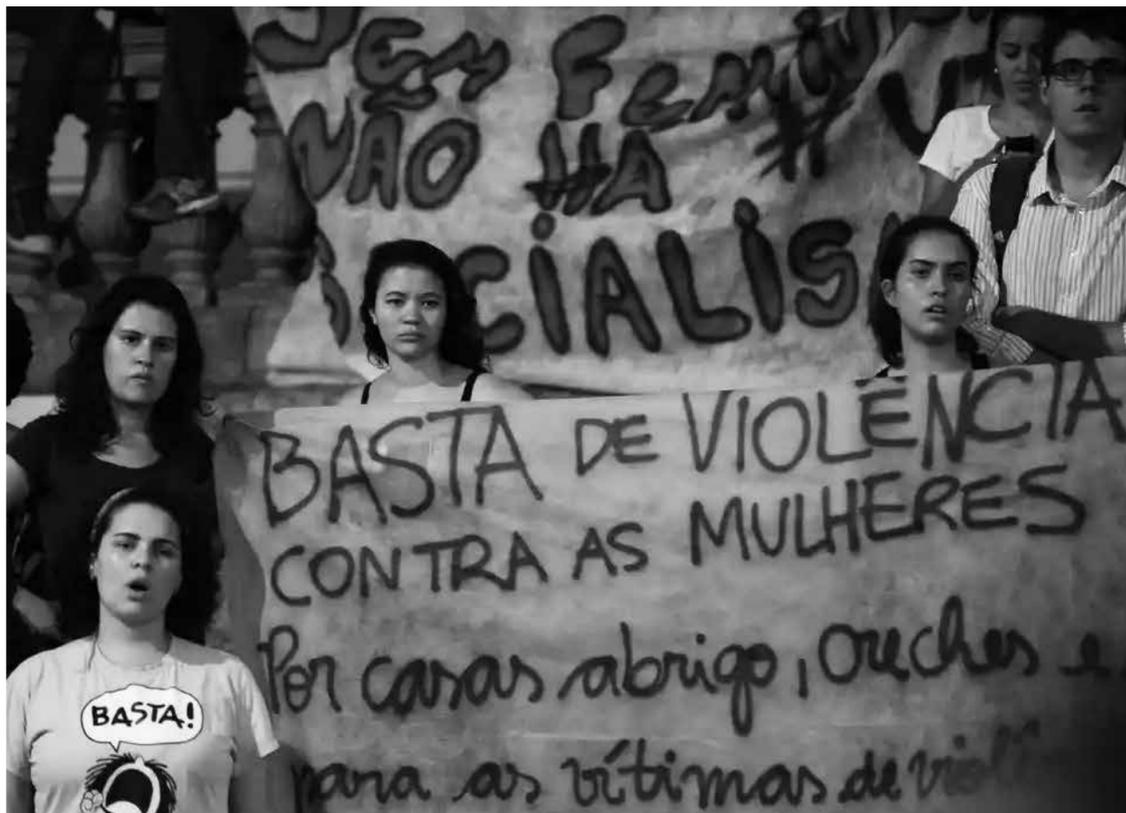


Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

Apenas 27% das meninas vítimas de estupro contaram a um familiar e só 15% dos casos chegaram às autoridades

SUBNOTIFICAÇÃO

Infâncias marcadas por violência sexual e silêncio

Maioria das mulheres abusadas antes dos 14 anos não revelou o crime

Tâmara Freire
Agência Brasil

Seis em cada 10 mulheres que foram vítimas de violência sexual antes dos 14 anos relataram, em uma pesquisa *on-line*, que não contaram para ninguém sobre o abuso.

O dado alarmante sobre a subnotificação da violência sexual na adolescência faz parte do levantamento Percepções sobre Direitos de Meninas e Mulheres Grávidas Pós-Estupro, feito pelo Instituto Patrícia Galvão em parceria com o Instituto Locomotiva e divulgado na última semana. Responderam ao questionário *on-line* 1,2 mil pessoas com mais de 16 anos, de todas as regiões do país.

Somente 27% dessas meninas confiaram em algum familiar após terem sido vítimas de violência sexual antes dos 14 anos, e é ainda menor o percentual de casos que chegou às autoridades policiais e aos serviços de saúde: apenas

15% foram levadas a uma delegacia e 9% foram acolhidas e avaliadas em uma unidade de saúde.

A pesquisa mostra que, entre as meninas e mulheres que sofreram a violência sexual a partir dos 14 anos, também são altos os percentuais de subnotificação e desamparo. Nesses casos, apenas 11% procuraram a polícia, e 14%, um serviço de Saúde.

Outro dado que a pesquisa destaca é que 60%, dos cerca de 1,2 mil entrevistados, disseram conhecer um caso de criança ou adolescente com menos de 14 anos que foi estuprada, e 30% afirmaram ter conhecimento de um caso em que a vítima engravidou.

Informação

A pesquisa também mediu a concordância dos entrevistados com algumas afirmações sobre violência sexual e o quanto eles estão informados sobre os direitos e serviços disponíveis às ví-

timas desse tipo de crime.

Eles foram perguntados, por exemplo, se diversas situações configuram ou não estupro. Todas são classificadas como estupro pela legislação brasileira.

Apesar de 95% dos entrevistados reconhecerem ao menos uma das violências sexuais apresentadas, apenas 57% sabiam que todas elas configuram casos de estupro.

Saiba Mais

Veja abaixo os percentuais de entrevistados que reconheceram que cada uma das situações citadas configura um caso de estupro:

- "Um homem fazer sexo com uma mulher inconsciente, bêbada ou drogada": 89%;
- "Um homem obrigar uma mulher a fazer relação sexual": 88%;
- "Um homem fazer sexo com uma mulher com grave deficiência mental": 87%;
- "Um homem se aproveitar da sua condição profissional (médico, pastor, etc) para ter relação sexual com a mulher": 86%;
- "O marido/parceiro obrigar a mulher a práticas sexuais (sexo oral, anal etc) que ela não quer": 85%;
- "O marido/parceiro obrigar a mulher a fazer sexo quando ela não quer": 84%;
- "Um homem fazer sexo com uma menina (até 13 anos) mesmo que ela autorize": 80%;
- "O marido/parceiro obrigar a mulher a fazer sexo sem preservativo quando ela quer usar": 73%;
- "Um homem tirar o preservativo durante o sexo sem a mulher perceber ou consentir": 70%.

Lei fixa idade mínima para consentimento

Quase a totalidade dos entrevistados — 96% — considera que meninas de até 13 anos não têm preparo físico e emocional para ser mães. E, para dois em cada três, meninas dessa faixa etária também não têm condições de decidir se serão mães.

Apesar disso, apenas 41% reconhecem que uma gestação nesses casos é sempre resultado de um estupro. A lei brasileira considera os 14 anos como a idade mínima para o consentimento sexual.

Por isso, toda relação sexual com crianças menores de 14 anos caracteriza estupro de vulnerável, o que concede o direito à interrupção legal da gravidez, quando houver. No entanto, apenas 56% dos entrevistados sabem que o procedimento é autorizado nesses casos.

Três em cada quatro entrevistados declararam ter conhecimento de que o aborto

está dentro da lei nos casos de ameaça à vida das gestantes (76%), anencefalia fetal (75%) e estupro (75%).

A pesquisa também perguntou às mulheres se elas gostariam de ter o direito de interromper uma gestação de-

corrente de estupro: 70% responderam que gostariam de ter essa opção e 56% afirmam que fariam o procedimento.



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Apenas 41% dos entrevistados sabem que gravidez até os 13 anos é sempre resultado de estupro

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (12)

Ganhei uma rabeca de Ciço Filho. Troquei a rabeca pelo meu livro "História de Biu Pacatuba, um herói do povo paraibano". Ciço gostou. "Concebeste um documento político denso, que revive a história e não deixa morrer nossa memória. Merece recital nas aulas de História das escolas da Paraíba", disse Seu Ciço.

"Obedeço cegamente às mulheres. A minha esposa ameaçou me deixar, se eu continuasse a beber em mesa de bar. Jurei para minha nega que nunca mais me sentaria numa mesa de bar para beber. E cumpri a palavra: daí por diante comecei a só beber em pé, no balcão" (Ámeba, o salafário).

"Depois das fêmeas, o que mais adoro é a milagrosa água que bem-te-vi não bebe, porque só o homem afinado com o derivado do álcool molha a palavra, espanta a tristeza e batiza o padre" (Idem).

"Chamam-me de pernóstico e mentiroso, mas sou bastante considerado na terra onde minha mãe me inaugurou e aprendi a ser pobre. Meu pai era um guarda civil que depois foi promovido a porteiro do cabaré de Madame Preciosa, mas nunca assumiu. Isto

é, jamais assumiu a paternidade" (Ámeba, o fela da gaita).

“

Jurei para minha nega que nunca mais me sentaria numa mesa de bar para beber. E cumpri a palavra: daí por diante comecei a só beber em pé, no balcão

Segundo um evangelho apócrifo que nunca foi encontrado, o traidor Judas não morreu, que traíra não morre nunca. Foi visto pela última vez pedindo anistia para fascista e pedindo toco a deputado, pois, conforme dizem, vivia enforcado.

Nosso amigo Sérgio Ricardo das Baratas só bebe quando tem um bom

motivo. Nem precisa ser bom, apenas bonzinho.

De vez em quando, a gente se junta para fazer barata radiofônica. Tem tudo para dar em fezes, mas, o bom é isso.

Às vezes, jogar detritos no ventilador nem é contraproducente. Chega a ser até uma proposta interessante. Ou não.

Tomei um livro por empréstimo ao Sérgio e não pretendo devolver, seguindo a tradição do bom leitor, que é socializar o acesso aos livros.

Depois de lido por mim, o livro vai compor o acervo da Biblioteca Comunitária Arnaud Costa, da Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz, na esperança de merecer visitaçã de outro leitor.

A maioria é gente ruim. Só se salvam os que correm por fora, os alternativos, o povo que vê o mundo com o filtro da simplicidade e imaginação. Sem amarras ideológicas, sem raiva, sorvendo a vida com prazer e loucura.

Li na internet ontem: "saia de sua eguidade". O autor intelectual do neologismo não foi identificado. Fica aqui meu reconhecimento. Gosto das pessoas que não se conformam com a mesma e acabam mudando, pelo menos, as palavras.

Fantasma oficial. Na China é proibido reencarnar sem autorização do governo.

Um dia perguntei a um amigo meu o que fazer para acabar com essa mania de escrever livros em terra de analfabetos funcionais e funcionários. Ele recebeu: "É amarrar você numa camisa de força e encher de Diazepam. Três comprimidos por dia". Mandei o cabra lamber sabão e fui escrever minhas bobagens.

Ousar, eu ousar, e como faço vibrar a corda de bardo renitente na minha cachola limitada! Mas, em vão, os influxos da arte são requeridos. Raramente aparecem, e quando surgem, as flautas de chamar inspiração estão todas entulhadas de asnices e despatuérios. Resta só o gosto gratuito de montar pobres rimas e ser chamado de poeta.

AUTOESCOLA

Proposta retira exigência das aulas

Custo da habilitação poderá cair até 80% caso o serviço de prática de direção deixe de ser obrigatório

Andreia Verdêlio
Agência Brasil

O Governo Federal está propondo mudanças no processo de obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH). A principal delas é o fim da obrigatoriedade de frequentar aulas de autoescola na preparação para os exames teórico e prático dos departamentos de Trânsito (Detran) estaduais.

Com isso, o custo para tirar o documento, que hoje chega a R\$ 3,2 mil, poderá cair em 80%.

Na última quinta-feira (2), o Ministério dos Transportes abriu uma consulta pública sobre o tema. A minuta do projeto ficará disponível por 30 dias na plataforma Participe + Brasil e, durante esse período, qualquer cidadão poderá enviar sugestões e contribuições. Depois, o texto seguirá para análise do Conselho Nacional de Trânsito (Contran).

De acordo com a pasta, o objetivo das mudanças é modernizar o processo de obtenção da CNH e tornar o documento mais acessível e barato para a população, especialmente nas categorias A (motocicletas) e B (veículos de passeio).

“Além disso, ao tornar a CNH mais acessível, mais cidadãos deixarão de dirigir sem habilitação, contribuindo para um trânsito mais regularizado e seguro. Hoje, 20 milhões de brasileiros dirigem motos e carros sem carteira de habilitação”, diz a pasta.

A proposta prevê que o candidato possa escolher diferentes formas de se preparar para os exames teórico e prático, que continuarão obrigatórios para a emissão da CNH. “São esses exames que atestam se o condutor está devidamente capacitado para dirigir. O objetivo é modernizar o sistema atual, garantindo mais liberdade e economia aos futuros motoristas, sem abrir mão das exigências de segurança viária”, explica o comunicado.



Hoje, 20 milhões de brasileiros dirigem motos e carros sem carteira de habilitação, de acordo com dados do Conselho Nacional de Trânsito (Contran)

Saiba Mais

Confira perguntas e respostas do Ministério dos Transportes sobre a proposta:

■ Como obter a CNH?

A abertura do processo será feita diretamente pelo site da Secretaria Nacional de Trânsito (Senatran) ou por meio da Carteira Digital de Trânsito (CDT).

■ Será obrigatório frequentar os Centros de Formação de Condutores (CFCs) para as aulas?

Não. O conteúdo teórico poderá ser estudado de forma presencial nos CFCs, por ensino a distância (EAD), em empresas credenciadas, ou, em formato digital, oferecido pela própria Senatran.

■ O aluno terá que cumprir um número mínimo de aulas práticas?

Não. O novo modelo retira a exigência de carga horária mínima de 20 horas-aula práticas. O candidato poderá escolher como fará sua preparação: contratando um centro de formação de condutores ou um instrutor autônomo credenciado pelos Detrans. Isso permite adaptar a formação às necessidades de cada pessoa e reduzir custos, mantendo a

obrigatoriedade de ser aprovado nos exames teórico e prático para obter a CNH.

■ E como ficam as categorias C, D e E?

A proposta também prevê a facilitação dos processos de obtenção da CNH para as categorias C (veículos de carga, como caminhões), D (transporte de passageiros, como ônibus) e E (carretas e veículos articulados), permitindo que os serviços sejam realizados pelas autoescolas ou por outras entidades, com o objetivo de tornar o processo mais ágil e menos burocrático.

■ Como o novo modelo irá baratear o custo da CNH?

O custo para obtenção da CNH poderá cair em até 80%, resultado da ampliação das formas de oferta da formação teórica, inclusive contando com formatos digitais, e a dispensa da carga horária mínima nas aulas práticas. A maior liberdade de escolha para o candidato torna o processo mais flexível, amplia o acesso e estimula a concorrência, o

que deve reduzir os preços para obter a primeira habilitação.

■ O projeto diminui a importância dos CFCs?

Não. Os CFCs continuarão oferecendo aulas, mas a exigência legal de carga horária mínima para aulas práticas será dispensada. Além disso, os centros de formação poderão ofertar seus cursos também na modalidade EAD. Dessa forma, os centros de formação de condutores seguirão oferecendo serviços complementares e personalizados, com foco em qualidade e acessibilidade.

■ O novo modelo aumenta a segurança no trânsito?

Sim. A expectativa é ampliar o número de condutores habilitados e reduzir a condução sem formação adequada. A formalização do processo contribui para diminuir a informalidade e fortalecer a fiscalização. Vale lembrar que, assim como no modelo atual, as habilidades para dirigir em vias públicas continuarão

sendo avaliadas por exames teóricos e práticos obrigatórios. As aulas, por si só, não garantem que o candidato esteja apto; é a prova que atesta se ele realmente possui as competências necessárias para dirigir com segurança.

■ Quem irá se beneficiar com a proposta?

Todos os brasileiros, especialmente aqueles com menor renda. Atualmente, cerca de 161 milhões de brasileiros estão em idade legal para dirigir, mas muitos ainda não possuem habilitação, em grande parte, devido ao alto custo do processo atual.

■ Como será o procedimento para credenciar instrutores autônomos?

Os instrutores deverão ser credenciados pelos Detrans. A Senatran permitirá a formação desses profissionais por cursos digitais. Os cursos para instrutores poderão ser feitos à distância, mas seguirão critérios rigorosos definidos pelos Detrans e pela Senatran, com conte-

údos padronizados, avaliação final obrigatória e controle digital, garantindo a qualidade da formação. Nenhum profissional poderá atuar sem credenciamento oficial: todos passarão por avaliação, deverão cumprir requisitos legais e serão identificados digitalmente na Carteira Digital de Trânsito.

■ O processo será menos burocrático?

Sim. O projeto prevê o uso de soluções tecnológicas, como plataformas que conectem candidatos e instrutores, semelhantes a aplicativos de mobilidade. Essas ferramentas poderão oferecer agendamento, geolocalização e pagamentos digitais.

■ Existem outros países que já adotam essa medida?

Sim. A proposta se inspira em práticas de países como Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Japão, Paraguai e Uruguai, onde os modelos de formação são mais flexíveis e centrados na autonomia do cidadão.

ISENÇÃO DE IR

Economistas e setor produtivo veem avanços com projeto de lei

Especialistas e representantes do setor produtivo, incluindo os trabalhadores, classificam como avanço a aprovação, por parte da Câmara dos Deputados, do projeto de lei que isenta de cobrança de imposto de renda (IR) quem recebe até R\$ 5 mil e reduz o valor cobrado dos empregados que têm salários de até R\$ 7.350.

A Agência Brasil consultou economistas e entidades empresariais e trabalhistas sobre o Projeto de Lei (PL) nº 1.087/25, que segue para o Senado depois de ter sido aprovado por unanimidade na noite de quarta-feira (1º). Se todo o trâmite for concluído ainda neste ano, com aprovação no Senado e sanção presidencial, o alívio no con-

tracheque dos trabalhadores vai vigorar já a partir de janeiro de 2026.

Justiça tributária

O economista da Unicamp Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo destaca que, além da questão arrecadatória, os sistemas de cobrança de impostos têm a função de atuar na distribuição de renda.

“[A aprovação] assinala o caráter distributivo do sistema tributário”, diz à Agência Brasil. “O propósito principal é interferir na distribuição de renda, que, se deixada à própria sorte, vai ampliar a desigualdade”, avalia.

Belluzzo, que tem na carreira passagens por instituições públicas, privadas e por governos, aponta que outro

efeito da isenção será sentido na economia.

“Necessariamente, você vai ter um impulso para o crescimento da economia”, afirma. Para ele, além de aumento do consumo, o país deve experimentar expansão de investimentos, o que mitigará efeitos inflacionários.

“Investimentos propiciam avanço na capacidade de produção”, completa. Dessa forma, a maior demanda por produtos seria acompanhada por aumento da produção, sem pressionar os preços para cima.

Respiro no bolso

O pesquisador Pedro Humberto de Carvalho, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), calcula que a classe média baixa deve

ter respiro mensal de R\$ 350 a R\$ 550, em média. ■ Pela medida, quem ganha R\$ 5 mil, por exemplo, terá um refresco mensal de R\$ 312,89

ter respiro mensal de R\$ 350 a R\$ 550, em média.

“Um impacto que poderá ser gasto — essa folga no orçamento — com alimentação e serviços. Vai beneficiar positivamente a economia”.

Apesar disso, Carvalho reconhece que pode haver um impacto na inflação do setor de serviços. “Aumento de renda da classe média aumenta o

consumo por serviços e, portanto, deve ter um impacto inflacionário”.

Pela medida, quem ganha R\$ 5 mil, por exemplo, terá um refresco mensal de R\$ 312,89 (ou R\$ 4.067 ao ano).

Salários acima de R\$ 5 mil até R\$ 7.350 terão descontos proporcionais na parcela cobrada. Por exemplo, um empregado com remuneração de R\$ 6,5 mil sentirá alívio mensal de R\$ 113,18, segundo tabela elaborada pela empresa de contabilidade Confirp.

Atualmente, a tabela do IR prevê isenção apenas para quem ganha até R\$ 3.036. De acordo com a Câmara dos Deputados, a isenção e redução de cobrança devem beneficiar diretamente 15,5 milhões de pessoas e levar a uma renún-

cia fiscal (imposto que não será arrecadado) de R\$ 25,4 bilhões, cerca de 10% dos quase R\$ 227 bilhões arrecadados com o tributo.

Taxação sobre os mais ricos

Para compensar a renúncia fiscal, o PL institui cobrança adicional para quem tem rendimento tributável acima de R\$ 600 mil ao ano, que pode atingir apenas cerca de 141,4 mil contribuintes pessoas físicas de alta renda.

Atualmente, esse grupo seletivo é submetido, em média, a uma alíquota efetiva de 2,5% de IR sobre seus rendimentos totais, incluindo distribuição de lucros e dividendos. Já trabalhadores em geral pagam, em média, 9% a 11% de IR sobre seus ganhos.

NO NORDESTE

Editais têm 67 vagas em SE, CE e PB

Concursos da UFS, da Companhia Docas do Ceará e da Câmara de Boa Vista oferecem salários de até R\$ 14,4 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Do ambiente acadêmico às funções essenciais na administração pública, três novos editais entram no radar dos concurseiros como porta de entrada para a tão sonhada estabilidade. Em Sergipe, a universidade federal do estado busca 18 professores em diversas áreas do conhecimento, com dedicação exclusiva e salários que podem ultrapassar R\$ 13 mil. No Ceará, a Companhia Docas (CDC) abriu seleção para 45 profissionais de nível superior, com remuneração de até R\$ 14 mil. Já a Câmara Municipal de Boa Vista, na Paraíba, está com quatro vagas de nível fundamental abertas para as funções de auxiliar de serviços gerais e vigilante, com salário de R\$ 1,5 mil. As inscrições já estão abertas.



Foto: Divulgação/Cia docas CE

Pelo QR Code, acesse o edital da CDC

Docas

No Ceará, a CDC abriu um novo concurso público com 45 vagas de nível superior, além da formação de cadastro de reserva. As oportunidades abrangem cargos como administrador, advogado, contador, economista, analista de sistemas, engenheiro em diversas especialidades e médico do traba-

lho. A remuneração varia de R\$ 6,2 a R\$ 14,4 mil por uma carga horária de 20 a 40 horas semanais, conforme o cargo.

Para participar, acesse o site do Instituto de Apoio ao Desenvolvimento (Iade), vinculado à Universidade Vale do Acaraú (UVA), até 17 de outubro e siga as instruções. A taxa de inscrição é de R\$ 120. A avaliação dos candidatos será realizada por

provas objetivas e dissertativas, além de análise de títulos, com aplicação marcada para 23 de novembro. Entre o conteúdo cobrado, haverá questões de Língua Portuguesa, Matemática, Informática, legislação e conhecimentos específicos. Todo o processo seletivo ocorrerá na cidade de Fortaleza, com a divulgação do resultado definitivo do concurso previsto para 30 de janeiro.

Na Paraíba

Outra oportunidade é no município paraibano de Boa Vista, onde a Câmara Municipal está com quatro vagas abertas, de nível fundamental, destinadas às funções de auxiliar de serviços gerais e vigilante. Para a primeira, a jornada de trabalho será de 40 horas semanais. Já os vigilantes atuarão em regime de plantão 12x36, conforme prevê o edital. A remuneração inicial para os dois cargos é de R\$ 1,5 mil.

As inscrições devem ser feitas, exclusivamente, pelo site da Ápice Consultoria, responsável pelo concurso, até o dia 12 de outubro. O valor cobrado é de R\$ 85. Sobre a avaliação, será aplicada uma prova objetiva, de

caráter eliminatório e classificatório, com 50 questões de múltipla escolha sobre Língua Portuguesa, Matemática e conhecimentos gerais. Segundo o edital, a prova será realizada na própria cidade de Boa Vista, com a possibilidade de ocorrer em municípios vizinhos caso o número de inscritos ultrapasse a capacidade local.



Pelo QR Code, acesse o edital da Câmara de Boa Vista

Magistério

Se você atua como professor, a Universidade Federal de Sergipe (UFS) pode representar uma ótima chance de ingressar no serviço público. Ao todo, são 18 vagas para o Magistério Federal, distribuídas entre os campi de Nossa Senhora da Glória, Itabaiana, Lagarto, São Cristóvão e Aracaju. O edital contempla áreas diversas, como Veterinária, Comunicação Social, Educação Física, Engenharia Civil, Matemática, Fonoaudiologia, Letras/Libras, Ciências da Religião e Medicina. O regi-

me de trabalho será de dedicação exclusiva, com vencimento básico de R\$ 6,1 mil e acréscimo de R\$ 3 mil a R\$ 7,1 mil, dependendo da titulação apresentada. Dessa forma, os salários podem ultrapassar R\$ 13 mil mensais.

Os interessados têm até 7 de outubro para se inscrever no concurso pelo sistema da própria universidade, mediante pagamento de taxa entre R\$ 150 e R\$ 200. De acordo com o edital, a seleção será composta por provas escrita e didática, análise de títulos e, para candidatos doutores, apresentação de

projeto de pesquisa. Como requisito, é necessário ter graduação na área que deseja atuar, com a titulação correspondente. Vale destacar que a realização das etapas poderá ocorrer de forma presencial ou remota, a depender do departamento responsável pela vaga.



Pelo QR Code, acesse o edital da UFS

Foto: Divulgação/UFS



Os interessados têm até 7 de outubro para se inscrever no concurso pelo sistema da própria UFS

Ciências das Religiões na construção de uma sociedade plural

Em um país onde imagens de santos dividem espaço com terreiros, templos evangélicos e tradições indígenas, entender a religião é compreender a própria sociedade. É nesse cenário que surge a figura do cientista da religião, um profissional dedicado a investigar como o sagrado influencia as relações humanas em diferentes dimensões — da política à cultura. Mestre na área e secretário de Cultura em São Miguel de Taipu, Cristiano Amarante da Silva destaca que a profissão ajuda a dar visibilidade à pluralidade tão marcante no Brasil e a enfrentar a intolerância religiosa, criando condições para um diálogo mais amplo entre todos.

Não à toa, a profissão exige mais do que estudo teórico. O próprio Cristiano explica que a escuta é uma das habilidades mais necessárias para quem se dedica a essa área. “A mais importante de todas é saber escutar. Para você desenvolver bem seu trabalho, é preciso ir a campo e ouvir atentamente às pessoas”, afirma. Por isso, a ro-

tina de um cientista também passa pela participação em grupos de pesquisa e pela disposição em renovar constantemente o olhar. Na prática, isso significa ampliar os horizontes, mesmo quando o objeto de estudo está bem delimitado. “Por exemplo, se eu pesquisar o Candomblé, nada não me impede de acompanhar o desenvolvimento do Catolicismo ou da Umbanda. Aprofundar é muito importante”, reforça.

Apesar de o estudo contínuo ser parte essencial da carreira, a profissão não se limita a uma rotina meramente acadêmica. Como destaca Cristiano, a atuação pode alcançar diferentes áreas, da Educação à Cultura, passando pelo desenvolvimento de políticas públicas. Ele próprio é um exemplo disso ao aplicar seus conhecimentos na gestão cultural em São Miguel de Taipu. “A área da Cultura é imbuída de todo um aspecto religioso, então as Ciências das Religiões muito me ajuda no meu trabalho, no meu trabalho como secretário de Cultura”, afirma. No fim, para além da

teoria, a formação em Ciências das Religiões tem um caráter muito prático ao valorizar a diversidade e disseminar o respeito inter-religioso.

Ainda assim, a carreira tem alguns desafios. O primeiro deles é a falta de compreensão sobre o que realmente faz um cientista da religião, frequentemente

confundido com o teólogo. “Muitas pessoas, quando nos veem, acham que somos teólogos. E, na verdade, o que predomina não é a teologia”, observa. Enquanto o teólogo estuda uma tradição sob a ótica da fé, o cientista da religião analisa o fenômeno de forma laica, com ferramentas da sociologia, antropologia e história. Já o segundo obstá-

culo envolve o combate à intolerância religiosa, que continua presente no país. Para Cristiano, “a lei ajuda, mas é a educação que faz as pessoas mudarem seus pensamentos e aprenderem a respeitar as diferenças”.

Outro ponto sensível é a falta de regulamentação da profissão. Diferente do professor de Ensino Religioso, que já tem espaço consolidado pela licenciatura, o cientista da religião ainda não tem reconhecimento formal, o que limita sua inserção em outras áreas, como turismo, arte, cinema e políticas sociais. “Se você observar bem, a religião está em toda a sociedade: no turismo, na arte, na música, no cinema. Um cientista da religião em equipes desses meios ajudaria bastante”, reforça o estudioso.

Diante desses desafios, Cristiano aposta que o futuro da profissão está na pesquisa e no ensino. É nesse espaço que ele enxerga a possibilidade de transformar conhecimento em diálogo social. Integrante de grupos acadêmicos nas universidades federais da Paraíba (UFPB) e

do Pará (UFPA), ele lembra que, no caso dele, sua escolha também foi pessoal, marcada pela busca em compreender sua própria fé. Foi na caminhada diaconal católica que encontrou, por meio das Ciências das Religiões, uma forma de expandir sua visão sobre a sociedade. Ainda assim, ele reforça: tudo começa pelo interesse na pesquisa, o primeiro passo para quem deseja trilhar esse caminho.

Concurso à vista

No concurso da UFS, a área aparece justamente nesse horizonte de possibilidades. A vaga exige dedicação exclusiva e titulação em Ciências Humanas ou Ciências Sociais Aplicadas, com doutorado em Ciências das Religiões. O professor aprovado poderá atuar em disciplinas como Psicologia do Fenômeno Religioso, Religião e Saúde, Religião e Bioética, entre outras que atravessam temas sensíveis e muito contemporâneos. A lotação é no campus de São Cristóvão, município localizado na Região Metropolitana de Aracaju.



Foto: Cristiano da Silva/Arquivo pessoal

Cristiano aposta na pesquisa para o futuro

Selic

Fixado em 17 de setembro de 2025

15%

Salário mínimo

R\$ 1.518

Dólar \$ Comercial

-0,07%

R\$ 5,336

Euro € Comercial

+0,15%

R\$ 6,266

Libra £ Esterlina

+0,22%

R\$ 7,195

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Agosto/2025	-0,11
Julho/2025	0,26
Junho/2025	0,24
Maior/2025	0,26
Abril/2025	0,43

Ibovespa

144.200 pts

+0,17%



MOTOR DO EMPREENDEDORISMO

Serviços lideram abertura de novos negócios na PB

Até setembro deste ano, 59,7% das novas pequenas empresas são do setor

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

O setor de serviços segue aquecido tanto no Brasil quanto na Paraíba. No país, seis a cada 10 novos microempreendedores individuais (MEI), microempresas (ME) e empresas de pequeno porte (EPP) são desse setor da economia brasileira. Na Paraíba, o número é bem semelhante. Até setembro deste ano, 59,7% de novas pequenas empresas abertas no estado em 2025 são focadas em oferecer serviços.

Os novos empreendedores do comércio vêm logo atrás no ranking e representam 25,4% das aberturas de pequenas empresas no ano, enquanto que 8,5% são da construção civil e 7% fazem parte do setor da indústria. Os dados nacional e estadual são do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) por meio de informações cedidas pela Receita Federal.

A tendência de abertura de novas pequenas empresas majoritariamente no setor de serviços na Paraíba acompanha um ritmo nacional. Atualmente, o setor tem mais de 12,3 milhões de pequenos negócios em atividade espalhados por todo o país. A expectativa é que o segmento continue a mostrar resultados positivos no crescimento do volume de serviços. Isso porque, de acordo com levantamento do Sebrae, foram mais de 262 mil novos peque-

nos empreendimentos abertos só em agosto no Brasil.

Segmentos

De janeiro até setembro, na Paraíba, foram abertas 49.018 MEs, MEIs ou EPPs. Dessas, o segmento que mais abriu pequenos negócios foi o de atividades de ensino, seguido por atividades de publicidade, com o serviço de entrega de malotes fechando o pódio.

Um desses pequenos empreendedores é Diego Nascimento, de 35 anos. Formado em Educação Física, ele decidiu abrir uma academia de *crossfit*.

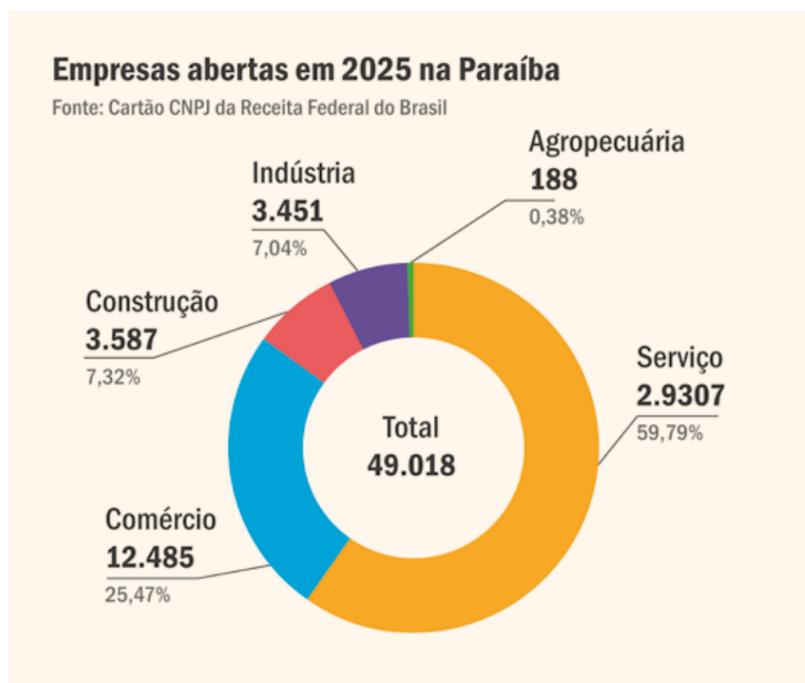


Gráfico: Luiza Fonseca

Há alguns anos pensando em empreender, o educador físico resolveu encarar a missão mesmo com a compreensão de que vai ter que demandar mais do seu tempo para poder gerir o seu primeiro negócio.

Em 2025, resolveu abrir sua própria empresa no bairro de Águia Fria, em João Pessoa, e já pensa em, no futuro, oferecer mais serviços, para além do *crossfit*, aumentando assim a oferta para pessoas que querem cuidar do corpo e da saúde.

“Já era uma ideia minha de muito tempo atrás, de sair um

pouco da zona de conforto. Mas pesei também a questão familiar para dar mais qualidade de vida. Para isso preciso ganhar mais para poder dar tranquilidade a todos, mesmo sabendo que o trabalho iria aumentar no dia a dia. Era uma vontade também sair do papel de professor e entrar em um papel mais de gestor. A princípio nossa empresa irá ofertar a atividade de treinamento de alta intensidade, mas já pensando em expandir para outros serviços futuramente”, comentou o novo empreendedor.

Estado tem quase 300 mil pequenos negócios

O pequeno negócio conta com 292.003 empresas ativas no estado, de acordo com o Sebrae, com o comércio de roupas e acessórios liderando o número de pequenas empresas em território paraibano. Em segundo vem o segmento de minimercados, mercearias e armazéns, que também pertence ao comércio. O setor de serviços aparece pela primeira vez no ranking, em terceiro lugar, com segmento de cabeleireiras.

O movimento de novas aberturas de pequenas empresas atinge toda a Paraíba. No Sertão do estado, em Patos, uma clínica com serviços multidisciplinares voltados para as crianças é um desses novos empreendimentos de pequeno porte que chama atenção.

A ideia e o negócio são da psicóloga Clarissa Fernandes, de 32 anos. Estreante no empreendedorismo, a profissional da saúde e agora gestora revela que sempre quis criar um empreendimento em que pudesse oferecer mais do que serviços, mas que colocasse em prática

um propósito da sua atuação como psicóloga, construído na rotina do trabalho e, antes, na academia.

“Escolher as crianças como um público-alvo foi escolher um propósito de vida desde o início de minha atuação como profissional. Quando ainda não existiam profissionais específicos apenas na área infantil, eu decidi andar nessa via, que parecia ser bem estreita, mas aos poucos foi se estendendo. As crianças têm uma linguagem própria, um olhar curioso e uma sensibilidade que podem ser escutados com respeito e delicadeza”, destacou a dona da Clínica.

Na clínica que abriu neste ano, Clarissa oferece serviços de psicologia, mas não para por aí, o que demonstra como o pequeno negócio também pode abarcar uma gama de possibilidades de empregos. Há também serviços de fisioterapia, pediatria, fonoaudiologia e de artes, como musicalização e outras oficinas criativas.

“Oferecemos para as crianças atendimentos psi-

cológicos, pediátrico, de psicologia infantil, fonoaudiologia, psicopedagogia, nutricionistas, educadores físicos, fisioterapeutas, musicalização e grupos terapêuticos. Também promovemos ações sociais e campanhas de conscientização, tudo isso com abordagem interdisciplinar. Sabemos que cuidar de uma criança impacta diretamente o seu futuro e o da sociedade” concluiu.

De acordo com os últimos dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de serviços cresceu 0,3% em julho, último indicador divulgado até o momento, marcando o sexto mês consecutivo de alta no Brasil. No acumulado do ano, o setor apresenta crescimento de 2,6%. Na comparação de julho sobre junho, a Paraíba cresceu 1,2%, enquanto que, no acumulado de janeiro a julho, a Paraíba manteve a segunda maior taxa de crescimento do país, com 6%, atrás apenas do Distrito Federal (6,3%).



Foto: Clarissa Fernandes

Escolher as crianças como um público-alvo foi escolher um propósito de vida desde o início de minha atuação como profissional

Clarissa Fernandes

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

João Pessoa, a locomotiva que puxa a Paraíba

Nos últimos anos, João Pessoa tem se destacado como uma das capitais nordestinas que mais crescem em diferentes dimensões econômicas e sociais. O dinamismo urbano, o setor de serviços em expansão, o turismo aquecido e a atração de novos empreendimentos colocam a cidade em um patamar diferenciado dentro da própria Paraíba, superando, inclusive, o desempenho das capitais do Nordeste.

Esse movimento pode ser observado em áreas concretas: a construção civil vive um ciclo vigoroso, constado pela valorização imobiliária; o setor de tecnologia atrai *startups* e empresas de base digital; o turismo e seus recordes sucessivos, com impacto direto sobre comércio e serviços; e a educação superior fortalece a capital como centro formador de mão de obra qualificada. Tudo isso contribui para que João Pessoa seja, de fato, o motor da economia paraibana.

Mas, quando olhamos para o estado como um todo, o retrato não é tão positivo. Fora da capital, muitos municípios enfrentam baixa industrialização, dependência do setor público e dificuldades de infraestrutura. A renda *per capita* é menor, o dinamismo econômico é limitado e a capacidade de atrair investimentos privados segue restrita. É como se existissem duas Paraibas: uma capital vibrante e conectada às tendências globais, e um interior que ainda luta para romper barreiras históricas.

Sem João Pessoa, os indicadores da Paraíba perderiam muito do brilho atual. Boa parte do crescimento que aparece nos relatórios vem do desempenho urbano da capital e de sua Região Metropolitana. Isso revela uma concentração perigosa: o estado cresce, mas cresce de forma desigual, com peso excessivo sobre uma única cidade.

Esse processo de urbanização acelerada também traz desafios internos para João Pessoa. O aumento da frota de veículos pressiona a mobilidade; a expansão imobiliária exige planejamento urbano consistente; a demanda por saneamento, habitação popular e transporte público cresce mais rápido que a oferta. O cenário abre espaço para reflexões mais amplas. João Pessoa deve continuar crescendo e atraindo oportunidades, mas é fundamental que esse dinamismo transborde para o restante da Paraíba. O futuro da Paraíba passa pela integração regional: transformar a capital em âncora de desenvolvimento, conectando cadeias produtivas do interior — seja no turismo cultural, na agroindústria, na energia renovável ou na tecnologia.

Também é necessário reforçar investimentos em infraestrutura estadual, ampliando estradas, telecomunicações e redes de energia, para que municípios fora da capital possam se inserir de forma mais competitiva no cenário econômico. Da mesma forma, políticas públicas precisam ser mais territorializadas, reconhecendo vocações locais e estimulando iniciativas próprias de cada região.

João Pessoa crescerá muito mais e se consolida como locomotiva. Mas, como toda locomotiva, ela precisa de vagões firmes e trilhos bem estruturados para que o trem inteiro avance. O desenvolvimento estadual só será verdadeiramente sustentável quando a prosperidade da capital se refletir de maneira mais equilibrada em todo o território paraibano.

Mais do que números, esse cenário mostra que o modelo de gestão que impulsiona o desenvolvimento da capital pode e deve servir de exemplo para o estado como um todo. Planejamento estratégico, uso de dados, incentivo ao empreendedorismo e foco em inclusão social formam uma agenda que pode ser replicada em outras regiões da Paraíba. Se bem adaptado às realidades locais, esse caminho permitirá que a força de João Pessoa não seja apenas uma ilha de prosperidade, mas o motor de um ciclo virtuoso de crescimento compartilhado.

EMPREGABILIDADE

Diploma garante salário melhor?

Mesmo com a ascensão das habilidades técnicas, levantamento mostra que a graduação segue influenciando na renda

Gonçalo Junior
Agência Estado

Mesmo com a valorização crescente de cursos livres e habilidades técnicas que poderiam substituir a formação universitária, o diploma de graduação ainda é fator de empregabilidade e potencial aumento de renda, de acordo com recentes pesquisas.

Uma delas é a 4ª Pesquisa de Empregabilidade do Instituto Semesp, em parceria com a Workalove/Pravaler. Na comparação dos rendimentos dos egressos, antes e depois do curso de graduação, houve uma melhora significativa.

A renda média aumentou 89%, passando de R\$ 2.224 (antes de concluir) para R\$ 4.203 (atual), independentemente da modalidade de ensino. Quem trabalha em sua área de formação recebe, em média, 27,5% a mais que aqueles que trabalham em uma área diferente da de formação.

O grau de instrução como um dos principais determinantes de renda, empregabilidade e ascensão a cargos estratégicos no mercado de trabalho também está presente no levantamento do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV-IBre).

A pesquisa analisou a diferença salarial entre trabalhadores com Ensino Superior completo e aqueles com outros níveis de escolaridade no Brasil.

Em 2012, trabalhadores com 16 anos ou mais de estudo (faculdade completa) ganhavam, em média, 152% a mais do que aqueles com 12 a 15 anos de estudo (Ensino Médio completo e/ou Su-

perior incompleto). Em 2024, essa porcentagem caiu: a média agora é de 126%.

Mesmo com essa leve redução, Janaína Feijó, pesquisadora da área de Economia Aplicada da FGV-IBRE, classifica a diferença como “significativa”. Afinal, pessoas que finalizaram a graduação recebem mais que o dobro do que aquelas que têm apenas o Ensino Médio completo. “Ainda é vantajoso ingressar no Ensino Superior. O grau de instrução é um fator relevante na determinação da remuneração”, afirma.

A pesquisadora faz uma

ressalva: o ingresso no Ensino Superior não é garantia de remunerações altamente satisfatórias. “Ensino Superior não é garantia de sucesso. É preciso considerar o processo de aprendizagem, com estágios e monitorias, para atender às exigências do mercado”.

Também é importante observar que a comparação do nível de renda entre dois grupos de escolaridades distintos deve considerar outros fatores, além da obtenção do diploma. Um deles é a diferença socioeconômica dos dois grupos antes mesmo do Ensino Superior.

Quebra de paradigmas

Esses dados influenciam, diretamente, na própria percepção dos estudantes sobre a graduação. No mesmo levantamento do Instituto Semesp, 67,1% dos profissionais que atuam na área de formação acreditam que o diploma é valorizado ou muito valorizado pelo mercado.

Já entre aqueles que trabalham fora de sua área, a percepção cai para 42,8%. E, quando se trata de funções que sequer exigem diploma, apenas 41,1% enxergam essa valorização.

A satisfação profissional também segue a mesma lógica: 80% dos egressos que atuam na área de formação estão satisfeitos ou muito satisfeitos com a carreira. Entre os que migraram para outras áreas, o índice cai para 53%. Já nos cargos que não exigem Ensino Superior, o percentual despencou para 31,5%.

Advogado especialista em Direito de Família e Sucessões, Fernando Félix afirma que o diploma de graduação “contribui em 100%” com o aumento de sua renda/remuneração mensal.

Realização

Maioria (80%) dos egressos que atuam no campo profissional de formação estão satisfeitos ou muito satisfeitos, frente a 53% dos que migraram de carreira

Ensino Superior amplia vantagem no mercado

A pesquisa mostra também como o diploma contribui para a empregabilidade. O estudo anterior do Instituto Semesp, feito em 2021, revelou que 12% dos egressos do Ensino Superior não estavam empregados; na atual, o patamar manteve-se em 12,7%. “Podemos concluir que o grau de empregabilidade para quem tem Ensino Superior completo manteve-se estável e em nível elevado”, disse a presidente do Semesp, Lúcia Teixeira.

As constatações do estudo contrastam com a glamorização das trajetórias

de influenciadores digitais e a hipervalorização do empreendedorismo, na opinião de Rodrigo Capelato, diretor-executivo do Semesp.

Atualmente são comuns, nas redes sociais, vídeos que questionam ou minimizam a importância do diploma universitário. “A pesquisa é um contraponto à narrativa de que o Ensino Superior não é mais necessário”, afirmou.

O especialista afirma ainda que o diploma vai além de garantir emprego e renda: ele amplia horizontes, fortalece o pensamento crítico e prepara cidadãos para enfrentar cri-

ses e tomar decisões em cenários complexos.

O Ensino Superior não se limita a transmitir conhecimento técnico; ele desenvolve habilidades socioemocionais cruciais — liderança, colaboração, resiliência, análise crítica. São atributos cada vez mais valorizados em um mercado marcado por incertezas e disrupções.

É o que a enfermeira Lauriene das Graças Rocha Neri, de 34 anos, vem vivenciando na prática. Ela afirma que o diploma trouxe qualificação para disputar vagas que exigem nível superior e a segu-

rança em situações de maior responsabilidade.

“Consgo compreender a gravidade dos casos, me comunicar melhor com a equipe médica e tomar decisões rápidas e seguras”, conta a profissional de Saúde.

“Além disso, o diploma me motivou a seguir estudando e, atualmente, estou me especializando em UTI e em feridas e estomias, buscando me preparar para novos desafios”.

Experiências complementares, como monitorias, estágios e participação em empresas juniores, também ampliam a bagagem dos estudantes, tornando-os mais competitivos.

Inteligência artificial

A revolução da inteligência artificial traz outro ponto de reflexão. A pesquisa do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV-IBre) traz um estudo do Fundo Monetário Internacional (FMI) o qual mostra que trabalhadores com Ensino Superior têm maior probabilidade de adaptar-se à IA (inteligência artificial).

O estudo indica que 80% dos trabalhadores com diploma universitário no Brasil estão em ocupações altamente expostas à IA. Para metade

deles, a tecnologia será uma aliada, aumentando produtividade e desempenho.

Já entre os que têm apenas Ensino Médio, o cenário é menos favorável: apesar da exposição de 60% desses profissionais, apenas 20% devem se beneficiar da IA.

Nesse contexto, o Ensino Superior torna-se ainda mais relevante ao diferenciar os profissionais das tarefas repetitivas que podem ser substituídas pela tecnologia, destacando aqueles capazes de interpretar dados, inovar e pensar estrategicamente.

“Pessoas que fazem o Ensino Superior conseguem usar a inteligência artificial de forma complementar, para aumentar a produtividade”, diz Janaína.

■ **Apenas 20% dos profissionais de nível médio devem ser beneficiados pelos avanços da IA**

Universidades devem atuar como pontes

O desafio que se coloca para as universidades é estreitar laços com o mercado de trabalho. A pesquisa mostra que há espaço para evolução no apoio à empregabilidade dos alunos.

Na opinião dos próprios entrevistados, as instituições poderiam investir em parcerias com empresas para estágios e programas de *trainee* e plataformas de emprego e bancos de talentos conectando estudantes a vagas reais. Ou ainda mentorias e *networking* com ex-alunos e profissionais do setor.

Outros cobram incentivos ao empreendedorismo, preparando os jovens para escolher com clareza entre empregos com carteira assinada (CLT) ou como pessoa jurídica (PJ).

“Universidades precisam ir além da academia e integrar problemas reais das empresas em sala de aula”, defende Capelato.



De acordo com a pesquisa, quem trabalha na sua área de formação recebe cerca de 27,5% a mais do que aqueles que atuam em setores diferentes

Foto: Ollia Danilovich/Pexels

Foto: Julio Cezar Peres



Especialista afirma que graduação desenvolve habilidades de liderança e resiliência



Fotos: Mateus de Medeiros/Secities

Dados foram publicados na Nota Técnica elaborada pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior

REFERÊNCIA

Produção científica da PB supera a média nacional

Estado é, hoje, destaque no país em inovação e qualidade das publicações

A Paraíba registrou avanços na produção científica e tecnológica de 2019 a 2024, consolidando-se como referência no Nordeste e atingindo uma média acima da nacional em inovação e qualidade das publicações. Os dados foram publicados na Nota Técnica elaborada pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secities), com base em informações da plataforma Sistema de Inteligência de Dados em Ciência e Tecnologia da Paraíba (SIDTec).

“Os números demonstram que a Paraíba está no caminho certo e consolidando uma trajetória de excelência na produção científica. Superamos as médias nacional e regional em indicadores estratégicos como inovação e patentes, o que evidencia não apenas a quantidade, mas sobretudo a qualidade e o impacto da nossa produção científica. Isso coloca a Paraíba em posição de destaque no cenário nacional e reafirma o compromisso do Governo da Paraíba com a pesquisa de ponta”, avalia o secretário de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado.

No campo das inovações, o estado contabilizou 1.324 registros nesse período, envolvendo 908 pesquisadores e 49 instituições. O desempenho equivale a quase oito inovações por 100 docentes de pós-graduação, número superior às médias do Nordeste (5,63) e do Brasil (3,63). Entre os tipos de inovação, a produção de *software* se destaca, representando cerca de 30% do total.

O maior número de produção acontece nas universidades públicas, responsáveis por 93% do total. Os destaques são a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com

37,3%, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com 34,7%, o Instituto Federal da Paraíba (IFPB), com 11,7%, e a Universidade Estadual da Paraíba

(UEPB), com 9,2%. No setor privado, a participação é de apenas 3%, com destaque para Unifcisa, Unifip e Unipê.

Já nas áreas de conhe-

cimento, lideram Engenharia (39,15%), Multidisciplinar (32,92%), Ciências Agrárias (23,72%), Ciências Exatas e da Terra (18,06%) e Ciências da Saúde (15,20%).

Metade dos artigos é de alto impacto

Em relação às publicações científicas, o levantamento identificou a produção de 20 mil artigos de 2019 a 2024, envolvendo 836 pesquisadores, média de 24 artigos por pesquisador, e 43 instituições. Aproximadamente 50% foram publicados em periódicos de alto impacto, classificados como Qualis A1 a A4 pela Capes. Os estratos mais relevantes registraram: A1 (14,76%), A2 (14,89%), A3 (10,69%) e A4 (10,49%).

■ Aproximadamente 50% foram publicados em periódicos de alto impacto, classificados como Qualis A1 a A4 pela Capes

A produção permanece concentrada em João Pessoa e Campina Grande, que somam 97% do total. No entanto, Patos desponta como novo polo emergente, com aproximadamente 949 artigos publicados. Entre as instituições, a UFPB lidera, com cerca de nove mil publicações. As instituições públicas UFPB, UFCG, IFPB e UEPB respondem por 96% da produção de artigos, enquanto as privadas Unipê, Unifacisa e Unifip somam 1.263 artigos.

Qualidade editorial e técnica pontual

A produção editorial também apresenta resultados relevantes. No período analisado, foram registradas 29,2 mil produções, majoritariamente compostas por capítulos de livros (27 mil), seguidos por livros publica-

dos (quatro mil) e obras organizadas (3,35 mil).

Enquanto isso, a produção técnica totalizou 15,29 mil registros, com participação de 2.737 pesquisadores e 137 instituições. Predominam os trabalhos técnicos

(72%) e materiais didáticos (17%), evidenciando o compromisso das instituições com a difusão de conhecimento aplicado. Novamente, há concentração nas principais cidades, com a UFPB como maior produtora.

Pico do trabalho artístico foi em 2020

A produção artística contabilizou 155 obras, concentradas nas áreas de música (49%) e artes visuais (14%), com destaque para as iniciativas da UFPB e da ca-

pital João Pessoa. A análise temporal revela um pico de produção em 2020, seguido de decréscimo nos anos posteriores. Diferentemente das demais modalidades

de produção, esta apresenta predominância masculina (71%) e de cor branca (74%), distribuição não compatível com o perfil populacional brasileiro.

Sobre SIDTec

As informações apresentadas foram extraídas da plataforma SIDTec, desenvolvida pela Secities em parceria com o Laboratório de Estudos em Modelagem Aplicada da Universidade Federal da Paraíba (Lema/UFPB). A ferramenta reúne dados de fontes oficiais, como

Inep, IBGE, Capes, CNPq, Fapesq e Plataforma Lattes, permitindo o acompanhamento contínuo de indicadores estratégicos nas áreas de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior.

O sistema tem como propósito subsidiar políticas públicas e decisões

estratégicas com base em evidências, fortalecendo a gestão do conhecimento científico no estado. É uma ferramenta pioneira que organiza e divulga indicadores sobre pesquisa, Ensino Superior e inovação na Paraíba por meio de análises acessíveis e atualizadas.

Computação quântica: por que e para quê?

Os computadores que utilizamos hoje são baseados na lógica binária, uma estrutura que trouxe muitos avanços para a humanidade, permitindo desde cálculos simples até a resposta para vários problemas da natureza. Toda a base tecnológica que sustenta a era dos computadores foi erguida sobre essa lógica, em que cada operação é representada por dois estados possíveis: 0 (não passa corrente) e 1 (passa corrente).

Em 1982, o físico americano Richard Feynman foi convidado a dar uma palestra sobre computação e, como era de seu feitio, resolveu falar de algo novo. Durante a palestra, ele questiona qual seria a melhor maneira de simular a natureza e a física com o computador. Logo, Feynman observou que a lógica binária não era a forma mais realista de reproduzir fielmente os fenômenos descritos pela mecânica quântica, ou seja, a área da física que explica o comportamento de partículas como elétrons, átomos e moléculas em escalas minúsculas, até as dimensões nanométricas.

A partir dessa constatação, ele propôs algo revolucionário: um tipo de computação baseada nos princípios quânticos, que pudesse representar não apenas os estados 0 e 1, mas também todas as combinações (estados) possíveis entre eles. Nascia, assim, a computação quântica.

Contudo, havia um desafio: como processar essa nova lógica dentro de um computador? Era necessário criar algoritmos capazes de operar nesse ambiente quântico. Essa lacuna começou a ser preenchida com o trabalho do matemático Peter Shor, que desenvolveu o Algoritmo de Shor, considerado o primeiro algoritmo prático para computadores quânticos.

Mas o que é um computador quântico e por que ele é necessário?

A busca pela computação quântica também responde a desafios tecnológicos urgentes. À medida que os *chips* são miniaturizados para aumentar a capacidade de processamento, eles enfrentam problemas como dissipação de calor e limites físicos da eletrônica “clássica”. Certos problemas, como a fatoração de grandes números em fatores primos, podem ser resolvidos em minutos por um computador quântico, enquanto levariam bilhões de anos em um computador clássico. Esse feito abriu caminho para aplicações revolucionárias em criptografia, segurança de dados e simulações complexas.

Além disso, há problemas que os supercomputadores atuais não conseguem resolver com eficiência, como simulações de grandes moléculas, como fármacos, previsão climática, logística otimizada, modelagem de tráfego, sistemas de inteligência artificial com grande volume de dados, chaves criptográficas.

E como essa tecnologia pode colocar a Paraíba no mapa internacional da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior?

O ano de 2025 foi escolhido pela ONU como o Ano Internacional das Tecnologias Quânticas, um marco que reconhece o impacto dessa área em comunicações, inteligência artificial, finanças, segurança cibernética, logística, farmacologia e meio ambiente.

Atualmente, apenas oito países possuem computadores quânticos. A instalação de um computador quântico na Paraíba, fruto de uma parceria entre o Governo do Estado e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), coloca o Brasil e, especialmente, a Paraíba em

uma posição estratégica de soberania científica e tecnológica. Esse avanço insere o estado no centro das transformações globais e abre novas oportunidades para pesquisa, inovação e desenvolvimento econômico.



Cláudio Furtado

claudiofurtado@secities.pb.gov.br | Secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba e professor e doutor em Física da UFPB.

CHANANA

Turnera subulata é resistente e só abre pela manhã

Comum em calçadas, canteiros e jardins, planta é comestível e também tem propriedades medicinais

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

Nas ruas, calçadas, jardins e até mesmo em terrenos baldios, é comum encontrar uma planta que possui flor branca, de pétalas arredondadas, com tons amarelados e base roxo-escura. A *Turnera subulata* ou chanana é muito encontrada em regiões tropicais. Também conhecida por outros nomes, como flor-do-guarujá ou bom-dia, ela abre suas flores no início da manhã e fecha por volta das 12h. A espécie pode ser usada em ornamentação e, também, na culinária e para fins medicinais, pois suas folhas possuem propriedades calmantes, anti-inflamatórias, antibacterianas, entre outras. É classificada como uma Planta Alimentícia Não Convencional (Panc), e suas flores são comestíveis, podendo integrar pratos como saladas, por exemplo.

A chanana possui grande capacidade de adaptação e seu cultivo é simples, podendo ser plantada em vasos ou diretamente no solo. Ela floresce praticamente o ano todo, prefere áreas com muita exposição ao sol, mas tolera também ambientes internos. Quanto à rega, não é necessário irrigá-la constantemente, apenas quando o solo estiver bem seco, pois o excesso de água pode prejudicar as raízes. Seus caules são compridos e a planta propaga-se com facilidade. Pode ser plantada usando suas sementes – coletadas das flores secas, que germinam facilmente em contato com luz e calor



Foto: Arquivo pessoal



Por ser uma erva perene, as propriedades medicinais da planta ainda não são tão abordadas na prática clínica

Antonio Carlos

— ou por meio de mudas, cortando-se um ramo saudável e plantado-o em solo úmido até criar raízes.

A *Turnera subulata* é uma planta nativa da América do Sul e Central e se espalhou para o subcontinente indiano. Bióloga e doutora em Botânica, Fernanda Kalina da Silva Monteiro explica que, no Brasil, ela é encontrada com facilidade em diversas áreas e biomas. “Na Amazônica, Caatinga, Mata Atlântica e no Cerrado, e ainda em várias regiões geográficas. Aqui, na Paraíba, ela tem uma ampla distribuição também, porque é uma planta espontânea, tem facilidade de dispersão e de crescimento, e é bem resistente”, afirma. Ela ainda comenta que a chanana nasce facilmente em diversos ambientes. “Basicamente em qualquer lugar é possível que se desenvolvam”, ressalta a bióloga.

O farmacêutico, professor e doutor

em Ciências Farmacêuticas, Helimarcos Nunes Pereira, também diretor adjunto do Jardim Botânico da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), aponta ainda que a *Turnera subulata* é uma planta pioneira — que consegue se desenvolver em lugares inóspitos —, por isso é resistente à seca. “Também produz um grande número de sementes de germinação rápida, possui raízes robustas e tolera solos pobres ou compactados. Devido a essas características, ela pode se adaptar bem a uma variedade de ambientes”, destaca. As flores da planta abrem-se pela manhã e fecham por volta do meio-dia, o que, segundo Fernanda Kalina, acontece como um mecanismo de proteção. “É próprio dela mesmo, tem haver com a sua reprodução ou também para se proteger da maior incidência dos raios solares. Além disso, os insetos costumam visitar a planta, para polinização, no período da manhã; após isso, ela se fecha e reabre novamente só no dia seguinte”, afirma. Helimarcos também reforça que essa é uma estratégia da planta para evitar o calor extremo, perda de água e danos à sua frágil arquitetura. “Por isso elas abrem pela manhã (no período das 5h às 6h), quando os polinizadores estão mais ativos, e fecham por volta da hora do almoço (por volta do meio-dia). É uma tática de sobrevivência para a reprodução”, pontua.

Propriedades medicinais

A planta possui propriedades medicinais, como destaca o farmacêutico e biomédico, doutorando em Bioquímica e Biologia Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Antonio Carlos Vital Júnior. Segundo ele, as atividades biológicas mais evidenciadas são: atividade antioxidantes que protegem as células dos radicais livres nocivos; anti-inflamatórios (auxiliam na redução dos mediadores



Foto: Evandro Pereira

Chanana possui grande capacidade de adaptação, e seu cultivo é simples, podendo ser plantada em vasos ou diretamente no solo

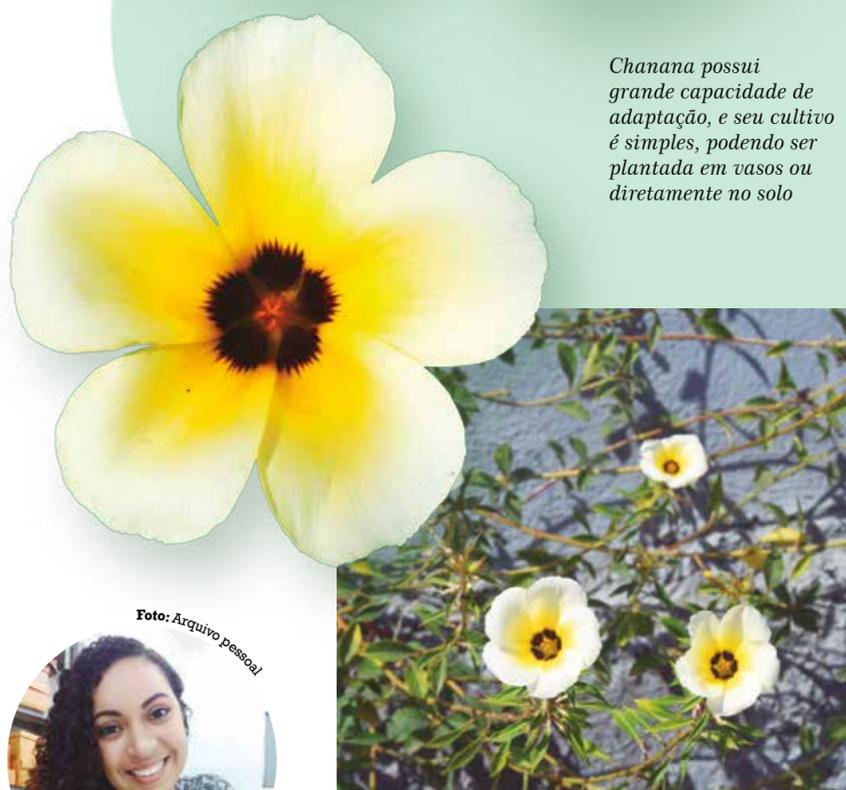


Foto: Evandro Pereira

A flor fecha suas pétalas para evitar o calor extremo



Foto: Arquivo pessoal



Chanana está presente na Amazônia, na Caatinga, no Cerrado, na Mata Atlântica e em várias regiões geográficas

Fernanda Kalina

da inflamação); perfil antimicrobiano (atuam contra certos fungos e bactérias); e potencial citotóxico (sendo investigado por potenciais efeitos degenerativos e anticancerígenos). “Por se tratar de uma erva perene, as propriedades medicinais da planta não são tão abordadas na prática clínica e pesquisas científicas estão sendo desenvolvidas para aumentar o escopo e a confirmação das atividades biológicas/farmacológicas da espécie”, ressalta.

Nesse contexto, sua pesquisa de doutorado engloba o estudo da planta. Ele investiga o potencial biológico de extratos aquoso e etanólico de *Turnera subulata* nas atividades antioxidantes, anti-inflamatórias, citotóxicas e antimicrobianas, como vias terapêuticas para doenças infecciosas e neurodegenerativas. Para consumo culinário ou medicinal, a bióloga Fernanda Kalina orienta

que as flores e folhas podem ser consumidas *in natura* ou em chás. “Também podem ser trituradas, para serem usadas como tempero seco. Ela contém muitos flavonoides, compostos fenólicos, terpenoides, alcaloides... Então, tudo isso ajuda nessa ação dela de ser anti-inflamatória, antioxidante e cicatrizante também”, destaca. Ela diz ainda que a planta é costumeiramente considerada como “mato”, pela maioria das pessoas que ainda desconhecem suas propriedades. “Mas ela vem sendo bastante utilizada em comunidades tradicionais, com fins medicinais, geralmente as pessoas que têm esse conhecimento ancestral fazem uso dela”, pontua.

Outro fator é a importância da planta para a natureza, que, segundo Antonio Carlos, está relacionada “ao seu pólen e néctar para borboletas e abelhas. Ademais, contribui para a restauração de áreas degradadas [espécies pioneiras], ajuda a estabilizar o solo, melhora a biodiversidade natural e urbana, e pode ter potenciais usos médicos no futuro”, afirma. Fernanda Kalina aponta também a importância dessa relação entre os vegetais e animais. “A planta depende do animal para sua reprodução e ele depende da planta também para se alimentar. Então, se não houver esse cuidado de conservação, compromete essa cadeia, esse equilíbrio do ecossistema. Não é interessante só retirar essas plantas, acabar com elas como se fossem mato”, destaca.

Cultivo

Para quem deseja cultivar a planta em casa, a orientação é priorizar a exposição à luz solar direta ou ao sol pleno. Além disso, a rega moderada é necessária, pois a *Turnera subulata* ou chanana não gosta de alagamentos, mas tolera bem a seca. E, embora possa crescer em praticamente qualquer tipo de solo, floresce melhor em solos ligeiramente ricos e bem drenados. Em regiões quentes, como o Nordeste brasileiro, seu florescimento se dá quase o ano todo e requer poucos cuidados.



Foto: Evandro Pereira

Com caules compridos, a planta propaga-se com facilidade mesmo em solos mais secos



Foto: Arquivo pessoal



Ela produz um grande número de sementes de germinação rápida, possui raízes robustas e tolera solos pobres

Helimarcos Nunes

CAMPINENSE E TREZE

Clubes esperam disputar a Série D

O Sousa já está garantido na Série D de 2026 e o Treze deve ser confirmado também, após a divulgação do novo ranking

Divulgação do novo ranking pela CBF definirá a participação de mais um clube da Paraíba na Quarta Divisão, em 2026

Danrley Pascoal
danrleyp.e@gmail.com

As mudanças no calendário do futebol nacional anunciadas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) geraram grandes expectativas nos clubes da Paraíba. De imediato, o Serra Branca garantiu vaga na Copa do Brasil e o Botafogo entrará direto na fase de grupos da Copa do Nordeste, diferente do que ocorreu em 2025. Treze e Campinense aguardam novos desdobramentos, mas as agremiações de Campina Grande almejam vaga na Série D do Campeonato Brasileiro.

Os cenários anunciados com o novo calendário nacional não tiveram nenhum impacto imediato no Sousa, que já tinha vaga garantida na Copa do Brasil, na Série D e na fase de grupos da Copa do Nordeste. O Dino, bicampeão estadual, já planeja a temporada 2026, tendo como treinador Leandro Campos. Como dito antes, o Belo ganhou o direito de jogar a principal fase do torneio regional; neste ano, o Alvinegro pessoense não passou das preliminares do certame.

O Botafogo já tinha seu calendário preenchido pelo Campeonato Paraibano, Copa do Brasil e Série C do Campeonato Brasileiro. Agora, a equipe da Maravilha do Contorno terá, pelo menos, mais cinco datas correspondentes a Copa do Nordeste. Dono da SAF botafoguense, Fillipe Félix informou que a folha sala-

rial do time para 2026 será de um R\$ 1,1 milhão, com aumento de 30% quando a Terceira Divisão iniciar.

CG vive expectativa

Treze e Campinense passaram a vislumbrar a perspectiva de disputar a Série D de 2026. A competição ganhará mais 32 equipes, comparada a edição de 2025, que contou com 64. O modelo de incremento de novos participantes é o que concede esperança à Raposa e ao Galo. As equipes de Campina Grande, até o momento do anúncio do novo calendário, só tinham a expectativa de disputar o Paraibano na próxima temporada.

A Quarta Divisão inicia 5 de abril e termina em 13 de setembro. Com o aumento para 96 clubes, seis serão premiados com acesso à Série C. Além disso, o campeão garantirá vaga na terceira fase da Copa do Brasil de 2027.

O preenchimento das vagas ocorre da seguinte forma: quatro vagas para quatro clubes que descenderam da Série C de 2025 (Critério 1); 64 vagas para Federações Estaduais, considerando o Ranking Nacional de Federações de 2026 (Critério 2); 28 vagas para os clubes que atingiram a 2ª fase da Série D de 2025, excluídos os classificados pelos critérios anteriores (Critério 3); Vagas restantes a partir do Ranking Nacional de Clubes, após a aplicação do Critério 3, con-

siderando os clubes já classificados pelos critérios anteriores (Critério 4).

Aplicados todos os critérios, já projetando o posicionamento final do Ranking Nacional de Clubes 2026, no qual o Galo ultrapassará o Campinense, o Alvinegro estaria garantido vaga na Série D do próximo ano, conforme o critério 4.

“Um clube sem calendário é horrível até para a formação de elenco profissional. É difícil contratar jogador para passar dois meses em uma equipe. Essa mudança no calendário da CBF vai ser uma coisa excelente para aqueles times que não pensavam em participar da Série D. Isso pede providências e mudanças

no planejamento, formaremos um plantel não só para o Estadual”, ressaltou Anatólio Chaves, presidente do Conselho Deliberativo do Galo, bem como responsável pela Comissão Eleitoral do pleito que definirá a nova Diretoria Executiva do clube.

Mesmo caindo posições no Ranking Nacional de Clubes, a Raposa ainda pode ganhar uma vaga na Série D, mas, é um cenário complicado de ocorrer. É preciso aguardar o fim da temporada e a definição dos participantes do

certame pelos critérios 1, 2 e 3. Além disso, saber quantas vagas serão definidas pelo critério 4. Este último ponto é o que determinará a participação ou não do Campinense.

“Esclarecimentos ainda precisam ser feitos. Nós vemos critérios utilizados de maneiras diferentes [para premiar equipes com vagas nas competições]. Aguardamos os próximos dias para que os órgãos possam esclarecer todas as dúvidas. No fim, quem está ganhando com tudo isso é o

futebol brasileiro [sobre o novo calendário]”, disse Flávio Torreato, presidente da Raposa.

“Nós estamos com um planejamento contando com essa possibilidade [estar na Série D]. Mas, independente de acontecer ou não, o Campinense vai montar uma equipe competitiva para a disputa do Paraibano, que é a nossa prioridade. Caso o Campinense esteja participando da Série D, com muito êxito e com muita honra, representará de verdade o estado da Paraíba. E se não acontecer, vamos seguir nosso planejamento, porque há muito a ser feito”, completou o dirigente.



Foto: Daniel Vieira/Treze

SEGUNDA DIVISÃO

Atlético e Desportiva decidem vaga na elite do futebol da PB

Danrley Pascoal
danrleyp.e@gmail.com

Atlético de Cajazeiras e Desportiva Guarabira enfrentam-se, hoje, às 17h, no Perpetão, pela semifinal da Segunda Divisão do Campeonato Paraibano. O duelo define o segundo classificado para a Primeira Divisão, bem como o outro finalista do torneio. Com o empate por 2 a 2 na ida, ascenderá a elite estadual o clube que vencer a partida. O empate leva a decisão para as penalidades máximas.

O Trovão Azul busca voltar à Primeira Divisão depois do rebaixamento em 2024, ocorrido via Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD),

que condenou o clube com perda de pontos, por conta da escalação irregular de um jogador. Agora, com o apoio de sua torcida, na tarde deste domingo (5), o time espera estar de novo entre os 10 principais clubes da Paraíba.

O treinador Marcel Santos, por meio do podcast Futebol da Paraíba, fez uma convocação para os torcedores da equipe do Sertão: “Que possam nos apoiar durante os 90 minutos. Vamos lotar o Perpetão, fazer uma grande festa e mostrar respeito e educação. O futebol se resolve dentro de campo, e fora queremos apenas a festa da nossa torcida para buscar esse acesso”, disse.



Foto: Reprodução/Instagram @atleticooficialcz

O Atlético conseguiu um bom resultado, em Guarabira

Do outro lado, a Desportiva Guarabira tenta voltar à elite estadual depois da disputa do polêmico certame de 2018, quando foi rebaixada. Aquela competição registrou indícios de manipulação de resultados, desencadeando a “Operação Cartola”. Desde então, o Azulão não conseguiu retornar ao principal torneio de futebol local.

Para o duelo de volta da semifinal, mesmo jogando fora de casa, a equipe do treinador Jackson Machado chega confiante. Em duas partidas contra o Atlético na atual edição da Segunda Divisão, o time não perdeu, vencendo, inclusive, o rival dentro do Perpetão, na segunda ro-

dada da fase classificatória, por 3 a 2.

Arbitragem

Ruthyanna Camila será a árbitra principal do confronto. Ela terá Paulo Ricardo e Mattheus Tcharles como assistentes. Romário Medeiros será o quarto árbitro.

Feminino Sub-17

De acordo com a Federação Paraibana de Futebol (FPF), a segunda rodada do Campeonato Paraibano será encerrada, hoje, com duas partidas: às 10h, Guará e Fluminense se enfrentam no CT do VF4, na capital; e Picuiense e Botafogo jogam no Amauri Sales, em Picuí; às 15h.

FÓRMULA 1

GP de Singapura promete emoções

Piastrri e Norris seguem na briga pelo título mundial e ainda tem Max Verstappen ameaçando os favoritos

O circuito asiático nas ruas de Marina Bay promete muitas emoções, hoje, a partir das 9h, com transmissão da Band, da 18ª etapa do Mundial de Fórmula 1, na qual a McLaren pode conquistar, por antecipação, o Mundial de Construtores, e a Red Bull terá a chance de provar que sua recuperação é real com Max Verstappen tendo o desafio de vencer, pela primeira vez, em Singapura, e apimentar ainda mais a briga pelo título de pilotos. Oscar Piastrri lidera com 324 pontos contra 299 de Lando Norris e ainda 255 de Verstappen. Expectativa também para a participação do brasileiro Gabriel Bortoleto, da Sauber, que correrá pela primeira vez no circuito.

Quando as luzes no grid de largada se apagarem neste domingo, o amante do automobilismo espera fortes emoções até porque também a Ferrari precisa mostrar a sua força, depois de decepcionantes corridas. As últimas corridas têm mostrado um desempenho irregular da McLaren e briga intensa entre Piastrri e Norris, como o crescimento de Verstappen que venceu em Monza e Baku.

Norris abandonou em Zandvoort, vendo Piastrri ganhar 25 pontos. No GP do Azerbaijão, a situação inverteu-se com Piastrri batendo na volta inicial, mas o sétimo lugar de Norris fez com que ele não se beneficiasse to-

talmente e ganhasse apenas seis pontos em relação ao seu rival.

No final das contas, a liderança de Piastrri agora é de 25 pontos, faltando seis GPs (e três sprints), o que significa que Norris ainda está a uma distância considerável. O chefe da McLaren, Andrea Stella, chegou a afirmar que Verstappen ainda é candidato ao título, apesar de estar 69 pontos atrás de Piastrri. Isso é um sinal de alerta, depois de vá-

rios problemas de confiabilidade para ambos os pilotos e pitstops lentos para Norris.

A McLaren agora vai para o seu circuito preferido em Singapura, onde Norris dominou no ano passado, com o objetivo de acabar com a sequência de vitórias de Verstappen. A McLaren só precisa de 13 pontos para conquistar dois títulos consecutivos de construtores e, como o traçado sinuoso adapta-se bem ao MCL39, a equipe vai querer

manter algumas caixas extras de champanhe na geladeira.

Depois de duas vitórias em pistas de baixa downforce, Singapura será o "verdadeiro teste" para a Red Bull, como Laurent Mekies e Helmut Marko admitiram. No último local de alto downforce antes de Singapura (Hungaroring), a Red Bull levou uma surra. Com base no ritmo de corrida, Verstappen foi mais de um segundo mais lento do que a frente do pelotão — e

isso aconteceu em um circuito curto.

Marko concluiu imediatamente que a Red Bull sabia o que havia feito de errado em Budapeste. Além disso, a equipe, sem dúvida, deu passos significativos nas últimas semanas, tanto em termos de execução quanto com a atualização do piso introduzida em Monza. A Red Bull está mais competitiva agora do que em qualquer outro momento da temporada.

Como já foi dito acima, isso gerou até mesmo um debate sobre a possibilidade de Verstappen desafiar os pilotos da McLaren pelo título este ano. Para responder a essa pergunta, Singapura será extremamente importante. No papel, o circuito de Marina Bay tem todos os ingredientes que a Red Bull não gosta: uma pista de rua esburacada, alto downforce e calor extremo.



Foto: Reprodução/Instagram @oscarpiastrri



Foto: Reprodução/Instagram @lando



Foto: Reprodução/Instagram @maxverstappen1

Oscar Piastrri lidera o Mundial de Pilotos, mas tem a perseguição do companheiro de equipe, Lando Norris, e uma pequena ameaça de Max Verstappen

FUTEBOL DE CEGAS

Brasil faz sua estreia em Copa do Mundo, hoje, contra a Índia

A IBSA (sigla em inglês para Federação Internacional de Esportes para Cegos) divulgou os grupos e a tabela da Copa do Mundo de Futebol de Cegas 2025, evento que acontecerá em Kochi, na Índia, a partir de hoje até o dia 11 deste mês. Estreante na competição, o Brasil fará a partida de abertura do tor-

neio, contra as donas da casa, às 10h30 (horário de Brasília). Além das indianas, as brasileiras, que estão no Grupo A, enfrentarão Inglaterra e Polônia. No Grupo B, estão: Argentina, Canadá, Japão e Turquia. Todas as partidas do torneio terão transmissão ao vivo pelo YouTube da IBSA.

"É um momento histórico, muito mais do que esportivo. São as realizações de sonhos. A gente sabe que o futebol feminino tem muitas dificuldades e, para cegas, mais ainda. Mas essas meninas, mostrando resiliência, acreditando sempre no esporte, estão realizando sonhos. Espero que possamos deixá-las tranqui-

las para que possam aproveitar, divertir-se com seriedade e representar o Brasil como deve ser representado", disse o treinador do Brasil, David Xavier.

A equipe brasileira conta com 10 atletas, entre elas, a paraibana Rafaela Paulino, ala ofensiva, da Associação Paraibana de Cegos.

O formato de disputas prevê que os dois melhores colocados de cada grupo avancem às semifinais. Também haverá duelos valendo o quinto e o sétimo lugares para os outros dois times de cada chave que não avançarem às semis.

Na primeira edição do Mundial, realizada em

2023, em Birmingham, na Inglaterra, a Argentina sagrou-se campeã. Àquela ocasião, a CBDV já havia realizado o 1º Festival de Futebol de Cegas, um ano antes, para iniciar a capacitação de atletas Brasil afóra. Agora, em 2025, foram criados Campings de Treinamento.



Foto: Renan Caioli/CBDV

Elenco do time feminino do Brasil que disputa, pela primeira vez, uma Copa do Mundo, na cidade de Kochi, na Índia, juntamente com mais outras seleções até o próximo dia 11

EXCESSO DE JOGOS

Sindicato vê risco à saúde de atletas

Relatório da Federação Internacional de Futebolistas descreve sérias ameaças diante do calendário desumano

Jogadores que disputaram a Copa do Mundo da Fifa, após o término de suas ligas nacionais, estão entre centenas de atletas de elite do futebol masculino que não contam com períodos adequados de férias ou de pré-temporada. Isso aumenta os riscos à saúde e ao desempenho, segundo o Relatório Anual de Monitoramento de Carga de Trabalho dos Jogadores da Federação Internacional de Associações de Futebolistas Profissionais, publicado em colaboração com a Football Benchmark.

Maheta Molango, membro do conselho da Federação, afirmou: “Este relatório traz as evidências factuais do que está acontecendo no futebol. Os jogadores estão se machucando ou não conseguem atuar no seu melhor nível porque estão sendo levados ao limite”.

O calendário da Copa do Mundo de Clubes evidenciou a crise do calendário de elite. Chelsea, campeão da Copa do Mundo de Clubes, e o vice Paris Saint-Germain foram os mais prejudicados pelo aperto do calendário: após terem seu período de férias reduzido para pouco mais de três semanas, os jogadores do Chelsea tiveram apenas 13 dias de pré-temporada, enquanto os do PSG contaram com apenas sete dias.

Esses resultados reforçam a necessidade urgente de salvaguardas de bom senso para os jogadores, como as apresentadas em um Estudo de Consenso sobre Salvaguardas Mínimas de Carga de Trabalho, publicado recentemente, no qual especialistas de alto desempenho concordaram que os atletas devem receber 28 dias de férias e mais 28 dias de pré-temporada.

O relatório da temporada 2024-2025, intitulado “Sobrecarregados e Desprotegidos: Impactos na Saúde e no Desempenho dos Jogadores”, utiliza dados de 1.500 atletas do futebol masculino, monitorados pela plataforma da Federação dos Futebolistas, comparando seus períodos de descanso e recuperação com as recomendações de 70 especialistas médicos e de desempenho que atuam em clubes e seleções. O documento também analisa o tempo de recuperação em outros esportes e, pela primeira vez, inclui o fator do calor extremo como crescente risco para desempenho, saúde e planejamento de competições.

Mais descanso

Muitos outros atletas de elite também têm descanso insuficiente: apenas 14% dos participantes da Eurocopa 2024 incluídos na amostra tiveram os recomendados 28 dias de férias antes da última temporada, índice que caiu para apenas 9% entre os participantes da Copa América, que jogam nas cinco principais ligas da Europa. A preparação após os torneios também foi inadequada: só 15% tiveram pré-temporada suficiente após a Euro, e apenas 4% após a Copa América.

O Dr. Darren Burgess, presidente da Rede Consultiva de Alto Desempenho da Federação dos Futebolistas,



Jogadores do Chelsea, que disputaram a Copa do Mundo, tiveram poucos dias de férias

destacou que o futebol deveria seguir outros esportes e garantir pausas de entressafra para proteger os jogadores de lesões e exaustão. Na NBA e na AFL da Austrália, os atletas têm 14 semanas de folga, enquanto no beisebol (MLB) são 15 semanas.

Ele afirmou: “Se você não tem descanso suficiente, não dá ao corpo tempo mental e físico para se recuperar. Além disso, não ter pelo menos 28 dias de pré-temporada impede que os jogadores façam uma preparação rigorosa para a temporada seguinte. Isso leva, no pior caso, a lesões; e, no melhor, a uma capacidade reduzida de desempenho. Em outros esportes, a prioridade foi colocada no rendimento e bem-estar dos atletas, e o período de entressafra é parte essencial disso”.

Jogos e viagens

Enquanto muitos jogadores de divisões inferiores carecem de partidas competitivas, os atletas de elite são frequentemente sobrecarregados. Pesquisas científicas mostram que os riscos à saúde tornam-se desproporcionais quando eles enfrentam longos períodos com dois jogos por semana. Na última temporada, alguns

jogadores ultrapassaram 50 partidas, muitas vezes com menos de cinco dias de recuperação, casos de Valverde e Modric, do Real Madrid; Pedri e Raphinha, do Barcelona; Álvarez, do Atlético de Madrid; e Min-Jae Kim, do Bayern de Munique.

Após as Datas Fifa, o tempo de recuperação é frequentemente inferior a 48 horas – bem menos que o recomendado por especialistas – mesmo para sul-americanos que enfrentam longas viagens de retorno a clubes na Europa e nos EUA. O argentino Enzo Fernández, por exemplo, acumulou 195 horas de viagem em 29 deslocamentos, percorrendo 149.010 km na última temporada. Chris Wood, capitão da Nova Zelândia e membro do Conselho Global de Jogadores da Federação de Futebolistas, afirmou: “Para nós, jogadores, é vital ter o período de recuperação para que o corpo se adapte e esteja pronto novamente. Precisamos garantir que estamos cuidando do corpo a longo prazo. É essencial que olhemos para o mínimo de descanso, especialmente para a pré-temporada”.

Jovens jogadores

O estudo de consenso

também apontou necessidades específicas de proteção de carga para jogadores de base menores de 18 anos, e ressaltou a importância de mais pesquisas para atletas abaixo de 21. No entanto, a cautela é rara: Lamine Yamal disputou 130 partidas antes de completar 18 anos em julho, enquanto Archie Gray, que fez 19 anos em março, foi relacionado em 80 jogos pelo Tottenham e pela Seleção Sub-21 da Inglaterra, na última temporada.

O Dr. Burgess reforçou: “Os jovens precisam de cargas de treino adequadas à idade, limites claros de exposição em jogos e períodos de descanso protegidos. Durante esses anos, as placas de crescimento, tendões e ligamentos ainda são vulneráveis, e o excesso de corridas de alta intensidade ou janelas curtas de recuperação podem causar danos estruturais de longo prazo. O impacto psicológico também não deve ser subestimado”.

Min-Jae Kim teve uma sequência de 73 dias seguidos de jogos até meados de dezembro de 2024, com uma média de uma partida a cada 3,6 dias, atuando boa parte da temporada com uma lesão no tendão de Aquiles.



Raphinha, do Barcelona, teve excesso de jogos na temporada 2024, com mais de 50

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Museu de novidades

Foi inaugurado na última sexta-feira (3), em João Pessoa, um importante equipamento público cultural em homenagem à memória da Paraíba. Dentro de um prédio que nasceu alguns meses depois da sempre intranquila paz entre portugueses e indígenas que ficou, pelo menos, para a história, como marco da concepção do que seria esta terra em que tenho prazer de nela viver, escrever, torcer, tocar samba e forró, amar e sofrer. Foi em 1586, um ano depois do citado tratado, que os jesuítas construíram o prédio para abrigar cristãos desta ordem em tempos de colonização.

O prédio tinha mesmo vocação para o poder. Séculos depois viria a ser a residência dos capitães-mores que por aqui mandaram em tempos de Monarquia. Depois foi a vez do Império fazer daquela construção a sua casa, abrigando mandatários amigos do imperador, os presidentes da província, até que a República venceu como venceu e fez da residência a casa oficial de alguns governadores do Estado.

Num Brasil que passa por uma crise existencial sobre qual presente quer para o futuro, flertando ainda com um passado pela frente, o Governo da Paraíba faz do atual Palácio da Redenção uma escolha que se amalgama com seu nome. Vira museu no que eu diria ser a melhor serventia da sua história, em uma Paraíba ainda pouco afeita a preservar e conhecer o seu passado. Nasce, em 2025, o Museu da História da Paraíba.

Mas por que danado o colunista está falando de museu, de política e de poder em uma espaço na editoria esportiva do jornal A União, que, por sinal, é grande vanguarda da preservação do que se deu por essas terras desde 1893. É que foram naquelas imediações do atual Palácio da Redenção onde também nasceu o futebol paraibano.

Os primeiros passos e passes na então Parahyba do Norte deu-se, justamente, onde também a cidade foi concebida. Nas proximidades do palácio e da Praça Venâncio Neiva, onde hoje temos o Pavilhão do Chá, e bem possivelmente próximo de onde hoje se localiza a praça que leva o nome da Capital, havia um dos primeiros campos de futebol.

Provavelmente por descuido de Walfredo Marques, que estará sempre perdoado em face de ser ele o grande memorialista do futebol paraibano e a quem nós, que valorizamos futebol e história, devemos sempre exaltar, relatou, sem mais explicações, que foi na Praça da Independência onde houve alguns dos primeiros jogos de futebol na cidade, na década de 1910. O que gerou uma série de reproduções equivocadas como se o palco do futebol fosse a atual Praça de Independência.

Acontece que não havia Praça da Independência naquela década. Ou melhor, havia. Mas não aquela, próxima ao fim — ou início — da Avenida Epitácio Pessoa, e que espia diariamente o Colégio Marista Pio X, inaugurada apenas em 1922, no centenário da independência.

Aquela praça, no Tambiá, foi feita na terra do ex-prefeito Guedes Pereira, que cedeu o espaço à municipalidade para que lá fosse construído aquele espaço social. A Praça da Independência do futebol, no entanto, foi outra.

E aí, mesmo em tempos de Google, não consegui por anos, por meio do ambiente digital, desvendar o mistério de onde aconteciam os primeiros ensaios e pejejas de nosso futebol, a partir do momento que soube que a atual Praça de Independência era da década de 1920. Recorri então a outro grande paraibano que merece todas as homenagens por ter sido um desses importantes, mas ainda acho que poucos, guardiões da história paraibana. Depois de muito tempo e frustrações, descobri que houve uma Praça da Independência anterior. Foi no cartográfico livro “Roteiro sentimental de uma cidade”, de Walfredo Rodriguez.

Abraçado pelas linhas do segundo Walfredo, encontrei a Praça da Independência misteriosa. Era no Largo do Palácio. Que depois virou Jardim Público. Que depois se transformou em Praça Comendador Felizardo, homenageando por último e até hoje o mártir precoce da Revolução de 1930. Foi ali próximo que se fez o campo do America Foot-Ball Club, time de quem Rodriguez foi jogador. Foram ali muitos dos primeiros jogos de futebol e o primeiro jogo entre clubes diferentes, disputado entre America e Parahyba United. Mas essa história eu conto outro dia, afinal o passado constrói museus e os museus sempre nos trazem novidades, como há de ser o novo museu do palácio.

Foto: Marcelo Gonçalves/Fluminense F.C.

Foto: Reprodução/Instagram @raphinha

Foto: Cesar Greco/Palmeiras



BRASILEIRÃO

No primeiro turno, o Palmeiras levou a melhor e derrotou o São Paulo por 1 a 0

Rodada repleta de jogos importantes neste domingo

Seis jogos completam a 27ª rodada com destaque para o clássico paulista entre São Paulo e Palmeiras

Agência Estado

A rodada de número 27 do Brasileirão será concluída neste domingo, na qual as maiores atenções estão na parte de cima da tabela já que Flamengo, líder com 55 pontos, Palmeiras, vice-líder com 52 e Cruzeiro, em terceiro lugar com 51, entram em campo contra adversários diferentes e também em horários distintos. Quem primeiro estreia na rodada é o Palmeiras que faz o clássico paulista contra o São Paulo, às 16h, no Morumbi, com transmissão da Globo e do Premiere.

O Verdão está cada vez mais próximo da ponta da tabela, principalmente depois da vitória de 3 a 0 sobre o Vasco, em seus domínios, e o empate de Flamengo e Cruzeiro, sem gols, no Maracanã. A dupla de ataque Flaco Lopez e Vitor Roque tem funcionado, o que deixa a torcida ainda mais animada e também o técnico Abel Ferreira. No primeiro turno, no dia 10 de maio, jogando em casa, o Alvirverde venceu de 1 a 0.

Autor de dois gols e uma assistência na vitória, da última quarta-feira (1º), contra o Vasco, o atacante Flaco López é o artilheiro da equipe nesta temporada, com 21 gols marcados. Ele também se tornou o quinto jogador estrangeiro com mais gols pelo Palmeiras, com 53 bolas na rede desde que chegou ao clube, em 2022.

“É muito especial para mim. A cada ano tento melhorar as estatísticas e as qualidades do jogo. É muito bom para mim pessoalmente, estou muito motivado e muito feliz de poder ajudar o time com os meus números. É muito trabalho da equipe inteira e de todo mundo aqui dentro do Palmeiras que refletem no trabalho que fazemos. Muito feliz por isso e, se Deus quiser, vai ter muito mais e poderei ajudar muitas vezes”, disse.

O São Paulo mostrou recuperação na rodada anterior e derrotou o Fortaleza, fora de casa, por 2 a 0. O Choque-Rei é decisivo para as pretensões do Tricolor que luta

por uma plena reabilitação no Brasileirão ao ponto de assegurar vaga na Copa Libertadores.

Bahia x Flamengo

No primeiro turno, o time baiano deu trabalho ao Flamengo, no Maracanã e perdeu apenas por 1 a 0. Na última quarta-feira (1º) foi derrotado pelo Botafogo por 2 a 1 e busca reabilitação para se manter no G6, hoje com 40 pontos. O detalhe curioso é que o téc-

nico Rogério Ceni nunca venceu o Flamengo comandando outra equipe: são 16 derrotas em 16 jogos, desde 2017.

Ao longo da história do confronto, as equipes treinadas por Rogério Ceni balançaram as redes seis vezes, com 31 gols sofridos. Nesses 16 jogos, Ceni esteve pelo São Paulo, Fortaleza e Bahia. E a meta principal na partida de hoje é não só quebrar o tabu, mas se aproximar mais do G4.

Já o Flamengo tropeçou no meio de semana, jogando em casa e só empatou sem gols contra o Cruzeiro. Viu diminuir a distância para o Palmeiras e joga pressionado por uma vitória para se manter na ponta da tabela. O jogo, na Casa de Apostas Arena Fonte Nova, começa às 18h30 e será mostrado pelo Premiere.

Cruzeiro x Sport

Após empatar com o Flamen-

go em 0 a 0 e fazer um bom jogo, o Cruzeiro entra em campo com amplo favoritismo diante do Sport, adversário que não consegue ter mais força para evitar um novo rebaixamento. Em 24 jogos, o Leão da Ilha soma apenas 15 pontos, na lanterna, com 13 derrotas, nove empates e duas vitórias. Na última quarta-feira (1º) empatou em 2 a 2 com o Fluminense, na Ilha do Retiro. Cruzeiro x Sport, às 20h30, no Mineirão, será mostrado pelo SporTV e Premiere

Vasco x Vitória

Vindo de uma derrota de 3 a 0 para o Palmeiras, o Vasco tem tudo para se reabilitar, hoje, em São Januário, diante do Vitória, equipe que ocupa a 17ª posição e abre a zona de rebaixamento. O time baiano, inclusive, venceu na última quinta-feira (2) o Ceará por 1 a 0 e ganha motivação para sair do Z4, estando a três pontos do Santos, primeiro clube fora da zona do descenso. Em todas as competições foram disputados 51 jogos entre as duas equipes, com 17 vitórias do Vasco, 12 empates e 22 triunfos do Vitória. No Rio de Janeiro, foram disputados 23 jogos entre as duas equipes, com 11 vitórias do Vasco, seis empates e seis triunfos do Vitória.

O jogo será mostrado pela Globo e Premiere. A rodada ainda terá Juventude x Fortaleza, às 18h30, no Alfredo Jaconi, com transmissão do Premiere e, ainda, Ceará x Santos, na Arena Castelão, às 20h30, com transmissão do Prime Vídeo.

Segunda Divisão

Pela Série B do Brasileiro, dois jogos estão programados para hoje, o primeiro às 16h, entre Operário-PR e Remo, no Estádio Germano Krüger; e o segundo, a partir das 20h30, no estádio Antônio Accioly, entre Atlético-GO x Atlético-PR. Já a Série C tem dois jogos pela quinta rodada do quadrangular final: Floresta x Londrina, às 16h30, no Domingão; e São Bernardo x Caxias, às 19h, no Estádio Primeiro de Maio.



Foto: Gilvan de Souza/Flamengo

Lance do jogo pelo primeiro turno, realizado no Maracanã, com vitória do Flamengo por 1 a 0

VIDA E OBRA

Jackson do Pandeiro, o influenciador

Grandes nomes da música brasileira que seguiram a cartilha do Rei do Ritmo são tema de exposição da Fundação Casa de José Américo, em João Pessoa

Ademilson José
 Especial para A União

Na próxima sexta-feira (10), em João Pessoa, a Fundação Casa de José Américo (FCJA) abrirá, na sua unidade de Tambaú, uma exposição gratuita que contará a vida e a obra do paraibano Jackson do Pandeiro. A mostra inclui biografia e discografia e, no destaque, painéis com artistas dos mais diversos estilos falando da influência que receberam do Rei do Ritmo da música brasileira.

Intitulada *Jackson do Pandeiro – É ritmo, é raiz, é Paraíba*, a exposição também inclui fotografias, depoimentos, notícias e registros da imprensa e será aberta às 10h, ao som do grupo Os Filhos de Jackson, de Alagoa Grande. A montagem e a organização geral é de Débora Oliveira e conta com *designs* que foram trabalhados por Rossiane Delgado e Ayanne Andrade.

Durante 60 dias, os visitantes da mostra vão se deparar com livros que abordam a vida e a obra do artista, 27 capas de discos e letras de 25 músicas colecionadas ao longo dos anos pela família. Quatro grandes painéis abordarão o “talento”, a “cultura”, a “história” e as “influências” do Rei do Ritmo na carreira de grandes nomes do forró e da música brasileira em geral. Este último ganha destaque especial porque, apesar de nem mesmo boa parte da crítica desconfiar, muito do sincopado e do malabarismo vocal que João Bosco aprendeu a desenvolver em suas interpretações, é influência de Jackson do Pandeiro.

Quem admite e explica tudo isso, claro, é o próprio cantor e compositor mineiro: “Tudo vem do coco. Samba, rock e quase todos os demais ritmos vem do coco”, resume João Bosco, ao complementar que “foi justamente por saber e fazer isso muito bem que Jackson fez o diferencial e influenciou um mundo de gente boa na música brasileira. O que Jackson fazia com a música, eu nunca vi ninguém fazer”, afirmou o artista, em uma de suas entrevistas à TV Cultura.

Conhecido por sua vasta contribuição à música instrumental brasileira, o maestro Moacir Santos (1926–2006) foi outro desses ilustres, cuja admiração que tinha era suficiente para comprovar a genialidade musical de Jackson do Pandeiro. Santos dizia-se impressionado com a capacidade que Jackson tinha de, mesmo sem estudo de teoria musical, dividir ritmos, captar e solfejar as linhas melódicas de tudo o que ouvia.

Para Moacir Santos, “Jackson era mesmo um caso de genialidade nata, sem contar a naturalidade com a qual conseguiu incorporar elementos tradicionais do Nordeste à música popular nacional”, completava o “Diamante Negro” da música instrumental, conforme chegou a ser definido e homenageado em DVD.

Entre os grandes artistas que assumem

ter sido influenciados por Jackson do Pandeiro, os pernambucanos Alceu Valença e Geraldo Azevedo são os que mais reverenciam o mestre de Alagoa Grande. Na década de 1980, quando mais conviveu e dividiu palco com Jackson, no Projeto Pixinguinha, Alceu fez a música “Coração Bobo”, uma homenagem à simplicidade e ao fato de Jackson não ter ambição por sucesso e dinheiro.

Com Geraldo Azevedo, Alceu também convidou Jackson para que cantasse com eles o coco “Papagaio do futuro” em um festival de MPB, no Rio de Janeiro. Aliás, foi depois daquele trabalho que Alceu e Geraldo não pararam mais de participar de festivais e de emplacar sucessos por anos seguidos.

Ao lançar o antológico disco *Expresso 2222* no período do exílio, Gilberto Gil já incluiu músicas do repertório de Jackson. “Chiclete com Banana” foi uma dessas músicas que, ao ser regrava por Gil, contribuiu para o recolocar o Rei do Ritmo nas paradas de sucessos, isso depois de um longo período de ostracismo midiático. Em seus shows por todo Brasil, Gil sempre fez questão de se intitular “discípulo de Jackson do Pandeiro”.

“Alma brasileira”

Dizem que santo da terra não obra milagre, mas além desses nomes nacionais, os paraibanos Parrá, Biliu de Campina e Livardo Alves não subiam num palco sem falar e sem cantar Jackson do Pandeiro. Parrá porque, além do ritmo, parecia o próprio Jackson em carne e osso; Biliu porque esbanjava repertório no mesmo estilo; e Livardo Alves pelo ecletismo em fazer forró com a mesma facilidade que fazia canção, frevo e qualquer ritmo.

Inicialmente influenciado pelo rock e, posteriormente, consagrado na MPB, o também paraibano Zé Ramalho não difere dos conterrâneos. Sempre assumiu ser fortemente influenciado pelo Rei do Ritmo e tanto é assim que, dos três álbuns-homenagens que lançou, um deles foi *Zé Ramalho canta Jackson do Pandeiro*. Nos outros dois, Zé canta Luiz Gonzaga e Raul Seixas.

Ainda tem também Lenine para quem, em termos de ritmo, Jackson do Pandeiro sempre foi a “alma brasileira”. E, quando canta, Lenine também tem a mesma opinião. Basta lembrar que foi justamente com o grande sucesso “Jack Soul Brasileiro”, que ele praticamente começou sua carreira.

Em termos de pesquisa, a exposição da unidade de Tambaú da Fundação Casa de José Américo não fica somente nesses artistas: tem muito mais. Entre eles e elas, nomes como Almira Castilho, Anastácia, Antônio Barros, Elba Ramalho, Elino Julião Genival Lacerda, Jacinto Silva, Manoel Serafim, Marinês, Severo e Silvério Pessoa.



Em sentido anti-horário, a partir da esquerda: **Alceu Valença** é um dos que mais reverencia o mestre de Alagoa Grande; **Gil** sempre fez questão de se intitular “discípulo de Jackson do Pandeiro”; **João Bosco** aprendeu a desenvolver em suas interpretações com o paraibano; **Biliu de Campina** sempre colocava o ritmo sincopado da realza no palco; Para o maestro **Moacir Santos**, “Jackson era mesmo um caso de genialidade nata”; e **Zé Ramalho** homenageou o conterrâneo com um álbum.



Cearense radicado em Campina Grande, Stênio passou por periódicos como o "Diário da Borborema" e o "Jornal da Paraíba", além da Rádio Caturité AM

José Stênio Lopes

Arte do bem fazer que concilia educação e jornalismo

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A trajetória do cearense Stênio Lopes, que foi adotado por Campina Grande, costuma ser traduzida pelo seu trabalho pioneiro e destemido à frente da Educação Profissionalizante na Paraíba. Nessa grande batalha de vida, as letras foram a arma de combate, quer na sala de aula, na imprensa ou na literatura.

José Stênio de Lucena Lopes nasceu em 5 de julho de 1916, no município de Pacoti, Ceará. Ainda adolescente ingressou no Seminário Lazaristas de Caraca, em Minas Gerais, prosseguindo depois em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Ali realizou os estudos secundários e adquiriu fluência e erudição nas línguas latina e francesa, nas quais, depois, viria a se especializar. De volta à terra natal, formou-se em Letras pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará.

A vida de Stênio Lopes esteve sempre ligada à educação e à imprensa. Foi inspetor de ensino no Crato, no Ceará, professor de francês e português em Fortaleza (CE) e ajudou a fundar o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) de seu estado, no qual esteve à frente da Seção de Ensino na diretoria regional por cerca de 10 anos. Na capital do estado, também se iniciou no jornalismo, colaborando, desde 1937, com jornais como *Correio do Ceará*, depois com *O Unitário* e a *Gazeta de Notícias*.

De 1946 a 1952, encontramos ensaios de sua autoria na *Revista Clá*, periódico eclético vinculado a um grupo de intelectuais cuja missão era divulgar trabalhos de setores como literatura, sociologia, história, artes, entre

outros. Stênio Lopes integrou o conselho de redação da revista e, quando regressou de Paris, em 1951, onde realizou estudos na École Nationale D'Apprentissage Industrielle, encarregou-se da seção de crítica de livros estrangeiros. Pelas páginas da revista, também sabemos que o professor esteve na direção do suplemento literário do jornal *O Estado* e foi um dos vencedores de um concurso literário promovido pela prefeitura que premiou a novela *A chuva* (1952), a sua estreia no mundo ficcional com a história de um funcionário-escritor e o seu relacionamento amoroso.

Antes de aportar na Paraíba, Stênio Lopes passou pelos estados do Pará e de Alagoas, onde assumiu cargos de diretor de escolas do Senai. Nas terras amazônicas, colaborou com o jornal *A Província do Pará*, pertencente ao Grupo Diários Associados. Fixou-se definitivamente em Campina Grande, em 1957, onde construiu uma trajetória que se confunde com a educação, como afirma o professor e memorialista Itapuan Targino, autor da biografia *Stênio Lopes: a arte do bem fazer*.

"Stênio Lopes teve uma vida dedicada à educação profissional e irmanou-se com um trabalho magnífico de formar a juventude para o trabalho, no Senai. Em Campina Grande, ele realizou, durante décadas, um trabalho fecundo e multiplicador. Ele foi fundador da Escola Politécnica, que depois foi integrada à Universidade Federal de Campina Grande (UFCC). Era um homem de fino trato, servido do estado, educador, homem ético, das letras, jornalista", relata o escritor e biógrafo, que conheceu seu biografado nas reuniões mensais do Conselho de Educação Profissional.

Conciliando a educação e o jornalismo, o professor logo se aproximou da imprensa campinense. No livro *Campina Grande e seu destino*, ele relata que a fundação do *Diário da Borborema*, pertencente ao conglomerado controlado por Assis Chateaubriand, facilitou seu acesso ao periódico: "Como desde 1946, em Fortaleza, eu trabalhava no jornal *O Unitário*, um dos órgãos da cadeia associada no Ceará, meu engajamento no *Diário da Borborema* foi imediato. Contribuiu grandemente para isto o fato de que, para iniciar a circulação do *Diário da Borborema*, veio trazido de Fortaleza, como editor, o jornalista Felizardo Montalverne, que fora meu chefe de redação no jornal *O Unitário*".

No jornal paraibano, o professor escrevia a coluna *Rosa dos ventos*, com análises das consequências, impactos, tensões e embates da instalação do ensino profissional na cidade e de uma nova cultura escolar que se insalava. A seleção de artigos dessa coluna deu origem ao livro *Um fósforo na escuridão*, metáfora utilizada pelo autor para se referir à rapidez dos registros das preocupações e acontecimentos de seus escritos.

Com Lopes de Andrade e o próprio Chateaubriand, Stênio Lopes se engajou-se com os ideários progressistas e industriais veiculados nas páginas de opinião e reportagens do *Diário da Borborema*. Das discussões com esses e outros nomes da elite campinense em encontros na Livraria Pedrosa ou no prédio da Associação Comercial, Stênio recolhia os temas que traduzia em seus artigos. Ele colaborou, ainda, como editorialista, no *Jornal da Paraíba*, escrevendo a opinião oficial do periódico presidido pelo empresário Humberto Almeida.

Resgate da história campinense

O jornalista e professor Gilson Souto Maior destaca que, além de ser lembrado como um dos nomes importantes que marcaram os primeiros momentos do *Diário da Borborema*, Stênio Lopes fez, no fim da década de 1960, um belo trabalho à frente da Rádio Caturité AM, especialmente reunindo uma equipe com grandes nomes do rádio-jornalismo do Nordeste que colocou a emissora em destaque na radiodifusão regional.

"Nesse período, compreendido pelas administrações dos professores José Stênio Lopes e José Cursino de Siqueira, a Rádio Caturité se constituiu numa verdadeira dor de cabeça para os amigos da Rádio Borborema, emissora para onde seguimos, no início da década de 1970", conta Souto Maior, ressaltando que a "emissora da família paraibana" permaneceu, por um bom tempo, na primeira posição das pesquisas de audiência.

Pela diplomacia e interação harmônica que o professor mantinha com diversos setores da sociedade, a memorialista Ida Steinmüller consistia em um verdadeiro diplomata. A fluência no francês, que costumava praticar com seu pai, que era de origem alemã, só reforça, segundo ela, essa percepção. "Foi ele quem estabeleceu o padrão de qualidade, disciplina e referência do Senai, trouxe o Rotary Club para a cidade, foi um dos fundadores do Clube Campestre e, como intelectual, escreveu livros sobre a indústria, o Senai e até uma história de Campina Grande, além de publicar artigos semanalmente no *Jornal da Paraíba*", recordou ela.

Na coluna do jornal *A União*, Steinmüller traçou um breve retrato

da personalidade do educador e jornalista, de quem foi aluna na primeira turma de Auxiliar de Escritório do Senai, em 1971: "Era um homem muito formal, de fala calma, sotaque cearense, muito religioso, bem magrinho, andar cadenciado e sempre elegantemente bem vestido. Era deses que impunha respeito, em gestos e comportamentos". Ela destaca também que, mesmo quando estava em idade avançada, o professor Stênio não deixava de colaborar com iniciativas para resgate da história campinense, como a que a memorialista levou adiante por ocasião dos 50 anos do Clube Campestre, do qual também era sócio.

Quando ainda estava cursando Jornalismo, a repórter de *A União*, Samantha Pimentel, entrevistou o professor Stênio Lopes para um projeto de extensão da universidade, que culminou com a publicação do cordel-biográfico de autoria do poeta Manoel Monteiro. Ela recorda a serenidade e tranquilidade da forma de falar e das situações que ele enfrentou como diretor do Senai.

"Ele falou um pouco sobre sua vinda do interior, uma criança simples que foi galgando espaço e conquistando cada coisa a partir do estudo e de muito esforço. E isso se refletiu no tempo em que esteve à frente do Senai, pois ele sabia a dificuldade de cada jovem para conquistar aquela vaga e poder estudar, trabalhar e ter um futuro um pouco melhor. Era uma pessoa que prezava pela educação e pelo poder que ela tem de transformar a vida das pessoas", relembra.

José Stênio Lopes foi membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), sucedendo Ernani

Satyro na cadeira nº 17 da Casa. Publicou, entre outros, os livros *Velha Fazenda*, *Velhos Costumes* — que mereceu elogios da crítica especializada como a do imortal José Américo de Almeida: "Uma saga da criatividade brasileira, Campina Grande: luzes e sombras e Uma Escola e algo mais". "Ele escrevia com muita facilidade e de maneira compreensiva, procurando ir aos detalhes, explicar, definir e conceituar os assuntos, quase como uma aula. Era um estilo simples e moderno, mas muito atraente, porque chamava atenção e nos aproximava do que ele estava expondo", classificou o escritor Itapuan Targino.

José Stênio Lopes foi casado com Maria Leda, com quem teve sete filhos. Faleceu no dia 2 de julho de 2010, em Campina Grande, aos 94 anos.

Cedo o Senai de Campina Fez seu nome, foi em frente, Formando jovens artífices Reciclando muita gente, Resultando do processo Acelerando o progresso Da nossa indústria emergente (...)
Campina Grande agradece A Stênio, adotivo filho, por ter ajudado a por Nosso trem fábri! no trilho Com a chaminé fumando E a fumaça desenhando No céu, seu nome com Brilho

Fonte: *Stênio Lopes: um menino de interior... e suas lembranças*, de Manoel Monteiro (1937-2014)

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

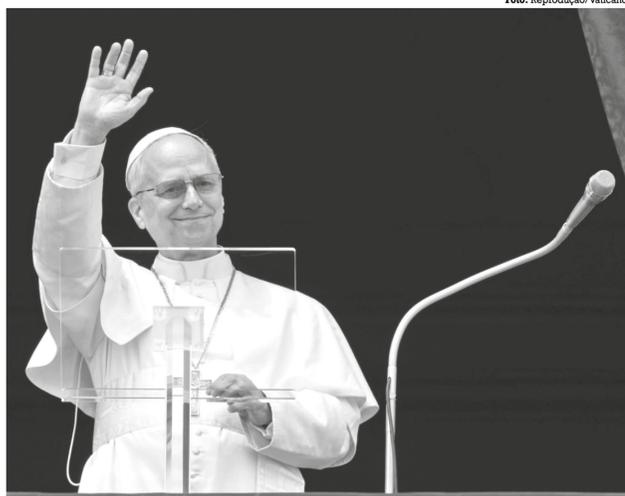
Nós, humanos, na época da reprodutibilidade pela inteligência artificial (IA)

Nas redes sociais, tenho acompanhado a publicação de amigos com rostos familiares, mas que também beiram o desconhecido, pois foram produzidos a partir do olhar da inteligência artificial generativa (IAGen). Com o início de um comando, as pessoas solicitam que a máquina crie uma foto profissional. O fundo da imagem é escuro e fornece um ar de mistério, mas com um certo quê de autoridade.

A imagem "cara-crachá" fica boa? Sim, mas me parece que lhe falta alma, aquele "je ne sais quoi". E aí me recordo de um texto lido lá atrás, ainda na graduação: *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, de Walter Benjamin.

O ensaio é do século passado, porém continua muito atual. Ao tratar da reprodução da obra de arte, o autor diz que, "mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra". Falta autenticidade à arte reproduzida, analisa Benjamin, assim como tal componente também inexistente nas imagens feitas por inteligência artificial. Não há quintessência, inexistente aura.

Por conta da IAGen, conseguimos agilizar várias atividades, fazer relatórios, resumir textos, criar imagens, mas também estamos acumulando perdas. A principal delas, talvez, esteja relacionada à nossa



Papa Leão XIV lança tema do 60º Dia Mundial das Comunicações Sociais: "Preservar vozes e rostos humanos"

capacidade cognitiva. Estamos deixando que máquinas pensem e decidam por nós. Estamos abdicando de refletir apenas para emitir comandos, os tais prompts.

Tudo isso, aliás, mais que justifica o tema do 60º Dia Mundial das Comuni-

cações Sociais 2026, lançado há poucos dias pelo Papa Leão XIV: "Preservar vozes e rostos humanos". No texto divulgado pelo Vaticano, destaca-se a influência da tecnologia em nosso cotidiano, desde a IA até os algoritmos. "(...) Embora essas

ferramentas ofereçam eficiência e alcance, elas não podem substituir as capacidades unicamente humanas de empatia, ética e responsabilidade moral", pontua o comunicado, divulgado em 29 de setembro.

Especificamente sobre a inteligência artificial generativa, o Vaticano ressalta que tal inovação oferece muitas possibilidades, mas também riscos reais, como geração de conteúdos envolventes, enganosos e manipuladores. "Também pode invadir a privacidade e a intimidade das pessoas sem o seu consentimento. Uma dependência excessiva da IA enfraquece o pensamento crítico e as habilidades criativas, enquanto o controle monopolista desses sistemas levanta preocupações sobre a centralização do poder e as desigualdades", destaca o documento.

O tema proposto pelo Vaticano — "Preservar vozes e rostos humanos" — alinha-se a uma discussão em voga na Dinamarca. Lá, debate-se um projeto de lei que visa proteger o direito dos cidadãos sobre seus rostos, voz e corpo. Sim, em terras dinamarquesas esse conjunto de itens humanos, rosto, voz e corpo, passará a constar como direito autoral.

Tanto na Dinamarca quanto aqui, há algo muito importante em jogo: o uso indevido dos nossos dados biométricos nas plataformas digitais. E não apenas isso. Está em risco a nossa aura, autenticidade e identidade.

Tocando em Frente



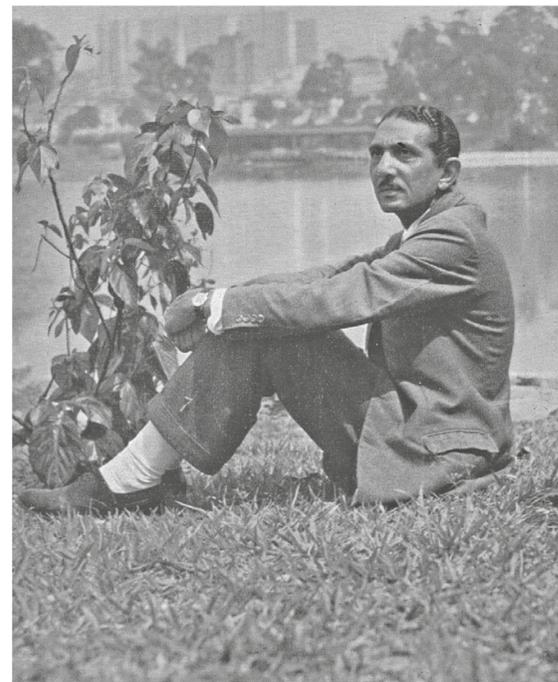
Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Do caipira ao sertanejo de raiz — Introdução

"A música caipira é uma crônica da vida no Brasil em determinada fase e numa determinada geografia. O registro da vida do homem — seus conflitos, paixões, trabalho, diversão, fraquezas, seus pontos de honra — foi feito por artistas que eram, em seu tempo, os maiores talentos naquele pedaço de chão" (apud José Hamilton Ribeiro).

Sabem bem os analistas e os estudiosos de nossa cultura que a Semana de Arte Moderna (de 13 a 17 de fevereiro de 1922) tinha como objetivo injetar uma nova postura no nosso universo cultural, quando havia uma espécie de domínio parcialmente reconhecido como um cenário do meio rural.

É certo que muita coisa preconizada por aquele movimento vanguardista foi contestada por alguns que se punham numa linha — pode-se assim dizer — meio antimodernista (conservadores, como se diria hoje), como aconteceu, por exemplo, em alguma escala, com Monteiro Lobato e, mais adiante, com Gilberto Freyre e Jorge Amado. Mas é incontestado que os efeitos da Semana de Arte Moderna proporcionaram um impulso que atingiu, obviamente, também a música. Mas não há como desconhecer que até Guilherme de Almeida, considerado um vanguardista moderno, já admirava a postura e a carreira musical de João Baptista da Silva (Cordeirópolis-SP, 1909—Guararema-SP, 1998), o João Pacífico, um dos pioneiros da música sertaneja autêntica, cujas cria-



Registro fotográfico de João Pacífico publicado na "Revista Sertaneja" (Prelúdio), em 1959

ções — "Chico Mulato" (com Raul Torres), "Cabocla Tereza", "Mourão da Porteira", entre outras tantas — já haviam ganhado notoriedade pelo interior sulista do país. E o que não dizer da criação, pelo próprio Monteiro Lobato, do personagem Jeca Tatu? Ele o havia criado e lançado em colunas de jornais, posteriormente editado, em 14 estórias que compõem a obra *Urupês* (1918). O fato é que o nosso Jeca, o caipira abandonado à própria sorte, vítima da fome, ainda hoje representa o trabalhador rural paulista e — por que não? — o nosso agricultor/roceiro, sertanejo do Nordeste brasileiro, decantado em prosa e verso pelo Brasil afora... Além do mais, hoje ele ainda permanece como uma espécie de símbolo de um país que já foi essencialmente agrário, no sentido primeiro que isso venha a significar.

No âmago da questão, surgem as causas que geram o sentimento de tristeza, dor, doência, desolação, o vazio, a saudade de algo que foi deixado para trás... Tanto é que qualquer semelhança com a realidade não terá sido mera coincidência; são talvez os resquícios das três etnias: o português degradado e saudosos, o aborígene que passou a exilado na própria terra e a população afro, subserviente, usurpada pela famigerada escravidão.

Em um cenário final e sucintamente, está aí a origem do que venha a ser a longa caminhada entre o estilo de música caipira e a conhecida como música sertaneja de raiz.



Eita!!!!

WINDOWS 10

Atualizações de segurança serão de graça na Europa

Medida obrigatória atende a pressões de entidades de defesa do consumidor

Alice Labate
Agência Estado

A Microsoft foi obrigada a tornar gratuitas as atualizações de segurança estendidas do Windows 10 para usuários do Espaço Econômico Europeu (EEE), que conta com os países da União Europeia (UE), além da Islândia, Liechtenstein e Noruega. A medida, confirmada na semana passada, atende a pressões de entidades de defesa do consumidor e ocorre a menos de um mês do fim do suporte oficial ao sistema operacional, previsto para 14 de outubro.

A decisão representa uma mudança importante na política da empresa, que, inicialmente, condicionava o acesso ao programa Extended Security Updates (ESU) à ativação do backup do Windows (recurso que exige uma conta Microsoft e sincronização com o serviço de nuvem OneDrive).

O ESU custa US\$ 30 por dispositivo e só é válido por um ano (até 13 de outubro de 2026), garantindo atualizações de segurança importantes para o Windows 10 mesmo depois de seu encerramento oficial, sem incluir recursos novos e nem melhorias no desempenho. Após essa data, dispositivos que permanecerem no Windows 10 ficarão sem suporte oficial, com risco de exposição a falhas de segurança.

A revisão da decisão foi resultado da pressão da Euroconsumers, gru-

po europeu de defesa do consumidor, que desde julho vinha contestando a prática com base na Lei de Mercados Digitais (DMA), norma da União Europeia que busca limitar abusos de grandes empresas de tecnologia.

“Estamos satisfeitos em saber que a Microsoft oferecerá uma opção gratuita de Extended Security Updates (ESU) para usuários do Windows 10 no Espaço Econômico Europeu”, informou a entidade, em carta enviada à Microsoft, no último dia 24.

No documento, a Euroconsumers celebra a retirada da exigência de backup em nuvem, que poderia levar consumidores a contratar planos pagos do OneDrive, e afirma que a prática levantava dúvidas sobre o cumprimento do artigo 6(6) da DMA.

Um porta-voz da Microsoft confirmou, na semana passada, a mudança em nota ao site *Windows Central*. “Estamos atualizando o processo de inscrição para garantir que ele atenda às expectativas locais e ofereça uma experiência segura e simplificada”, afirmou.

O posicionamento da companhia ressalta que a decisão restringe-se ao EEE, deixando consumidores de países como EUA e Brasil sujeitos às condições originais. Para empresas, a Microsoft continuará oferecendo até três anos adicionais de suporte, mediante pagamento, confor-

me já ocorre com versões anteriores do sistema.

Na carta à empresa, a Euroconsumers também critica a limitação do suporte a apenas um ano para consumidores e defende a extensão das atualizações até que a maior parte da base de usuários consiga migrar.

“O programa ESU está limitado a um ano, deixando os dispositivos expostos a riscos após 13 de outubro de 2026. Uma medida de tão curto prazo fica aquém do que os consumidores podem razoavelmente esperar”, escreveu a entidade.

O grupo argumenta ainda que a decisão acelera o descarte de computadores ainda funcionais, em contradição com a agenda europeia de sustentabilidade e redução de lixo eletrônico.

Dependência

Estimativas citadas pela Euroconsumers apontam que mais de 850 milhões

de dispositivos ativos ainda dependem do Windows 10, muitos deles incompatíveis com os requisitos de hardware do Windows 11, como o chip de segurança TPM 2.0.

A pressão contra a Microsoft não se limita à Europa. Nos EUA, a organização Consumer Reports também pediu a prorrogação do suporte no último dia 18, alertando que entre 200 milhões e 400 milhões de máquinas não podem migrar para o Windows 11.

Até o momento, a Microsoft não deu sinais de que vá rever a decisão globalmente. A empresa tem insistido na transição para o Windows 11, que desde o lançamento, em 2021, é apresentado como mais seguro e integrado a novos recursos de inteligência artificial (IA). Enquanto isso, consumidores europeus ganham um fôlego extra de um ano, e em condições mais favoráveis que o restante do mundo.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Benefício (1) = pro + dejetos (2) = lixo. **Solução:** extensivo (1) = prolixo.

Charada de hoje: Minha irmã (2) tem ódio (2) àquela praia (3). (Colaboração: Dr. Sebastião Costa).



Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Novo Frankenstein

Um monstro, criado por um cientista louco, cego pela ambição. Com previsão de estreia (limitada) nos cinemas no fim do mês e lançamento no streaming em 7 de novembro, o novo filme de Guillermo del Toro é um dos clássicos da literatura de terror gótico, de Mary Shelley (1797–1851): *Frankenstein*. A criatura (foto acima) será interpretada por Jacob Elordi (*Saltburn* e *Euphoria*) e o seu criador, Victor Frankenstein, será encarnado por Oscar Isaac (*Duna*). O elenco ainda conta com Mia Goth (*MaXXXine*), Christoph Waltz (*Jango Livre*), Charles Dance (*Game of Thrones*) e Lars Mikkelsen (*Ahsoka*). A seguir, algumas curiosidades sobre a obra e suas adaptações para o cinema.

Produtividade literária

Segundo a *National Geographic*, quando estava na mansão de Lord Byron, em 1816, Mary Shelley participou de uma espécie de competição estimulada pelo dono da casa, na companhia do poeta Percy B. Shelley, o namorado (e futuro marido) de Mary; o próprio Byron, e seu médico e secretário pessoal chamado John Polidori; além de Claire Clairmont, meia-irmã de Mary. Byron propôs que cada membro do grupo escrevesse uma história de terror. O resultado desse “retiro” foram dois textos considerados “obras-primas da literatura de fantasia”: *O Vampiro*, de John Polidori (antecessor de *Drácula*, de 1897, escrito por Bram Stoker) e *Frankenstein*, de Mary Shelley.

Nas telonas

A obra de Shelley ganhou várias versões cinematográficas. Uma das primeiras foi em 2010, pelo Edison Studios, dirigida pelo inventor Thomas Edison (1847–1931). A mais famosa é o clássico de 1931, com o ator inglês Boris Karloff (1887–1969), que marcou a cultura pop com o visual cheio de remendos e com os parafusos no pescoço. Em 1935, foi produzido *A noiva de Frankenstein* e, quatro anos depois, *O filho de Frankenstein*. Na adaptação *A Maldição de Frankenstein* (1957), da Hammer Films, apresentou o monstro interpretado por Christopher Lee (1922–2015). Nos anos 1990, foi a vez do shakespeariano Kenneth Branagh, com Robert De Niro no papel principal.

Legado visual de Boris Karloff

O filme de 1931, da Universal, tem o visual icônico criado pelo maquiador Jack Pierce, com a cabeça grande e retangular, os parafusos no pescoço e a cor verde. A adição dos parafusos no pescoço tinha a intenção de enfatizar a criação com eletricidade, algo que nunca foi mencionado no romance de Mary Shelley. Já a cor da pele do monstro é descrita como amarela no livro, contrastando com os cabelos negros e dentes brancos. A cor verde foi usada apenas no filme. O motivo: por ser originalmente em preto e branco, tons de verde transformavam-se em uma tonalidade pálida, quase cadavérica, que dava um ar assustador ao personagem e o diferenciava dos demais atores.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - título; 2 - imagem; 3 - casa do passaro; 4 - canudo do passaro; 5 - mdsca; 6 - edição; 7 - cabeça do passaro; 8 - boca da minhoca; 9 - mdsca.